MANUEL QUERINO

A raça africana

Livraria PROGRESSO Editora

A RAÇA AFRICANA
E OS SEUS COSTUMES

COLEÇÃO DE ESTUDOS BRASILEIROS

SERIE MARAJOARA — IN 4.º

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUESA	S. da Rocha Pita
HISTORIA DO BRASIL — (6 Vols.)	Robert Southey
CORRESPONDENCIA DE RUY	Affonso Ruy
A BAHIA DE OUTRORA (Ils. de Caribé e Ligia).	Manuel Querino
HISTORIA DE RUY BARBOSA	Rubem Nogueira
CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL	Camara Cascudo
ARQUITETURA COLONIAL	Robert Smith
OS HOLANDESES NO BRASIL	A. Varnhagen
O BRASIL (2 Vols.) Ed. Ilust.	Ferdinand Dénis

NO PRELO

O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL	Theodoro Sampaio
HIST. DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DO SALVADOR	Theodoro Sampaio
DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL	·
ESTUDOS DE HIST. COLONIAL	Luiz Monteiro
HISTORIA DO BRASIL	Raphael Gallanti
CORRESPONDENCIA DE JOAQUIM MARROCOS	Notas de A. Ruy
A BAHIA DO SECULO XVIII — Ed. Ilust.	Luiz Vilhena

SERIE CRUZEIRO — IN 8.º

O RIO S. FRANCISCO	Theodoro Sampaio
A ECONOMIA BRASILEIRA	R. Brito - G. Calmon
FRONTEIRAS DO BRASIL	João Ribeiro
CULTURA E OPULENCIA DO BRASIL	André J. Antonil
O ESTUDANTE NA HISTORIA NACIONAL	Renato Bahia
ANCHIETA	Pe. Pedro Roiz
PAGINAS DE HIST. DO BRASIL	Affonso Ruy
OS NATURALISTAS VIAJANTES (Ed. Il.)	Theodoro Sampaio
A RAÇA AFRICANA (Ed. Il.)	Manuel Querino
AMERICA MERIDIONAL	Lacondamine
VIAGEM AO BRASIL (Ed. Il.)	Hans Staden

NO PRELO

UM NATURALISTA INGLEZ NO BRASIL	C. J. F. Burnbury
DIARIO DA ESQUADRA DE LORD CROCKRANE	Fr. M.M.P. Dores
MISSÃO NO BRAASIL	Martin de Nantes
ASPECTOS DA ECONOMIA COLONIAL	

COLEÇÃO DE ESTUDOS BRASILEIROS — SERIE CRUZEIRO — VOLUME 9

MANUEL QUERINO

A RAÇA AFRICANA E OS SEUS COSTUMES

1955
Livraria PROGRESSO Editora
PRAÇA DA SÉ, 26 — SALVADOR — BAHIA — BRASIL

DO MESMO AUTOR NA MESMA EDITORA

A BAHIA DE OUTRORA
(Ed. Il. por Carybé e Ligia)

O AFRICANO COMO COLONISADOR

A ARTE CULINARIA NA BAHIA

NO PRELO:

BAILES PASTORIS

ARTES E ARTISTAS BAHIANOS

MANUEL QUERINO E A SUA OBRA

A contribuição de Manuel Querino, para o estudo da posição do grupo africano, na nossa cultura, é destas que não pode ser esquecida ou subestimada.

Superadas embora as suas conclusões, oriundas de um espírito de curioso autodidata, sem formação científica, e sem intuição metodológica, têm as suas observações o valor inestimável de haverem sido colhidas num instante em que o fenômeno da miscigenização racial e da aculturação, ainda não tinham, de certo modo, tirado aos seus costumes, ritos e tipos humanos, a puresa, ou pelo menos uma grande aproximação, dos padrões e fontes originárias.

Além disto, a sua ascendência africana, e a atitude de profunda simpatia e compreensão pelas crenças, hábitos e destinos dos seus irmãos de sangue, tornavam-lhe acessíveis os meios mais esotéricos dos cultos e das famílias negras, permitindo-lhe a coleta na fonte, dêste imenso manancial de informações que nos transmitiu, na simplicidade de sua prosa desconchavada e pitoresca.

Arthur Ramos, sem favor um dos grandes pioneiros dos estudos etnológicos e etnográficos no Brasil, apesar de todo seu entusiasmo pela obra de pesquisa científica, nêste mesmo setor, de Nina Rodrigues, contemporâneo de Querino, ressalta esta característica do trabalho do grande negro bahiano, que, sob tais aspectos é mais valioso, como conjunto de observações, que o do sábio maranhense.

A Livraria Progresso Editôra, que vem divulgando a sua obra, com a publicação de "A Bahia de Outrora", e "A Arte Culinária na Bahia", reune agora nêste volume quatro trabalhos de Manuel Querino:

"A Raça Africana e seus costumes na Bahia", tese apresentada ao 5.º Congresso Brasileiro de Geografia, e tão elogiada por João Ribeiro.

"O Colono preto como fator de civilização", tese apresentada ao 6.º Congresso Brasileiro de Geografia, onde se revelam certas facetas pouco conhecidas, dos hábitos do grupo preto na sua vivência autônoma.

O "Candomblé de Caboclo..." pequena contribuição para o estudo do sincretismo religioso, entre as crenças indígenas e africanas, publicada no vol. 45 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

"Os Homens de Côr Preta na História", trabalho publicado na Revista do Inst. Histórico e Geográfico da Bahia, vol. 48, no qual se denuncia a in-

tenção de uma coleta de dados, fichário em preparação, por assim dizer, para elaboração de obra de maior fôlego, acaso nos moldes de "Artistas Bahianos".

Com as próximas publicações dos "Bailes Pastoris", e "Artes e Artistas Bahianos", completará esta Editôra a publicação de sua obra, excetuados os livros didáticos, hoje já desatualizados, e dois ou três pequenos trabalhos de históriografia, de somenos valor.

Arthur Ramos, em ligeiros traços biográficos, que transcrevemos, assim esboça esta figura interessante do mestiço, que, a par de sua obra, constitui por si mesmo um curioso objeto de estudo.

"Manuel Raymundo Querino nasceu a 28 de julho de 1851, na cidade de Santo Amaro, na Bahia. A sua infância foi atribulada, como aliás tôda a sua vida. A epidemia de 1855, em Santo Amaro, levara-lhe os pais. Foi confiado aos cuidados de um tutor, o professor Manuel Correia Garcia, que o iniciou nas primeiras letras.

Tendo apenas o curso primário, Manuel Querino lançou-se à aventura, aos 17 anos, alistando-se como recruta, viajando pelos sertões de Pernambuco e Piauí, e ai unindo-se a um contingente que se destinava ao Paraguai, em 1865.

O seu físico franzino não lhe permitiu, porém, como era o seu desejo, combater nos campos do Paraguai. Ficou no Rio, onde, por suas habilitações,

ficou empregado na escrita do quartel, a que pertencia. Em 1870, foi promovido a cabo de esquadra, e logo depois teve baixa no serviço militar.

Voltando à Bahia, começou a trabalhar nas fainas modestas de pintor e decorador. Sobrava-lhe tempo, porém, para estudar francês e português, no Colégio 25 de Março e no Liceu de Artes e Ofícios, de que foi um dos fundadores. Com as suas inclinações para o desenho, matriculou-se na Escola de Belas Artes, onde se distinguiu entre os alunos. Obteve o diploma de desenhista em 1882. Seguiu depois o curso de arquiteto, com aprovações distintas. Obteve várias medalhas em concursos e exposições promovidos pela Escola de Belas Artes e o Liceu de Artes e Ofícios.

Distinguiu-se no magistério, exercendo os cargos de lente de desenho geométrico no Liceu de Artes e Ofícios e no Colégio dos Órfãos de S. Joaquim.

Interessou-se pela política. Foi republicano, liberal, abolicionista. Com Virgílio Damásio, Lélis Piedade, Spínola de Athayde e outros do grupo da Sociedade Libertadora Sete de Setembro, assinou o manifesto republicano de 1870. Fundou os periódicos "A Província" e "O Trabalho", onde defendeu os seus ideais republicanos e abolicionistas.

Combateu, na Sociedade Libertadora, e em outros núcleos, ao lado de Pamphilo da Santa Cruz, diretor da "Gazeta da Tarde", Eduardo Carigé, Sérgio Cardoso, Anselmo da Fonseca, Frederico Lisboa,

Rogaciano Teixeira, César Zama, e tantos outros, todos empolgados pela campanha abolicionista, na Bahia.

Manuel Querino foi um dos mais ativos trabalhadores do grupo, havendo escrito para a "Gazeta da Tarde", uma série de artigos sôbre a extinção do elemento servil.

Bateu-se pelas causas trabalhistas e operárias, tornando-se um verdadeiro líder da sua classe, em campanhas memoráveis que o conduziram à Câmara Municipal. "Ali — escreve um dos seus biógrafos, (1) — foi êle contrário às leis de exceções, ás reformas injustas, descontentando aos senhores da situação, mas ao mesmo tempo ganhando as simpatias daqueles que seriam prejudicados por tais reformas, que apenas serviriam para acomodar a amigos e protegidos da situação dominante. Nessa mesma ocasião formou um bloco com outros e por uma indicação fez voltarem aos seus cargos vários funcionários dispensados por uma reforma injusta; e isso custou-lhe a não reeleição, retirando-se satisfeito para a sua obscuridade, desvanecido de que soubera cumprir o seu dever, ficando bem com a sua consciência de funcionário público."

E assim foi tôda a sua vida. No seu modesto cargo de 3.º Oficial da Secretaria da Agricultura, sofreu os mais incríveis vexames. Foi consecutivamente preterido em tôdas as ocasiões em que lhe era de justiça a promoção. Esqueciam-no os poderosos

---

(1) Gonçalo de Ataide Pereira.

do momento. Secretários e chefes de serviço desinteressavam-se da sorte do Negro, que iria passar um dia à História do seu país. Onde estão todos êles? Quem se lembra de seus nomes? Servirão para se contar apenas, em futuro, a história do funcionalismo no Brasil, funcionalismo sem quadros técnicos fixos, oscilando entre as vontades dos poderosos do momento.

Manuel Querino foi bem o símbolo dêste tipo de funcionário médio, trabalhador e cumpridor dos seus deveres, mas sem as regalias desta colsa incrível que no Brasil foi batizada com o nome de "pistolão".

Foi reformado administrativamente em 1916. Amargurado e descrente, refugiou-se no Matatu Grande, no aconchego da sua família e dos seus amigos, ou nas reuniões do Instituto Geográfico e Histórico, onde pontificava Bernardino de Souza, com a palavra sempre cheia de entusiasmo pelas coisas do Brasil. O Instituto Geográfico e Histórico acolhia carinhosamente o brasileiro descendente de africanos, que tantas páginas decisivas escrevera sôbre o destino do seu povo em terras do Novo Mundo.

Os homens de ciência compensaram o que não souberam fazer os homens do govêrno."

*

* *

Manuel Querino faleceu a 14 de fevereiro de 1923. E então os seus trabalhos começaram a ter

certa notoriedade na Bahia. Escreveram-se louvores à sua memória. Os seus biógrafos contaram a história do humilde professor negro, do artista devotado ao seu trabalho, do exemplar chefe de família e amigo dedicado, do defensor das causas dos trabalhadores e operários do seu nível, do estudioso das questões do Negro no Brasil.

PINTO DE AGUIAR

BIBLIOGRAFIA DE MANUEL R. QUERINO

Organisada por Frederico Edelweess, e atualisada.

1. — DESENHO LINEAR DAS CLASSES ELEMENTARES — Bahia, 1903; 30 pags.
2. — ELEMENTOS DE DESENHO GEOMÊTRICO.
3. — OS ARTISTAS BAIANOS — «Rev. Inst. Hist. e Geogr. da Bahia», 1906; N.º 31, pag 43 — 115.
4. — CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS ARTES NA BAHIA — José Joaquim da Rocha; Rev. Inst. Geogr. e Hist. da Bahia»; 1908; N.º 34, pags. 79-82.
5. — TEATRO DA BAHIA — «Rev. Inst. Geogr. e Hist. da Bahia», 1909 N.º 35, pags 117-133.
6. — AS ARTES NA BAHIA — Bahia, 1909; 96 pags. — E' uma coleção de artigos publicados no jornal «Diário de Notícias», durante os anos de 1908 e 1909, sob o título de «Contribuição para a História das Artes na Bahia».

7. — ARTISTAS BAIANOS — Indicações Biográficas — Rio, 1909; XVIII e 207 pags. ilustrações no texto e 6 estampas no fim.

8. — CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS ARTES NA BAHIA — Os Quadros da Catedral; «Rev. do Inst. Geogr. e Hist. da Bahia, 1911; N.º 36, pags. 59-63.

9. — CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS ARTES NA BAHIA — Notícias Biográficas de Manuel Pessoa da Silva; ibid. pags. 137-144.

10. — ARTISTAS BAIANOS — (Indicações Biográficas) 2.ª edição melhorada, cuidadosamente revista; Bahia, 1911. IX, 258 e V. Páginas numeradas e 36 belas ilustrações de página inteira.

11. — EPISÓDIO DA INDEPENDÊNCIA — «Revista do Inst. Geogr. e Histórico da Bahia», 1913; Ns. 37-39, pags. 221-230.

12. — AS ARTES NA BAHIA — (Esboço de uma Contribuição Histórica) 2.ª edicação melhorada; Bahia;, 1913; 241 pags. numeradas.

13. — BAILES PASTORIS — Cidade do Salvador, 1914; 32 pags.

14. — A LITOGRAFIA E A GRAVURA — «Rev. Inst. Geogr. e Hist. da Bahia», 1914; n.º 40, pags. 36-38 com ilustrações de página inteira.

15. — A RAÇA AFRICANA E OS SEUS COSTUMES NA BAHIA — Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia, Bahia, 1916, VII e 294 pags. numeradas.

16. — A BAHIA DE OUTRORA — Vultos e Fatos Populares: Bahia, 1916. VII e 294 pags. números. Nêste livro vem reeditados os números 9, 11, 14, 17, 22 da presente lista.

17. — PRIMÓRDIOS DA INDEPENDÊNCIA — «Rev. Inst. Geogr. e Hist. da Bahia», 1916; vol. 42. Pags. 41-47.

18. — O COLONO PRETO COMO FATOR DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — Bahia, 918, páginas — Separata dos Anais do 6.º Congreso Brasileiro de Geografia, Belo Horizonte.

19. — CANDOMBLÉ DO CABOCLO — «Rev. Inst. Geogr. e Hist. da Bahia», 1919 vol. 45, pags. 235-236.

20. — A BAHIA DE OUTRORA — Vultos e Fatos Populares: Bahia, 1922, 2.ª ed. aumentada; VII, 301 e II páginas numeradas.

21. — O DOIS DE JULHO E A SUA COMEMORAÇÃO NA BAHIA — «Rev. Inst. Geogr. e Hist. da Bahia». 1923 Vol. 48, pags. 77-105; incompleto.

22. — VEIGA MURICI — ibid. Pags. 269-273.

23. — HOMENS DE COR PRETA NA HISTÓRIA ibid. Pags. 353-363.

24. — A ARTE CULINÁRIA NA BAHIA — Bahia, 1928; 39 pags. numeradas. Publicação póstuma feita por Alberto Morais Martins Catarino, aos cuidados de José Teixeira Barros.

25. — COSTUMES AFRICANOS NO BRASIL — Rio, 1938; ilustrado; 351 pags. numeradas. Organizado e prefaciado por Artur Ramos. Contém aquêles estudos de Manuel Querino que se referem à cultura e influência dos africanos no Brasil, ou sejam os números: 15, 18, 19, 20 (parte) e 24 desta lista.

26. — A BAHIA DE OUTRORA — LIVRARIA PROGRESSO EDITORA — 2.º Ed. 1946 — IN 8.º 332 pags.

27. — A BAHIA DE OUTRORA — LIVRARIA PROGRESSO EDITORA — 3.º Ed. 1954 — IN 4.º 352 pags. ilustrada por CARYBÉ E LIGIA.

A RAÇA AFRICANA E OS SEUS COSTUMES NA BAHIA

"Como pesquiza etnográfica, nenhuma das levas colonizadoras merece-nos mais atenção do que as importadas da Costa d'África e sua prole".

MELLO MORAES FILHO. — Tradições do Brasil.

Há mais de meio século, o sábio beneditino, Fr. Camilo de Monserrate, extranhando o pouco apreço e a nenhuma importância em que eram tidos os estudos referentes aos usos e costumes dos africanos, entre nós, traçou aos escritores brasileiros o seguinte roteiro, apenas iniciado pela malogrado professor Nina Rodrigues: «Conviria muito, pois, antes da extinção completa da raça africana, no Brasil, e, sobretudo, antes que desapareçam as variedades mais interessantes e menos vulgarmente conhecidas, apanhar dos próprios indivíduos, que as representam, informações que dentro de pouco tempo será impossível ou pelo menos muito difícil de obter. Há, entre os negros transportados da África, indivíduos oriundos de regiões do interior do continente, até onde nenhum viajante conseguiu ainda ir, e que não se acham mencionados em nenhuma relação publicada.

Pode-se ainda distinguir e estudar os tipos diversos, constatar-lhes autenticamente a orígem, interrogar os indivíduos sôbre suas crenças, suas línguas, seus usos e costumes, e recolher assim da própria bôca dos negros, tanto mais fàcilmente quanto é certo que êles falam a língua comum, informações que os viajantes só a muito custo obtêm, correndo grandes riscos em custosas expedições e ainda sujeitos aos mais graves erros». (1).

Não nos propomos a empreender um trabalho nos moldes indicados pelo ilustrado monge; entre outros motivos, por nos faltarem os requisitos indispensáveis a um estudo psicológico das tribos que por largos anos conviveram entre nós, e, sobretudo, porque se extinguiram, precisamente, os africanos que, sendo aqui escravisados, ocuparam, na terra natal, posição social elevada, como guia dos destinos da tribo, ou como depositários dos segrêdos da seita religiosa.

Assim, êste nosso trabalho é apenas um esbôço, uma como tentativa.

Apesar da reserva, rigorosamente mantida pelos africanos, com relação às suas práticas feiticistas, conseguimos colher, nas melhores fontes, seguras informações acerca da religião das tribos que aqui se extinguiram.

Tanto quanto nos foi possível penetrar os misteriosos recessos do rito africano, vencendo resistên-

(1) Rocha Pombo — *História do Brasil* — Volume 2.º.

cias oriundas da prevenção e da desconfiança, acreditamos haver apreendido as principais cerimônias que formam o corpo da seita.

Apreciando-se devidamente o coeficiente de contribuição da raça africana no caldeamento da população brasileira, não é para desprezar o estudo dos usos e costumes da mesma raça, aqui introduzidos e até certo ponto conservados, deliberamo-nos a escrever a presente monografia, no empenho exclusivo de prestar diminuto e desinteressado serviço às letras pátrias.

Não presumimos ter produzido um trabalho de nota; mas estamos convencidos de que não é êle inteiramente destituido de valôr.

O que podemos asseverar é que nos custou muito esfôrço e atividade, afim de que o resultado das nossas pesquisas tivesse o sêlo da verdade incontroversa, característica que é dos empreendimentos desta natureza.

As nossas investigações compreenderam os próprios africanos e estenderam-se aos seus descendente mais diretos, indivíduos sabedores das práticas religiosas dos ascendentes.

Incontestàvelmente, o fciticismo africano exerceu notória influência em nossos costumes; e nos daremos por bem pagos si o reduzido material que reunimos puder contribuir para o estudo da psicose nacional no indivíduo e na sociedade. E, aproveitando o ensejo, deixamos aqui consignado o nosso protesto

contra o modo desdenhoso e injusto por que se procura deprimir o africano, acoimando-o constantemente de boçal e rude, como qualidade congênita e não simples condição circunstancial, comum, aliás, a tôdas as raças não evoluidas.

Não. Primitivamente, todos os povos foram passíveis dessa boçalidade e estiveram subjugados à tirania da escravidão, criada pela opressão do forte contra o fraco.

Entre nós, o elemento português fez do africano e sua descendência a máquina inconsciente do trabalho, um instrumento de produção, sem retribuir-lhe o esfôrço, antes torturando-o com toda a sorte de vexames.

Quem desconhecerá, por ventura, o prestígio do grande cidadão americano Booker Washington, o educador emérito, o orador consumado, o sábio, o mais genuíno representante da raça negra na União Americana?

A luta que nobremente sustentou, no Brasil, o elemento africano, com heroismo inegualável, em favor de sua liberdade mereceu de ilustre escritor patrício êstes memoráveis conceitos: «Quem havia de pensar que êstes homens sem instrução, mas só guiados pela observação e pela liberdade, foram os primeiros que no Brasil fundaram uma república, quando é certo que ainda naquêle tempo, não se conhecia tal forma de govêrno, nem dela se falava no país?». (1)

---

(1) Rocha Pombo — *História do Brasil.*

O Padre Vieira, referindo-se aos naturais da Ilha de Cabo Verde, em carta dirigida ao confessor de S. S. Altezas, em 25 de Dezembro de 1652, externou-se assim: Há aqui clérigos e cônegos tão negros como o azeviche, mas tão compostos, tão autorizados, tão doutos, tão grandes músicos, tão discretos e bem morigerados que fazem invejas aos que lá vemos nas nossas catedrais».

Do exposto devemos concluir que, sòmente a falta de instrução destruiu o valor do africano. Apesar disso, a observação há demonstrado que entre nós, os descendentes da raça negra têm ocupado posições de alto relêvo, em todos os ramos do saber humano, reafirmando a sua honorabilidade individual na observância das mais acrisoladas virtudes.

NOS SERTÕES AFRICANOS

Passamos agora a dar notícia resumida de alguns costumes das tribos africanas, tais como se ainda observam em terras dos sertões do Niger e do Congo, notícia que colhemos de velhos respeitáveis e que nô-la deram sem reservas nem subterfúgios, porque em nós estas pessôas não viam mais do que um amigo de sua raça, ou quem, com sincera simpatia, sempre respeitou e soube fazer justiça à gente que o cativeiro aviltou, insultou e perseguiu, mas que não logrou jamais alterar-lhe as qualidades inatas, afetivas.

Muitos dos costumes que ora passamos a narrar deitaram raízes profundas no nosso meio; outros desapareceram por incompatíveis com o cristianismo dominante; outros modificaram-se tanto e se infiltraram tão sutilmente através da massa cosmopolita das nossas populações, que mui dificilmente se lhes reconhecem traços na vida da nossa sociedade atual.

Começaremos por descrever como, entre os Nagôs n'Africa Central, se pratica com os recem-nascidos e como se batisam as crianças. Estando a mulher nos últimos dias da gestação davam-lhe de beber uma infusão de folhas, na qual se embebia um retalho de pano com que se umidecia o corpo da parturiente. Dada à luz a criança, servia o pano para envolvê-la depois de lavada, dando-se-lhe de beber da mesma.

No umbigo do recem-nascido deitava-se um emplastro daquelas folhas maceradas. Durante três vêzes era a criança imergida n'água, do mesmo modo que pratica o indígena americano. Estava batisada, e em seguida entregava-se ao genitor. Decorrido algum tempo a criança era apresentada ao Sova da tribo, que confirmava o batismo, estendendo sôbre ela o seu manto.

Em diversos lugares observavam a seguinte prática: Duas mulheres grávidas faziam esta combinação: si dessem à luz a dois meninos seriam êles amigos e se fôssem menino e menina se casariam.

Outras vezes os casamentos eram contratados depois de nascidos os filhos, ainda em tenra idade.

Assim ajustados, os parentes do noivo mostravam o maior cuidado e interêsse pela noiva até o final, encarregando a um amigo de vigiar a rapariga em todo lugar.

Na ocasião aprasada concluiam o ajuste. Se o rapaz abusasse da intimidade, por ofensa ao pudor, era condenado a grande indenização e desterrado definitivamente para outra tribo; se o delito fôra mais grave, com intervenção da feitiçaria, nêsse caso a pena era capital, enterravam-no vivo, em pé, tendo, apenas, a cabeça fora do solo. Os parentes não se casavam entre si.

Na Africa Oriental, até o meiado do século passado, era observada com rigor, a *pena de Talião.*

O indivíduo que cometesse um assassínio e fôsse logo capturado, teria execução imediata, antes de ser sepultada a vítima. Quando o indigitado negava o crime, procediam do seguinte modo: o *Sova* mandava vir um *ídolo,* lavava-o e a água dava a beber ao delinquente, conforme se vê na *Estampa n.* 1.

Se o indivíduo vomitasse o líquido seria considerado inocente; no caso contrário, a condenação era inflexível. Armavam enorme fogueira, em presença dos parentes e amigos do criminoso, e, em momento dado, atiravam-no às chamas.

Diferentes eram os meios empregados na captura e apreensão de crianças e adultos, nos ínvios

sertões do continente negro. Autorizados pelo *Sova*, governador local, que participava das proventos do negócio (*vide Estampa n.* 2) e por isso entendia-se diretamente com os negreiros, exercendo ativa vigilância na costa para evitar a ação dos cruzeiros que vigiavam os mares, os traficantes de carne humana lançavam mão de toda a sorte de simulações, conducente aos fins que visavam.

As crianças começavam por entretê-las com *frutos, acassás, acaragés, pipocas* e outras iguarias atraindo-as para lugares ermos e distantes, entre cantigas e dansas. Ao anoitecer, os incautos, longe de suas choupanas, desconhecidos os caminhos, impossibilitados de voltarem, eram entregues aos mercadores. Com os adultos, variavam o processo da cilada: improvisavam-se mercados, e quando havia muita gente reunida davam o cerco, e bem poucos eram os que escapavam.

Outras vezes, procuravam trabalhadores para o amanho da terra, mediante rendoso salário; depois de alguns dias surgiam os agenciadores que se apoderavam, à viva fôrça, dos incautos negros. Em outras ocasiões, os interessados induziam os caçadores de homens livres a promoverem festas que, de ordinário, se efetuavam à noite. Em dado momento, surgiam os agenciadores a tocarem gaitas, a cantarem e a baterem palmas. Os que se divertiam, segundo combinação prévia, vinham ao encontro dêles, e nêsse momento fingiam uma agressão, que degenerava logo em conflito.

O grupo assaltante amarrava os prisioneiros e conduzia-os à presença do Sova que, imediatamente os remetia aos compradores, a trôco de fumo, aguardente, missangas, pano de algodão, espingardas e fardas velhas, facas, etc. Além disso, os próprios africanos vendiam-se uns aos outros: e nêste caso, as crianças furtadas eram logo marcadas com a tatuagem da tribo a que iam servir.

Havia também outros que se faziam escravos voluntáriamente, escolhendo o indivíduo a quem queriam servir; apresentavam-se dizendo que queriam vender o corpo. Isto combinado, recebiam o pagamento que constava de uma peça de zuarte, um frasco de aguardente e dois lenços.

Os escravos assim adquiridos não podiam ser vendidos fora do local ou exportados.

Em 1522, os mouros, rapazes e raparigas, devido ao apêrto da fome, ofereciam-se como escravos, sòmente para obterem a alimentação; e assim, embarcavam para Lisbôa e Sevilha, para onde os navios seguiam carregados. (1) As viagens do interior para o litoral tornavam-se penosas, pois, seguiam os negros algemados, com dupla canga de madeira que os prendia a dois e dois, pelo pescoço. A marcha durava semanas e meses através de rios e florestas, mal alimentados, sem repouso, cabeças descobertas expostas ao sol ardente, até o ponto de embarque,

---

(1) Vida de Fr. Luiz de Souza — *Curso de Literatura* por Sotero dos Reis, volume 2.º.

como fôssem, Lagos e toda a costa de Guiné, que se constituiam o maior empório de exportação de africanos para o Brasil.

Os árabes foram os maiores e mais ousados traficantes do continente negro; armavam caravanas para dar caça ao homem, e bem assim compravam a *mercadoria* humana aos chefes locais para revendê-la aos portuguêses e a outros compradores.

A crueldade dos árabes excedia ao que há de mais hediondo e deshumano. Se o escravizado não podia seguir o bando, era esfaqueado, enforcado ou deixado ao abandono, exausto de fome. «Sempre o mesmo motivo para o assassínio; furioso pela perda do seu dinheiro, o dono alivia a sua cólera matando o escravo que não pode continuar». (1) Os traficantes, ao receberem a *mercadoria*, marcavam-na com um ferro em brasa, nos peitos, nas costas, nos braços e no ventre, de acôrdo com a senha convencionada pelos consignatários no Brasil. De modo que, aqui chegando, cada qual distinguia o que era seu. Está averiguado que os primeiros escravizados chegaram ao Brasil em 1538, em uma *náu* pertencente ao famigerado Jorge Lopes Bixorda, que, muito antes, em 1512, levara para a Europa alguns indígenas como especímen do tráfico, ao prêço de três mil e setecentos réis, por cabeça.

E nessa razão eram dados aos tripulantes dos navios em pagamento de etapas vencidas ou trocados por mercadorias.

---

(1) Livingston — *Viagens de exploração*, página 95.

«Ainda que se sáiba que havia nêsse tempo escravos mouros em Portugal, todavia entre os documentos que indagamos, nenhum dá a entender que antes desta data outros tivessem vindo da Africa; foram pois, os negros de Bixorda as primeiras sementes que deviam fecundar a superfície d'América». (1)

Levados para bordo, completamente nús, os adultos ocupavam lugar no convés da embarcação e as crianças de ambos os sexos, se alojavam em tôrno do beliche do comandante.

Reproduzimos aqui o depoimento do Dr. Cliffe, testemunha ocular dos horrores do tráfico nefando:

«Os escravos são acumulados confusamente e deitados de lado, em uma mistura geral de braços, e pernas, de forma que é impossível a um dêles remexer-se sem que a massa inteira se remexa também. Na mesma embarcação formam-se às vêzes duas ou mais cobertas, apinhadas de escravos, e cuja altura não excede de pé e meio ou mesmo de um pé.

Êles têm assim o lugar preciso para conservarem-se deitados, ou por assim dizer, achatados; mas uma criança não poderia estar sentada nestas longas linhas de catacumbas... São servidos por um só homem, que faz descer-lhes uma cabaça de água e uma ração de alimentos. Sòmente aquêles que pa-

(1) Dr. Jaguaribe Filho - *Os herdeiros de Caramurú.*

recem mais abatidos, são içados para o convês, ao ar livre.

Os navios perdem às vêzes mais de metade de sua carga, e até cita-se o exemplo de um carregamento de 100 negros, dos quais só 16 sobreviveram à viagem.

Nada pode dar uma idéia dos sofrimentos a que êstes desgraçados estão sujeitos por causa principalmente da falta d'água. Como a presença a bordo de uma grande quantidade d'água e de barris expõe os negreiros ao apresamento, êles têm chegado, depois de cálculos de uma odiosa precisão, a reconhecer que, distribuindo uma vez de três em três dias a cada indivíduo a água contida em uma chícara de chá, isto bastaria para conservar-lhe a vida.

Nada igualmente pode dar idéia exata da imundície horrível de um navio carregado de escravos. Acumulados, ou antes embarrilados como se acham os negros, torna-se quase impossível limpar o navio, que é de ordinário abandonado, à falta de um Hércules assáz temerário para varrer essas novas estribarias d'Augias... Não resta dúvida de que, si um branco fôsse mergulhado na atmosfera em que vivem os desgraçados negros, seria imediatamente asfixiado.

Para fazer chegar 65 mil negros ao Brasil, fôra preciso arrancar 100 mil da Costa d'África, e dêsses 65 mil, morrem comumente 3, 4 ou 5 mil nos dois meses subsequentes à sua chegada.

«Se as antigas matanças de prisioneiros de guerra a fio de espada; se o degolamento dos inocentes; se as fogueiras ou autos de fé da inquisição, crimes perpetrados na praça pública e no meio do povo, parecem-nos horríveis, não obstante a diferença dos tempos; o que diremos dêsse novo gênero de suplício consumado, em grande parte, nas praias desertas ou nas solidões do oceano, entre o algoz e a vítima, e perante a majestade do supremo vingador de tôdas as vítimas?» (1)

A vigilância era rigorosa, afim de evitar que êles se atirassem ao mar, como por vezes acontecera, sendo que os mais salientes e perigosos eram presos a fortes argolas, cravadas no madeiramento do navio. Com toda propriedade assinalou êste fato o genial poeta do «Navio Negreiro», quando disse:

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nús.
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão.
. . . . . .

(1) Apud *Cartas do Solitário* — do Dr. A. C. Tavares Bastos Rio de Janeiro 1863.

Ontem plena liberdade
A vontade por poder...
Hoje... cúmulo de maldade!
Nem são livres pr'a morrer!»

A viagem para o Brasil era das mais infortunadas, não tanto pelas tormentas do Oceano, como pela extranha alimentação, resultando daí que, às vezes, o valor real da *mercadoria* não compensava os esforços e trabalhos do contrabandista de carne humana.

Em diversos pontos da África existiam feitorias ou casas de comissões, sendo certo que no porto de Ambriz havia duas de negociantes da Bahia, como fôssem, uma pertencente a Manuel Pinto da Fonseca, e outra a Ferraz Correia.

O receio de aprisionagem por parte dos cruzeiros inglêses tornava mais perigosa a travessia, pois que, em caso de captura, a *mercadoria* era livre e conduzida para o porto de Serra Leôa, e o navio negreiro metido a pique. O tripulante que escapava era submetido ao castigo do calabrote ou içado nas vergas a dois cabos de mergulho por baixo da quilha da embarcação.

Bem haja a pena infligida aos traficantes.

NA AMÉRICA PORTUGUÊSA

"... aos vinte anos, formei a resolução de votar a minha vida, se assim me fôsse dado, ao serviço da raça generosa entre tôdas que a desigualdade da sua condição enternecia em vez de azedar e que por sua doçura no sofrimento emprestava até mesmo à opressão de que era vítima um reflexo de bondade".

JOAQUIM NABUCO

Ao chegarem as levas de africanos nas águas da Bahia, dava-se-lhes desembarque franco no cáis d'Agua de Meninos, onde existiu, por muito tempo, um velho engenho. A despeito da proibição expedida em órdens régias, o tráfico negreiro avultava assombroso.

No século XVIII, escrevendo a D. João V, sôbre êste assunto dizia o Arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide: «Acima disse que havia nêle — (Arcebispado) — mais de *noventa mil almas,* e dêste número, certamente posso afirmar que muito mais de *cinquenta mil são escravos.* Acresce que um ano por

outro, da Costa da Mina e de Angola entram nesta cidade da Bahia, nas embarcações que os vão buscar àquelas partes, mais de dois mil escravos». Ainda são do venerando prelado estas palavras: «... o de que tratam, principalmente os compradores é de pôrem os escravos ao trabalho, e descuidam-se tanto de lhes ensinar a doutrina Cristã, que poucos são os que têm a fortuna de serem batisados dentro de um ano».

Entretanto, desde 1693, el-rei D. Pedro II expedira esta ordem, que não fôra cumprida, a julgar pelo que expuzera o prelado baiano: «Mandamos que, qualquer pessôa, de qualquer estado ou condição que seja, que escravos de Guiné tiver, os faça batizar e fazer cristãos, do dia que a seu poder vierem até seis meses, sob pena de os perder».

O govêrno podia decretar as leis que quisesse, que não moderaria a cobiça desordenada dos que aspiravam às riquezas sem amor ao trabalho; isso tanto mais quanto os agentes do próprio govêrno eram os mais interessados na divisão de prêsa tão ópima.

Depois da lei de 1831, que aboliu o tráfico de africanos, continuou, todavia, o tôrpe comércio ainda que com mais algum recato; os desembarques se faziam à noite, no trapiche *Bernabé*, e também no *Morro de S. Paulo, Barra Falsa,* e fazenda *Tobá*, longe das vistas dos cruzeiros nacionais.

Os escravizados eram vendidos no trapiche, sendo aí expostos, completamente nús, homens, mulheres e crianças, envolvendo-os os compradores em

tangas de cobertores de algodão, para assim darlhes ingresso em casas de família. (1)

O Argos Pernambucano, de 30 de Janeiro de 1850, denunciava à nação: "E' notório o escândalo com que se têm introduzido, na Bahia, reduzidos à escravidão, africanos livres, com a mais evidente conivência do govêrno».

O *Argos Sant'Amarense* foi mais preciso, afirmando que «o próprio presidente da província, no dia 21 de Outubro de 1849, ao anoitecer, desembarcara na Cidade de Santo Amaro um grande número de africanos novos que da Capital tinha levado em um barco, e os conduzia para seu engenho".

O cônsul inglês reclamava do govêrno da então província, medidas eficazes que proibissem a saida de sete navios que se aprestavam para o tráfico.

Solicitava ainda o representante do govêrno britânico que os navios fôssem desarmados, antecipando-se a violências que depois vieram. O *Argos Baiano,* comentando o fato observa: "E' preciso

---

(1) "Havia mais nesta cidade o terrivel costume que todos os negros que chegavam da Costa d'Africa a êste pôrto, logo que desembarcavam, entravam para a cidade, vinham para as ruas públicas e principais delas, não só cheios de infinitas moléstias, mas *nús;* enquanto não têm mais ensino, são o mesmo que qualquer outro bruto selvagem, no meio das ruas onde estavam sentados em umas tábuas, que ali se estendiam, ali mesmo faziam tudo quanto a natureza lhes lembrava, não só causando o maior fetido nas mesmas russ e visinhanças, mas até sendo o espetáculo mais horroroso que se podia apresentar aos olhos".

(Relatório do Marquês de Lavradio, Vice-Rei do Rio de Janeiro, em 19 de Junho de 1779).

confessar que só o govêrno e, principalmente o seu agente nesta província são os culpados de tôdas as violências praticadas pelo cruzeiro inglês". O eminente geógrafo Theophilo Lavallé, tratando do Brasil, escrevia:

«O Brasil é um país sem riquezas reais, sem indústrias, sem trabalho. A população se compõe de nobres orgulhosos e semi-bábaros, de comerciantes ávidos. de nômades selvagens e de negros que sofrem o pêso rigoroso da escravidão". De fato assim era. Só o africano era obrigado ao trabalho, amanhando as terras e colhendo os produtos da sementeira, porque o regimen estabelecido nêste país era a ambição do ouro sem o amôr ao trabalho. Até o clima servia de desculpa aos ociosos, e por isso dizia José d'Alencar: "O europeu não resistia; o índio não se sujeitara; compraram o negro».

Conduzidos os escravos às casas dos compradores, aí ficavam por algum tempo, não se lhes permitindo sair à rua, enquanto não compreendessem alguns vocábulos da língua portuguêsa.

Os africanos, aqui introduzidos, pertenciam a diversas tribos, como fôssem: *Cambinda, Benin, Gêgê, Savará, Maquí, Mendobi, Cotopori, Daxá, Angola, Massambique, Tápa, Filanin, Egbá, Iorubá, Efon,* ou cara queimada, *Quêto, Ige-bú, Ôtá, Oió, Iabaci, Congo, Galinha, Aussá, Ige-chá, Barbá, Mina, Oondô Nagô,* (1) *Bona, Calabar, Bornô, Gimun,* a

(1) O vocabulo *Nagô* abrange as tribos seguintes: *Mina, Iorubá, Ige-chá, Ige-bú, Efon, Otá, Egbá,* devido á grande exten-

gente predileta ou preferida dos olhadores etc., tribos de que temos aqui ainda alguns representantes, como se vê nas estampas n.ºs *3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12.*

O extensíssimo litoral que compreende a Serra Leôa e a Libéria, designado pelo nome de *Guiné* foi o imenso empório da grande exportação de africanos para o Brasil.

"Era principalmente para a Bahia, que fôra capital do Brasil durante muitos anos, que se encaminhavam os desgraçados filhos da adusta Líbia, e por isso os naturais de Guiné ainda hoje dão o nome de Bahia, ao Brasil, à América e até á Europa". (1).

"Os Minas, entre os quais se recrutou uma infinidade de escravos para a América, são homens de compleição atlética, pelo que no Brasil eram estimados como servos, ao passo que se tornaram temidos pela natural altivês, própria de homens nascidos para a liberdade".

Iorubás, Egbás e Quêtos, muito considerados em suas próprias terras, eram ali de ordinário preferidos nas posições locais. Os que mais se adaptaram à nossa civilização foram: o *Angola,* que deu o tipo do capadócio, engraçado, o introdutor da capoeira; o *Ige-chá,* o *Congo* e notadamente o *Nagô,* o mais

---

são de território que compreende as terras da Costa dos Escravos.

As tribos Egbá e Iorubá, as mais distintas, eram consideradas primitivas. (Nota de M. Q.).

(1) Onesíme Reclus — A *Terra Ilustrada*. pag. 674.

inteligente de todos, de melhor índole, mais valente e mais trabalhador. Os Gêges assimilaram um pouco os costumes locais, mas, não em tudo. Eram muito dados a tocatas, a dansas e um tanto fracos para o trabalho de lavoura. Os mais ferozes e turbulentos eram os Efon ou cara queimada.

Em geral, falavam os africanos diversos dialetos, que pareciam derivados de grupos de línguas diferentes; sendo a língua *Iorubá* a mais importante pela extensão do seu domínio no continente negro.

Os nomes acima citados indicam, apenas, localidades de nascimento ou de tribo onde a linguagem primitiva sofreu alterações, originando os diversos patuás.

A mistura de tantas tribos diversas na mesma cidade tornou isso uma Babel africana, de modo que se tornava comum, aos já aclimatados, no meio da conversação mal entretida, o emprêgo de têrmos da língua portuguêsa afim de se fazerem entender. (1)

O africano foi um grande elemento ou o maior fator da prosperidade econômica do país: era o bra-

---

(1) "O missionário Clark fez confronto lexicológico de 299 línguas africanas. Porém a obra mais completa, no gênero crítico e narrativo, obra que sintetiza e examina miudamente todos os trabalhos anteriores, é a de R. N. Cust. A ela pode recorrer, com grande utilidade, quem queira dedicar-se a investigação sôbre qualquer grupo africano, pois que, além de uma vasta indicação das fontes, encerra a exata e completa enumeração de muitíssimas línguas e dialetos".

Manual da Ciência da Linguagem, por Giacomo Grigorio, pag. 104.

ço ativo e nada se perdia do que êle pudesse produzir. O seu trabalho incessante, não raro, sob o rigor dos açoites, tornou-se a fonte da fortuna pública e particular.

«Nas fazendas os desgraçados sofriam a prática de um regimen de terror, porque o fazendeiro, temendo a rebeldia do negro, a reação da besta, trazia-os enfreiados, como que tolhidos de toda e qualquer ação intelectual, por um sistêma de deshumana disciplina. Inventou para êsse fim os mais perfeitos instrumentos de martírio — os troncos, as gargalheiras, as escadas, os bacalhaus cortantes, os sinetes incandescentes, as tesouras para cortar lábios e orêlhas, os anginhos e colares de ferro. De mais, quando o delito era gravíssimo, amarravam os negros e os metiam vivos no âmago das fornalhas ardentes dos engenhos». (1)

E praticavam essas atrocidades os que se diziam pioneiros da civilização e da cultura. Fôra êle o operário de tôdas as aplicações mecânicas e auxiliar de artes liberais.

Apesar das injustiças que sofreu, apesar de todo o esfôrço dispendido, toda a sua existência consagrava-se à formação de fortunas, que se transmitiram a mais de uma geração de senhores.

Raça benemérita, escarnecida, explorada «que atravessou três séculos de opróbrio e de opressão, maldita de todos, perseguida por uma infinda suces-

(1) Gonzaga Duque — *A Arte Brasileira*.

são de violências e vergonhas» pelos que viviam na ociosidade a ostentar luxo e grandeza, à custa do seu trabalho.

«O negro, fruto da escravidão africana, foi o verdadeiro elemento econômico, criador do país e quase o único.

«Sem êle, a colonização seria impossível, ao menos a dissipar-se a ilusão do ouro e das pedras preciosas que alentaram, em grande parte e a princípio, os primeiros colonos.

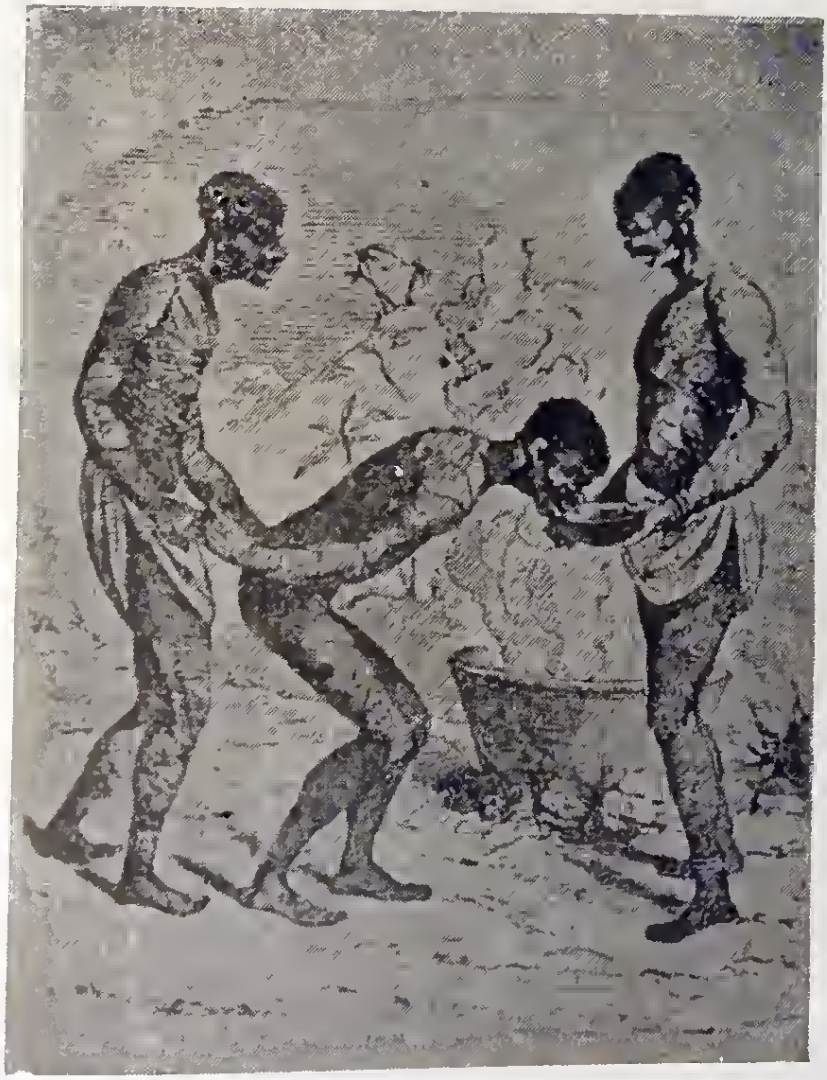
«Também por outro lado foi o negro o máximo agente diferenciador da raça mixta que no fim de dois séculos já afirmaria a sua autonomia e originalidade nacional». (1)

Em 1625, tendo o governador, D. Francisco Rolim de Moura, informado a El-Rei, Felipe III, do serviço que havia aqui prestado à côroa um africano, o qual durante a guerra dos holandêses, numa ocasião, trepado em um genipapeiro com um saco de pedras, matava a pedradas quantos holandêses podia alcançar, mandou El-Rei libertar o preto à custa da Fazenda Pública, e fundar a fortaleza no lugar do genipapeiro, com o nome de S. Antônio, por que Antônio se chamava o preto, a quem El-Rei fez capitão comandante da mesma fortaleza. (2)

---

(1) João Ribeiro — *História do Brasil.*

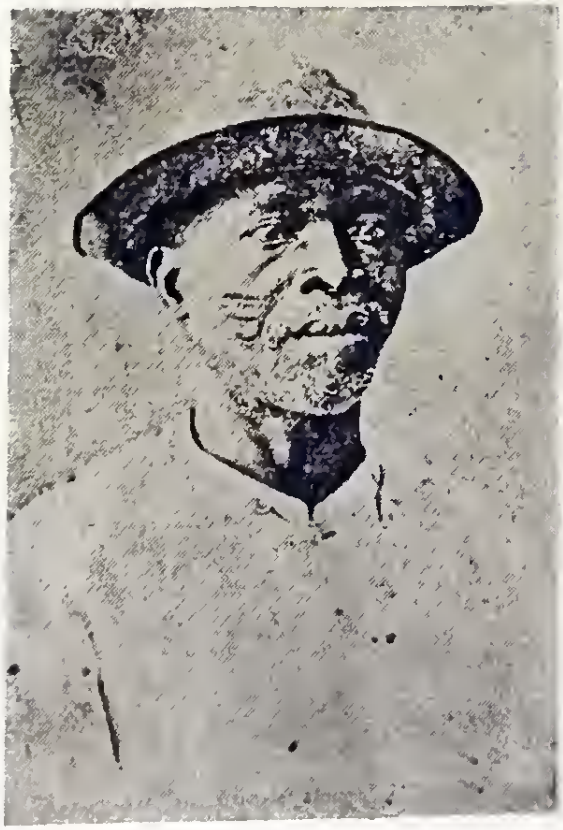
(2) Hoje serve de prisão civil denominada Casa da Correção, nesta cidade.



Estampa I — O criminoso a beber a água do "Santo"

Estampa II — O traficante examinando a mercadoria em presença do *Sova*

Estampa III — Representante da tribo *Igê-chá*



Estampa IV — Representante da tribo *Iorubá*

Estampa V — Representante da tribo *Igê-chá*. Descendente da família real

Estampa VI — Tipo *Benin*

Estampa VII — Tipo *Igê-chá*

Estampa VIII — Tipo *Iorubá*

Estampa IX — *Oondó Igê-chá Igê-chá*

Estampa X — Tipo *Gége*

Estampa XI — Tipo *Igê-chá*

Estampa XII — Representante da tribo *Igê-chá*

Como defensor do território nacional diz ilustre historiador patrício: «Não se pode fazer uma idéia das conjunturas em que se viram as primeiras feitorias e os primeiros núcleos da costa, aqui, à mercê, quase indefesos, de investidas formidáveis dos gentios. Não fôsse o braço forte do negro o que teria sido daquelas tentativas de fixação e domínio?

«Quando começaram a entrar os africanos, a sua função principal foi a das armas, na repulsa às temerosas agressões das hordas indígenas». (1)

«Os negros africanos, importados no Brasil desde os primeiros tempos do descobrimento, sempre se mostraram dígnos de consideração, pelos seus sentimentos afetivos, resignação estoica, coragem, laboriosidade».

Concorreu como auxiliar direto para a emancipação política do Brasil, de modo que, conquistou a liberdade para aqueles que depois disso os conservaram na escravidão.

Durante a luta da independência, na Bahia, criaram-se batalhões de milícias compostos de crioulos, sob a denominação de *Legião dos Henriques*, em homenagem aos grandes feitos d'armas contra os holandêses, em Pernambuco, praticados pelo valente cabo de guerra Henrique Dias.

A essa legião foram incorporados alguns batalhões compostos de africanos, sendo o comandante

---

(1) Rocha Pombo — *História do Brasil.*

de um dêles o tenente coronel João Batista de Faria, africano falecido na cidade da Cachoeira onde exercia o lugar de procurador do fôro. Êste oficial fez parte da companhia de veteranos que deu guarda de honra a S. M. D. Pedro II, por ocasião de sua visita a esta província, em 1859.

Conta-se que o africano Domingos de tal, morador à Ladeira de S. Teresa, costumava aí dar funções de *candomblés* e, numa dessas ocasiões, foi-lhe cercada a casa pela polícia. Exibindo a sua patente de tenente de milícias, teve que ser recolhido à sala livre do Aljube. Um outro, sendo convidado a comparecer na polícia, acusado de ter sido parte num levante, em lá chegando fôra mal recebido pela autoridade. Imediatamente colocou no peito a venéra Ordem de Pedro I, e a autoridade moderou logo o seu máu humor.

Francisco Nazareth, africano, capitão de milícias, exerceu, por muito tempo, o lugar de mestre da banda de barbeiros denominada — Terno —. Como se vê, o africano prestou valiosos serviços à conservação da unidade territorial e defesa da integridade nacional, serviços que não foram devidamente compensados.

Com resignação evangélica suportou todos os martírios da *civilização brasileira;* nunca, porém deixou de ser o tipo da fidelidade, tendo por apanágio a gratidão.

«A escrava martirisada ontem pela senhora, toma-lhe hoje o filho e o cria, amorosa, solícita, com o cuidado e a ternura da maternidade desinteressada».

Por ocasião do levante de 1835, o africano liberto Duarte Mendes e sua parceira Sabina da Cruz, denunciaram ou preveniram a insurreição planejada, prestando dêsse modo relevante serviço à população da capital. A assembléia provincial, tendo em aprêço êsse ato de fidelidade, pelas leis n.ºs 344, de 5 de Agosto de 1848, e 405, de 2 de Agosto de 1850, dispensou os referidos africanos do pagamento dos impostos provinciais a que eram obrigados.

Se o elemento africano não teve notória influência, no que diz respeito à moral, no meio em que viveu também não destruiu o que encontrou; ao contrário, foi um sustentáculo persistente dos bons costumes, no regimen doméstico.

Como é sabido, refere conceituoso escritor nacional, — a raça preta não só tem modificado o caráter nacional, mas, tem até influido nas instituições, nas letras, no comércio e nas ciências do país. «Vivendo conosco no tempo e na ação os escravos dominaram às vezes de tão alto que a êles devemos ensino e exemplos». (1)

(1) Mello Moraes e Filho.

CULTO FEITICISTA

O culto religioso aqui professado pelos africanos era uma variante do *Sabeismo,* com adições extravagantes de objetos e sinais tão confusos quanto bizarros. (1).

Esta circunstância, porém, não obstou a que êle ficasse entranhado em nossos costumes, de modo que os descendentes mais diretos da raça negra ainda conservam as práticas dêsse rito, sem que, de todo, pessoas de outras classes, as abominem, antes as observam, quanto possível, clara ou veladamente.

OS OURIXÁS (2)

Cada invocação feiticista tem o seu *ourixá* que é a representação simbólica do santo. (3) Assim se diz: *Ourixá de Xangô, de Yêmanjá,* etc.

---

(1) A magia era reservada aos reis e sacerdotes.

(2) Sôbre o assunto, consulte-se "Orixás", da "Coleção Reconcavo", em que Carybé, reproduz em admiraveis desenhos, os símbolos, indumentária e instrumentos musicais, do ritual feiticista. — Ed. da Livraria Progresso Editora — 1955.

(3) Os idolos de pequenas dimensões têm os nomes de *Oché* ou *Inché,* conforme a tribo.

O africano já trazia a seita religiosa de sua terra; aqui era obrigado, por lei, a adotar a religião católica. Habituado naquela e obrigado por esta, ficou com as duas crenças. Encontrou no Brasil a superstição, consequência fatal aos povos em sua infância. Fácil lhe foi aceitar para cada moléstia ou ato da vida um santo protetor, por exemplo: para as moléstias de garganta, S. Braz; casos de *feridas* e *chagas,* S. Roque; contra o *raio,* S. Bárbara; contra a *peste,* S. Francisco Xavier; contra *bicheira de animais,* S. Marcos; contra *queimaduras,* S. Lourenço; para o casamento, S. Gonçalo. Santo Antônio, então, era solicitado a propiciar mui diversas e numerosas pretensões: dar conta de escravos fugidos, de objetos perdidos, etc. Destarte não teve o africano dificuldade em encontrar uma como semelhança entre as divindades do culto católico e os ídolos do seu feiticismo, conforme o poder milagroso de cada um.

Assim é que a Santo Antônio chamou *Ogun;* a S. Jorge, *Ochossi;* á Santa Ana, *Anamburucú;* á Santa Bárbara, *Iansan;* a S. Jerônimo, *Baraú;* a S. Bento, *Humoulú;* á N. S. do Rosário, *Iêmanjá;* á N. S. da Conceição, *Ochun;* a S. Francisco, *Rôco,* abrandando o som forte da primeira consoante, simbolicamente representado por uma gameleira velha ou figueira brava; e S. Caetano, pela gameleira nova.

Ossonhe é um outro *ourixá* e corresponde ao *Caipóra* que só tem uma perna. O africano nutre a mesma crença do indígena, nêste particular. "O *Caa-*

póra, vulgarmente *Caipóra* veste as feições de um índio anão de estatura, com as armas proporcionadas ao seu tamanho, habita o tronco das arvores carcomidas para onde atrai os meninos que encontra desgarrados nas florestas. Outras vezes divagam sôbre um *tapyr* ou governam uma vara de infinitos *caititús* cavalgando o maior deles. Os vagalumes são os seus batedores, e é tão forte o seu condão que o índio que por desgraça o avistasse era mal sucedido em todos os seus passos. Daqui vem chamar-se caipóra ao homem a quem tudo sai ao revés!" (1).

GUNUCÔ

E' a divindade das florestas, quer dizer *fantasma*. Só aparece ou se manifesta uma vez por ano, salvo invocação para consulta prévia.

Suas manifestações provocam receio.

A' noite, num bamburral, aumentando e diminuindo de tamanho, êle só aparece aos homens que o recebem com trajos especiais.

Dá consultas, prevê os males futuros e ordena a observação de preceitos contra o que está para acontecer. E' santo pertencente á tribo dos — *Tapas* e o *Nagô* dá-lhe o nome de *Ourixá-ô-cô*.

Tem a propriedade de não chegar á cabeça das mulheres, isto é, não está sujeito a invocações.

---

(1) Gonçalves Dias *Obras Póstumas*, Vol. VI, pag. 130.

O *arco-iris* é chamado *Ochum-maré,* isto é, filho d'água.

Cada invocação possue ainda dois nomes representativos. Assim, se um homem e uma mulher se consagram á Santa Bárbara, o anjo da guarda do homem é *Changô,* o da mulher é *Iansan,* pois que as duas entidades representam S. Bárbara.

As filhas de santo (1) são obrigadas a dois trajos característicos: um é exigido nos dias festivos da seita, e por isso é conservado em poder da *mãe de santo;* (2) o outro é destinado aos dias de preceito, á sexta-feira de cada semana, embora seja usado em outros dias. Dest'arte, as mulheres feiticistas se tornam entre si conhecidas; e no entanto, essa circunstância passa despercebida ás pessoas indiferentes ás manifestações exteriores do culto.

Os trajos variam conforme o santo: se a roupa é branca, as filhas de *santo* são obrigadas a trazer contas, pulseiras de búzios e adereços de pescoço da mesma côr; e não lhes é permitido tratar de qualquer negócio tendente ao *orago* sem as vestes da seita, pois cada *encantado* tem o seu emblema característico.

Os dias da semana são assim consagrados aos diversos santos na religião da tribo:

Segunda-feira é de *Humoulú.*

---

(1) *Filha de santo* ou *feita* é a designação que se dá á mulher que, depois de satisfazer as obrigações do rito, tem entrada no grêmio feiticista.

(2) *Mãe de santo* é a mulher que dirige o *terreiro.*

Terça-feira	" "	*Anamburucú.*
Quarta-feira	" "	*Iansan* e *Changô.*
Quinta-feira	" "	*Ochóssi* e *Ogun.*
Sexta-feira	" "	*Oxalá.*
Sábado	" "	*Iêmanjá* e *Ochun.*

A distribuição dos santos pelos dias da semana, acima indicada, não obedece a uma regra geral, por isso que cada tribo o faz a seu modo.

As *pestes* consideradas pelos feiticistas são quatorze: cada uma possue o seu santo, a que o povo recorre, e cada santo tem ainda o seu alimento especial, para a fatura do *Ebó.*

Humoulú, o santo da varíola e *Aruarú,* o do sarampão, comem galo, bóde e preparados de milho; *Changô,* come galo e carneiro; *Oxalá,* cabra e pombo; *Ogun,* come carne verde, galo e galinha de Angola. A palavra — *Deus* — entre as diversas tribos tem designação especial: em *nagô* é *Olorún;* em congo — *Zambi;* em gêge — *Niçasse.*

Senhor do Bomfim, em nagô é *Oxalá;* derivado de Och — Allah, (1) o que revela ter o Nagô uns láivos do maometismo; em gêge — *Oulissá;* em Angola — *Cassumbecá;* em Tapa — *Indacon de jegum.*

Senhora Sant'Ana, em nagô é *Anamburucú;* em gêge — *Tobossi.*

---

(1) Artur Ramos contesta esta etimologia em "O Negro Brasileiro".

Invariàvelmente, o africano antes de começar o sacrifício de animais, costumava implorar da Providência aprovação do ato que vai praticar. Assim dizia o Nagô: *Caô — cabê em si — lobá* (Todos os santos que nos ajudem).

O Angola, porém, pronunciava o nome do santo em português, acrescentando a terminação — *iombá,* exemplo: — Santo Antônio — *iombá.*

O rei, em nagô tem êste título:

Oubá ê quê — d'Ourixá. Quer dizer: Companheiro de Deus.

A rainha — *Ouberém Oubá.*

O feiticista (1) crê que satanás, por ter sido expulso do paraíso, não perdeu de todo o poder que lhe fôra outorgado por Deus. Êle acompanha todos os nossos atos, e para evitá-lo é forçoso dar-lhe de comer, pois assim entretido nenhuma interferência perniciosa exerce nos destinos da humanidade.

Nos dias de segunda-feira faz-se o despacho de *Exú* — (Satanás): consiste em atirar á rua pipocas e farinha com azeite de dendê.

No dia primeiro de Janeiro costumavam dar uma função, para a qual cotizavam-se com antecedência;

---

(1) Em mais do um lugar empregamos os vocábulos feiticista e feiticismo, em lugar de fotichista e fetichismo — pois vernáculas são as palavras — feitiço, feiticeiro, feitiçaria.

"Le mot portugais *feitiço* (forme savante *facticio*) s'est introduit dans le français sous la forme *fétiche,* et ainsi modifié est revenu dans le vocabulaire portugais, sans faire aucunement disparaître sa forme antérieure". F. Adolpho Coelho — *Formes divergentes des mots portugais* — in *Romania* — 1873 apud *Notas Lexicologicas* por M. de Mello — Rio 1889.

era a festa chamada de — *A-i-ê;* isto é, festa de todos. O objetivo era cumprimentar o ano novo, augurando felicidades e bôa colheita na agricultura.

CARACTERES simbólicos de alguns "santos" do feiticismo: *Santa Bárbara — (Iansan):* uma espada, a pedra do ráio, contas vermelhas á imitação de corais e pulseiras de latão; *S. Jerônimo — (Changô):* lança, pequeno bordão, contas brancas e vermelhas; *Senhor do Bomfim — (Oxalá):* cajado com pequenas campas, pulseiras e contas brancas; *S. Jorge — (Ochóssi):* contas azuis, arco e flexa, bornal, polvarinho, enfim todos os petrechos venatórios, pois êle é considerado caçador; *S. Bento — (Humoulú):* lança, pequena vassoura, pulseira, ambas enfeitadas de búzios; *S. Francisco — (Rôco):* tecido de palha em redor do tronco de gameleira, tendo por cercadura uma tira de madrasto, a que dão o nome de *Oujá; N. S. do Rosário — (Iêmanjá):* espada, contas brancas — conhecidas por — pingos d'água; *N. S. da Conceição — (Ochun):* leque, pulseira de latão e uma pequena campa; *N. S. Sant'Ana — (namburucú):* espada, pequena vassoura de palha enfeitada de búzios; *S. Antônio — (Ogun):* safra de ferreiro, foice, cavador, pá, enxada, lança, malho, todos êstes objetos de ferro, e bem assim as contas *pingos d'água* e outras verdes.

O PEGI

E' um como santuário, onde domina o «santo», e ficando comumente instalado no interior da casa.

O «santo» é representado por pedras, búzios e fragmentos de ferro, conforme a invocação, e encerrado tudo isso em uma urna de barro da conformação de uma sopeira.

Rodeiam o vaso sagrado quartinhas de tamanhos diversos, pratos, porcelanas, enfeites de penas e de papel.

Num dos dias da semana varre-se o santuário, substitue-se a água das quartinhas, renova-se a comida dos pratos. Cada invocação tem sua comida especial: *Humoulú* — alimenta-se de *ourôbô* e *pipocas; Changô* — de carurú, e assim por diante. A êsse trabalho chamam — fazer *Ossé.*

Uma vez no ano, o pai ou mãe do terreiro, pois essa função pode ser exercida pelo homem ou pela mulher, é obrigado a dar uma festa, sem embargo de qualquer pessoa iniciada ou *feita,* conforme a gíria da seita, poder festejar o seu santo. No candomblé do Gantois, um dos mais concorridos, observam o seguinte ritual.

O INHAME NOVO

E' o tributo de homenagem prestado a *Oxalá,* o santo principal do terreiro. E' o início das festas do feiticismo. Na primeira sexta-feira do mês de Setembro, a *mãe do terreiro* reune as *filhas de santo* e se dirigem á fonte mais próxima, com o fim de captarem, muito cedo, a água precisa á lavagem do santo. Finda esta cerimônia, o santo é recolhido ao *Pegi.*

Logo em seguida sacrificam um caprino, que é cosido juntamente com o inhame, não sendo permitido o azeite de dendê, que é substituido pelo limo da *Costa*. Retirada do fogo a refeição é distribuida pelas pessoas presentes, que depois se retiram.

Decorridos três sóis começam as festas. Entre as cerimônias sobresai a seguinte: a mãe do terreiro, munida de pequeno cipó bate nas costas das pessoas da seita. E' a disciplina do rito e tem o efeito de perdoar as ações más praticadas durante o ano.

A *estampa n. 14* representa a *Cascata da Sereia*, no Pegi do Gantois.

E' dedicada a *Ochun* e está aí representada ao lado esquerdo por uma sereia, assim como os leques que se vêem de um lado e do outro. O navio que se ostenta no alto exprime o cumprimento de uma promessa.

As pequenas bacias cobertas de guardanapos contêm as pedras e o metal amarelo que representam o mistério da santa. São por isso vasos sagrados.

A *estampa n. 15* representa o *altar mór do Pegi*. E' consagrado a — *Baiáni* — divindade da tribo — *Iorubá*, aí representada pelos três *filás*, — espécie de capacetes ornados de búzios, assentados sôbre marroquim de côres diversas, contendo guizos nas extremidades. Cada capacete tem dezeseis correias pendentes e enfeitadas de búzios. Nos dias da festa as *filhas de santo* dansam com filás na cabeça. Do

lado esquerdo está uma escultura de pequena dimensão: é o símbolo de Santa Bárbara. Do lado direito, sob pequeno cortinado, encontra-se o mistério da Santa.

Dos dois vasos á direita, um contém água, e o outro vinho consagrado á santa, fabricado conforme as prescrições do rito.

A *estampa n. 16* representa o santuário de *Humoulú;* é separado dos outros e distante da casa do *terreiro,* pois divergem as comidas e aparatos do culto. Na parte superior vêem-se os diversos símbolos do *santo:* um mólho de piassava ou fibra de dendezeiro macho, enfeitado de búzios, contas encrustadas em marroquim e uma cabacinha contendo o mistério, além de duas pequenas lanças de ferro com cabos de madeira. Na parte inferior estão dispostos os vasos sagrados, onde depositam o sangue dos animais sacrificados.

As quartinhas não podem estar vasias, contêm continuamente água, cuja renovação se faz de oito em oito dias.

Por trás do Hospício de S. João de Deus existiu o *Pegi* do candomblezeiro Manuel Changô, uma casa comum de táipa, e que em toda a extensão do frontespício havia, em caracteres salientes, esta inscrição:

"Paó — malú — boxangou — Ilêban Jabalaio — Bamboxê — Biticuó — Obarahi — omo-ô". (Casa de oração com indicação dos santos aí venerados).

Julgamos ter sido êste o único *Pegi* que apresentava qualquer legenda exterior, e daí a nossa curiosidade em reproduzí-la.

O IFA'

E' uma divindade representada por dois vasos, contendo cada um dezeseis frutos de *dendê* que apresente sòmente quatro olhos ou sinais de orificio. Para *olhar* com o *ifá* encerram-se os frutos nas mãos, que se sacodem de um lado para outro. A' proporção que os *ifás* caem, um a um, o *olhador* vai predizendo o que ha de acontecer.

E assim, satisfaz à consulta que lhe é feita, mediante pequena soma pecuniária.

OLHAR OU ADIVINHAR

E' consultar os destinos da vida.

O vidente, que também se chama — *Baba-la-ô*, prevê o que está para suceder, e esta só circunstância cria-lhe grande clientela, até mesmo entre pessôas qualificadas.

Realmente, não deixa de ser interessante conhecer alguem as surpresas que lhe reserva o destino ou a fortuna.

Consultado o *olhador* ou *vidente* e, ao proferir êste a resposta que se pretende, impõe êle certas

obrigações a que o consulente não pode faltar, sob pena de ser vítima de qualquer acidente ou desgraça, a que não é extranho o santo invocado.

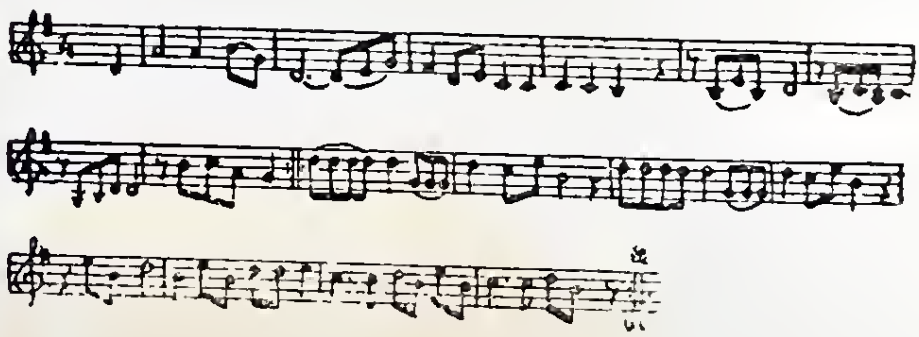
Em África, o *rei* ou *sova* não saía á rua sem que primeiro o vidente fosse ouvido e désse sua opinião, que seria respeitada, e como responsável pelo que pudesse acontecer, seguia á frente da comitiva real.

Era esta a saudação do rei, quando saía á rua para assistir a qualquer festividade pública:

Iá irê, yá ú laxê,
Irê tá a ui, eberi coman
Oubá êquê d'ourixá, oubá tôtô.

(Nossos louvores, nem todos conhecem.
E por isso, não sabem o que pedimos a
Deus.
Viva o rei; acima do rei só Deus).

A saudação era acompanhada de instrumentos, que executavam a composição que se segue:



Estampa XII-a — A antiga mãe de terreiro do Gantois. Tipo *Egbá*

Estampa XIII — Os *Ourixás*

1 — *Ossilú,* Espada de *Ochun*
2 — Idem Idem
3 — *Ochê* ou *Ichê* de *Changô*
4 — Leque de *Ochun*
5 — *Iruquéré,* cauda de boi *(Ochossi)*
6 — *Ourixá* de *Yêmanjá.* A gamela que se vê na cabeça chama-se *Opon;* serve para conduzir os atributos de Santa Bárbara ou de *Ochun*
7 — *Ourixá* de *Ochun*
8 — Iché de *Ibualama*
9 — " " *Ochóssi*
10 — " " *Ochun*

Estampa XIV — A Cascata da Sereia, 2.ª parte — Pegi, Santuário, Candomblé do Gantois

Estampa XV — Altar mór do Pegi

Estampa XVI — Santuário de *Humoulú*

Estampa XVII — A dansa das quartinhas. Festa de *Ochóssi*

Estampa XVIII — Ganhadores no canto

Estampa XIX — Candomblezeiros em grande gala

Os instrumentos do *olhador* são: *Oubi, Ourôbô, pimenta da Costa* e o *opélé-ifá,* espécie de rosário, cujos padre-nossos são representados por caroços de manga, em pequenas rodas.

A's vezes contém dezeseis moedas de prata. A's mulheres só é permitido *olhar* com búzios.

Adivinhador, — *Olhador, Babala-ô* são designações aplicadas aos indivíduos que têm o privilégio de prever o futuro e descobrir também os malefícios praticados por outrem.

Curandeiro — é o indivíduo que pratica a medicina, prepara drogas e medicamentos, sem outra intenção que não seja bemfazeja.

Candomblezeiro — é um sacerdote do rito feiticista: sua missão é preparar postulantes para receber o *santo,* e dirigir os atos da cerimônia litúrgica. O *Feiticeiro* pode acumular as funções de *olhador;* mas, todo o seu trabalho consiste em causar dano a outrem: é o malfeitor da seita. Se o indivíduo procura fazer mal a alguém e é atingido pelo mesmo mal, costumam os feiticeiros explicar o caso do modo seguinte: «Quem não tem motivos para fazer a desgraça do seu semelhante, o feitiço procura o seu destino e, não encontrando a pessôa designada, nem objeto de seu uso, recái inteiro sôbre o interessado, e aí produz o efeito».

E' o caso do feitiço contra o feiticeiro.

A FESTA DA MÃE D'AGUA

O africano é espírita de natureza e, como tal, provoca invocações.

É crença geral, entre êles que no fundo do mar e dos rios existe uma divindade que exerce influência direta em todos os atos da nossa vida. Em lugar retirado, a pessôa que pretende algum benefício, encaminha-se para beira-mar e aí bate palmas três vezes e diz: «Mãe d'agua, se me ajudares a ser feliz em tal negócio, eu vos dou um presente». Satisfeita que seja a prece votiva, a pessôa volta ao lugar com o presente, que se compõe de pentes para cabelo, sabonetes, favas brancas, frascos de perfumes, fitas e um leque. Nessa ocasião, a pessôa beneficiada, em companhia de diversas outras, inclusive uma espécie de médium espírita, que se dirige áquela divindade entoando rezas adequadas, provoca a presença da *mãe d'agua.*

Introduz-se no elemento líquido e encaminha-se para o ponto de encontro, onde as águas formam uma espécie de redemoinho, e aí joga o presente. Faz-se também mistér que o portador do mimo mergulhe e vá deita-lo ao fundo. De volta á tona presume-se que a mãe d'água se lhe encarna, e, em nome desta, agradece a oferta. Isto feito retiram-se todos para a casa donde saiu o presente, e aí dão começo á função, constante de dansas, comidas e louvores.

Outras vezes, quem precisa de algum benefício

da deusa dirige-se á margem do rio, e aí implora os benefícios da mãe d'água.

A' noite ela aparece em sonho e ordena o que convém fazer.

E' crença entre os pescadores de *xaréo* que, no ano em que se não fizerem oblações á mãe d'água, a colheita do popular pescado será insignificante, e as rêdes se partirão.

Mas, levados que fossem os presentes da sereia, haveria certamente abundância de peixe e não se registaria o mais leve acidente.

«A mãe d'água, graciosa criação de fantasia intertropical, habita o fundo dos rios, bela, cheia de atrativos, de encantos, de seduções irresistíveis simbolisa o amor que têm á água os habitantes dos climas ardentes».

. . . . . .

«A mãe d'água será talvez de origem africana, sendo presumível não ser dos índios, em cujo idioma não encontramos têrmos para a exprimir». (1)

O indígena do Amazonas pensava do mesmo modo. «A decadência da arte entre os naturais do Amazonas foi grande, mas ainda a crença nos animais e plantas protetoras não se extinguiu. Ainda ha quem leve algum pé de *Tayá* na prôa de sua montaria, para ser feliz na pesca, como vi». (2)

---

(1) Gonçalves Dias — Op. cit. — Vol. VI — pág. 130.

(2) Barbosa Rodrigues — O *Muyrakitã* — 1889 — pág. 130.

As mães d'água são três, *Anamburucú,* a mais velha, *Yêmanjá,* e *Ochun,* a mais moça. Habitam os lagos, mares e rios. Ha ainda outro meio mais simples de presentear a mãe d'água, independente de promessa, como lembrança ou mesmo recomendação para benefícios futuros. Um pequeno saveiro de papelão, armado de velas e outros utensílios de náutica era lançado ao mar, conduzindo como dádiva á mãe d'água, figuras ou bonecos de pano, milho cosido, inhame com azeite de dendê, uma caneta e pena, e pequenos frascos de perfumaria.

De volta á casa donde partiu o presente, as pessôas que tomaram parte na comitiva ajoelham-se, proferem algumas palavras cabalísticas e tocam a cabeça no solo, como é do ritual.

DAR COMIDA A' CABEÇA

Tem por objetivo esta prática satisfazer a um preceito afim de obter saúde. Antes de tudo, invoca-se o santo da pessôa para designar quem deva encarregar-se dessa função; pois nem todos têm permissão de deitar a mão na cabeça de outrem. Ha pessoas privilegiadas para êsse exercício, com tanto que se mostrem *entendidas,* estejam de *espírito limpo* e previamente tenham sido indicadas pelo adivinhador.

Por processos diversos pode-se levar a efeito esta cerimônia com o emprêgo de *oubi* e água fria

captada no mesmo dia. Na ocasião aprasada, estende-se no chão uma esteira, que é forrada de roupas brancas. A pessôa que vai *dar comida á cabeça,* depois de uma ablução geral, veste-se de branco trazendo nos ombros uma toalha ou lençol.

De pés descalços, senta-se na cadeira, tendo as costas voltadas para a rua: Em seguida, sôbre uma mesa, coloca-se uma quartinha com água, um copo, um prato com *oubis.* (1) Aproxima-se então o executor da cerimônia, homem ou mulher, humedece os dedos da mão direita n'água da quartinha, bate três vezes na mão esquerda fechada e diz: Ouri-apêrê — isto é, «a cabeça da iniciante ajude a todos»; e descansa a mão direita na cabeça da iniciante, o que equivale a invocar o anjo da guarda.

Depois, o oficiante eleva o prato dos *oubis* á altura da fronte, num gesto de oferenda, profere algumas palavras no sentido de ser satisfeito o pedido.

Parte um *oubi,* fecha-o nas mãos, faz uma invocação, e ato contínuo atira-o ao chão. Em conformidade com a posição que tomam os fragmentos do fruto, dá-se a interpretação do pedido, podendo também significar uma circunstância alheia ao ato.

Por exemplo: caindo três fragmentos do *oubi,* voltados para cima e um para baixo, não está bem encaminhado o negócio. Recomeça-se a operação: se sairem dois fragmentos voltados para cima, e outros

(1) *Oubi* é uma pequena fruta da Africa, indispensável nos negócios feiticistas.

tantos para baixo ou todos quatro para cima, é sinal certo de que a oferta foi bem recebida. Para esta cerimônia só se empregam *oubis* de quatro olhos, pois os de cinco ou seis, não produzem o efeito que se pretende. O executor da cerimônia tritura, em seguida, na boca um pedaço de *oubi;* segura a cabeça da iniciante com ambas as mãos, aconchega-a aos lábios, faz o pedido e expele os fragmentos do fruto.

Depois, come parte do *oubi,* bebe um pouco d'água e divide o restante com as pessôas presentes. Ato contínuo, apresenta-se uma mulher, que faz entrega de algumas aves, como sejam: pombos, galinhas, ditas de Angola, e um cata-sol ou caramujo, recebendo a espórtula dêsse serviço. Nessa ocasião o mestre da cerimônia canta uns salmos especiais, toca as aves no corpo dos assistentes, e, depois faz o mesmo á pessôa que dá comida á cabeça, a qual então, diz em segredo, ao ouvido de uma das aves, o que pretende. Isto feito, as entrega para o sacrifício, á excessão do cata-sol que, depois de partido, é colocado á cabeça da iniciante.

Os assistentes molham os dedos n'água da quartinha e passam na cabeça.

Concluída a matança das aves, catam-se-lhes as penas mais finas e delicadas e as colocam úmidas do sangue do sacrifício, na fronte da iniciada. Parte-se novamente um *oubi,* afim de verificar-se a aceitação do sacrifício; e, diante do resultado positivo, preparam-se as comidas, enquanto o celebrante, fóra do

lugar, chama três vezes pela iniciada, a qual no último chamamento é que responde, levantando-se imediatamente. (1)

Preparada a comida, a que se ajuntam *acassás angú* de *inhame* com *azeite de dendê, acarajés* e *efó,* retira-se a comida da cabeça em primeiro lugar, e coloca-se em vaso especial.

Em seguida, a parte pertencente a quem está dando *comida á cabeça;* sendo a parte restante distribuida entre os assistentes. Das bebidas alcóolicas só o vinho é permitido.

Terminada a refeição, cantam, dansam em regosijo do bom acolhimento que obtiveram, por parte do santo ou espírito protetor, e dá-se por terminada a cerimônia. Conforme a resposta obtida, ao partir-se de novo o *oubi,* a pessôa que deu *comida á cabeça* pode sair á rua no dia imediato ou não; na hipótese desfavorável, lhe é vedada a saída de casa durante três dias, e á noite durante oito dias.

FAZER SANTO

Êste ato significa o mesmo que fazer profissão de fé, nos preceitos do feiticismo. A primeira cerimô-

(1) Nas cerimônias consagradas a *Anamburucú* os animais não são sacrificados, á faca, mas por outro processo: são amarrados, os olhos vendados com uma folha de *taióba* e atirados no chão, as pessoas presentes cantam, dansam até que o animal desfaleça, sem que se lhe toque. Não podemos admitir o envenenamento prévio, porque do animal preparado ao fogo, todos comem.

nia é a de *dar comida á cabeça,* como já vimos; e depois, em determinado dia, é que se reune o pessoal a tomar parte na solenidade que vamos descrever.

O *Pegi* é armado e enfeitado a capricho, em louvor do gênio protetor, espécie de anjo da guarda da noviça. (1)

Tres olhadores invocam o *ifá* para conhecer qual o santo que deve presidir aos destinos da iniciada.

Isto feito, o resultado comunica-se exclusivamente ao pai do terreiro.

Só ás pessôas iniciadas no ritual é permitido assistir ao cerimonial feiticista. No dia da iniciação as pessôas que fazem parte do cerimonial, se dirigem ao lugar preferido que, de ordinário, é uma roça ou sítio retirado, e, aí, a neófita submete-se a um banho aromático, ao *ar livre,* de folhas de ante-mão escolhidas, contadas e colocadas em grande vaso de barro, pertencente ao santo.

Acabada a ablução, a roupa que trazia, aí fica para se guardar, com a condição de não ser mais restituida.

---

(1) A expressão *Anjo da Guarda* — quer dizer — o *guia protetor de cada pessôa.*

A mulher grávida, dizem êles, não deve acompanhar cortejo fúnebre, para que a alma do extinto não incarne na criança. O homem pode ter como anjo da guarda, uma santa; e uma mulher, um santo, conforme a designação que traga. Ainda ocorre o fato de um individuo ter por protetor uma divindade, e outra apossar-se dêle e reger-lhe os destinos. Também acontece que a criança que nasce no periodo dos festejos de um santo é êste tomado por protetor do recem-nascido.

A seguir, recolhe-se a neófita á *camarinha,* que é um grande quarto ou sala espaçosa. A's três horas da tarde de determinado dia, os atabaques dão sinal de que ha cerimônia no *Pegi.* A mãe do terreiro, revestida das insígnias do ritual e acolitada por dois *Ogans* confirmados, e com os seus aventais respectivos, dá comêço á cerimonia.

Todos os presentes cantam unísonos. E' a invocação. Sacrificam-se *cágados, galinhas, pombos, galinhas de Angola,* etc. Surge a neófita que na hipótese é mulher, com o cabelo apenas tosquiado e então umidecem-lhe a cabeça com o sangue dos animais mortos, com penas de aves, formando uma pasta. Continuam os cânticos e os tabaques soam.

A iniciante, em dado momento, levanta-se; estende a perna direita sôbre um cordeiro, na posição de quem vai montá-lo; e finalmente, é êste animal entregue ao — *Achôgun,* o *ôgan sacrificador,* que, executado o trabalho, entrega a cabeça do animal á mãe do terreiro. Esta coloca uma faca, em cruz, sôbre a parte golpeada, operação que é repetida pelos dois auxiliares. As pessôas que assistem ao ato, não sendo dignidades do rito, conservam-se de joelhos, cando a cabeça no sólo durante todo o trabalho. Isto feito, a neófita volta á *camarinha* e aí, assentada a um cêpo, lhe rapam todo o cabelo da cabeça, operação a que se segue o banho, que é assim preparado: Uma pessoa entendida, e de confiança, que esteja *limpa de corpo,* se dirige ao local levando *oubi* e pimenta da Costa na boca, mastiga-os e assim tritu-

rados, atira-os sôbre a vegetação do campo; depois, dansa, canta e coloca no chão qualquer quantia em dinheiro.

Em seguida, procede á colheita das ervas preciosas, que são de vinte e uma espécies diferentes; e o banho ha de conter dezesseis folhas de cada qualidade. Acontece, ás vezes, que esta porção não é suficiente para o efeito desejado; neste caso, aumenta-se a quantidade de folhas até que produza resultado. Concluido o banho, a iniciante fica privada de qualquer ação consciente, ignorando dali por diante tudo quanto se lhe passa em tôrno.

Imediatamente, faz-se-lhe o *Effún,* isto é, pinta-se-lhe a cabeça, descrevendo círculos concêntricos com as côres: branca, azul e vermelha; e com as mesmas tintas se lhe desenham no rosto os sinais característicos do santo.

E' esta operação que produz o fenômeno da entrada do *santo* no corpo da professanda. Algumas das folhas empregadas nesse mistér são de ação tão enérgica, que as pessôas incumbidas de moê-las entre as mãos metidas em vasilha d'água, têm que friccionar a estas com o limo da Costa, substância gordurosa, afim de extinguir a sensação de ardência produzida por aquela operação.

Ainda de referência ás folhas empregadas nos banhos, temos que acrescentar: uma delas produz visões no cérebro, e, tomada como medicamento, predispõe ao gôsto pelas bebidas alcoólicas; outra

que os africanos fumam depois de sêca, desprende um aroma ligeiramente agradável; (1) e, ainda uma outra que, ao que parece, contém — *iodo* e *morfina*.

A' medida que o sol vai declinando para o ocaso, lavam a cabeça da noviça, para o fim de extinguir os sinais feitos a tinta.

A camarinha é uma tenda, onde a mulher aprende as obrigações que tem a desempenhar, com respeito ás funções em que vai ser investida.

A's cinco horas da manhã levanta-se, faz abluçãoe bebe de uma água preparada com folhas consagradas ao santo da guarda da iniciada. No período de três, quatro ou seis meses, a noviça aí permanece internada, podendo, apenas, passear em tôrno da casa.

A tribo dos *Gêges,* porém, conserva a noviça, um ano na *camarinha*.

Conhecedora das obrigações indispensáveis á seita, a que se vai devotar, já iniciada, emfim, segue-se nova cerimônia: faz-se na cabeça da mulher uma cruz com o sangue de aves ou animais sacrificados no momento; depois derrama-se aí, mais um pouco de sangue de pombos, patos, galinhas, cágados, etc.

---

(1) Esta planta que no Rio de Janeiro tem o nome de Pango, em Alagôas chamam-na — *Maconha* e na Bahia, *Macumba*. Por uma postura da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 4 de Outubro de 1830 fora proibido o seu uso. O vendedor pagaria 20$000 de multa, e o escravo que a usasse seria condenado a 3 dias de cadeia.

Em 1915 o Dr. J. R. da Costa Dória apresentou ao Congresso científico da América do Norte uma memória sôbre esta planta, reconhecendo nela qualidade afrodisiaca. (M. Q.).

Tôdas as despêsas correm por conta da iniciante ou de alguém por ela. Ao período da iniciação sucede grande função porque, em regra, o africano só experimenta verdadeiro regosijo, dansando e comendo. Essa festa é denominada — *Dia de dar o nome*. Depois do banho aromático, e verificado que tôdas as abluções foram feitas com água fria, dão comêço á cerimônia.

Os olhares invocam o *santo* que, atingindo á cabeça da noviça, faz com que ela declare o anjo da guarda que deve presidir aos seus destinos. Nesse momento, a iniciada é considerada *feita*, isto é, entra na posse das obrigações, já faz parte da seita.

Agora trata-se de pagar um tributo ao *pai* ou *mãe* do terreiro.

Para isso, a mulher sái acompanhada de outras pessôas que ostentam sinais, contas, amulêtos e trajos simbólicos do santo, conduzindo grande cuia para angariar donativos de toda a espécie, inclusive dinheiro, entre as pessôas entendidas no ritual.

O produto da arrecadação é dividido com o pai do terreiro.

Segue-se a *compra*. Em dia previamente combinado arma-se uma quitanda bem sortida de frutas, carne, peixe, hortaliças, utensílios de uso doméstico, como ferro de engomar, gamela, lenha, carvão, etc.

Aí faz ela exercícios inerentes á vida doméstica; para se fôr atingida pela desventura, não haver proibição da parte do ritual.

O pretendente á compra da filha de *santo* apresenta-se ao pai do *terreiro* e manifesta a sua intenção.

Ciente da preferência, retribue imediatamente a graça concedida com a importância de vinte, trinta, cinquenta mil réis, conforme o ajuste.

O comprador só póde ser um homem aceito pela mulher, e quase sempre é quem faz as despesas de iniciação, durante o tempo que a noviça se conservou na *camarinha*.

No caso contrário, ela se compra a si mesma, para não ficar dependente. Efetuada a *compra*, nova função se realiza; vão todos á igreja do Senhor do Bomfim, e na volta visitam as pessôas conhecidas. Por último vão entregar a mulher ao comprador. Êste ato é assinalado por lauta mesa, brindes, dansas, muita alegria, e, afinal, retiram-se todos, ficando a *I-a-ô* em seu aposento. A compra obriga a mulher a viver com o comprador, só lhe sendo permitido retirar-se daquela companhia, por consentimento dêste ou em caso de máus tratos. Nesta hipótese reune-se um conselho deliberativo. A mulher *feita* tem *mãe de santo* que lhe observa os preceitos a cumprir, dirigindo-lhe as cerimônias, e bem assim outra pessôa, como auxiliar daquela, e que tem o nome de *Jibonan*. A cerimônia do banho é uma formalidade para justificar a crença no fenômeno da entrada do *santo* no corpo da noviça.

Nada existe de sobrenatural.

A auto-sugestão adquirida nas práticas da *camarinha,* as bebidas e os banhos aromáticos de ervas narcóticas e de efeitos outros condizentes ás necessidades rituais, atuando sôbre o organismo, tudo isso contribui para a formação da crença na existência de um espírito que encarna no corpo da noviça, com poderes para dirigi-la.

Quando o pai do terreiro diz que o *santo está bravo* e por isso se faz mistér a imolação de novas vítimas, é porque não entrou na composição do banho a quantidade precisa de folhas, ou então o organismo da noviça é mais exigente e poderoso.

Ha pessôas que, apesar de pertencerem á seita, todavia não se querem prestar a dansar e a cantar de público, na ocasião em que o santo chega inesperadamente.

Nesse caso, evita-se a manifestação, não completando o trabalho; restringe-se a cerimônia com a supressão da rapagem da cabeça, e não se espargindo sôbre ela o *effún.*

Rara é a classe ou agremiação em que se não insinue uma especulação. Em matéria de crença religiosa, o feiticismo é severamente desconfiado. Para verificar a intrusão de uma mulher que se apresenta como *feita* ou se está possuida do *santo,* convidam-na a colocar as mãos numa vasilha contendo azeite de palma a ferver; e bem assim, açoitar o pescoço e os braços com um ramo de cansansão. As mulheres *feitas* em Santa Bárbara introduzem na boca pavios

de algodão acesos, depois de embebidos em azeite de dendê e não experimentam o mais leve acidente.

Do mesmo modo, as filhas de *Ogun* internam-se na floresta próxima e dali trazem ofídios em tôrno do pescoço, com que dansam á toada dos cânticos feiticistas e depois soltam-nos sem que sejam vítimas das venenosas presas.

As pessôas que duvidam do poder sobrenatural do *santo* são castigadas do seguinte modo: com os joelhos em terra, cavam o chão com as unhas, açoitam-se com o arbusto denominado — cansansão ou mastigam folhas de urtiga.

QUIZILA

E' a antipatia supersticiosa que os africanos nutrem por certos alimentos e determinadas ações. De acôrdo com as prescrições do ritual, as mulheres ainda observam o seguinte: Umas podem comer abóbora, taióba, peixe de pele, e outras não; a ninguém é permitido passar com uma vela acesa, lanterna, candieiro ou cousa igual, por traz delas; não ingerem restos de comida; não bebem álcool; não vestem roupas que lhes não pertençam; não acompanham cortejo fúnebre; não visitam doentes; não podem ir a festejos sem prévio convite; não podem ser acordadas violentamente, nem acodem a chamamento sem saber de quem.

Essas prescrições variam conforme o anjo da

guarda de cada pessôa, e assim umas as observam na íntegra e outras só em parte.

Havendo discórdia entre duas filhas de santo, a mãe ou pai do terreiro emprega os meios de congraça-las. Não o conseguindo, lança mão do seguinte recurso, para infundir-lhes terror: manda vir o santo de cada uma delas e lava-os.

Imediatamente determina que prestem juramento de harmonizar-se. Isto feito, cada mulher bebe a água do santo da outra, resultando daí, se continuarem as desavenças, a que quebrar a promessa será castigada pelo santo, isto é, morrerá.

*
* *

As mulheres feitas, por circunstância imprevista, podem deixar de comparecer ao terreiro de que fazem parte, com tanto que festejem o santo, na própria residência. No templo próprio, armam o *Pegí* e dão começo ás *obrigações* com a cerimônia de *Dar comida á cabeça*. Os festejos duram quinze dias, e para assistí-los são convidadas as pessôas entendidas, particularmente as dignidades do rito.

Em meio do festejo, o *santo* chegará á cabeça da promotora da função e de outras pessôas. Os vestuários obedecem á doutrina do *santo* celebrado. As roupas um pouco folgadas são entrelaçadas de toalhas estreitas com franjas bordadas, nas extremida-

des, de sorte que não se percebem as formas plásticas das mulheres.

O movimento nas dansas é assás interessante pela obediência rigorosa do corpo á cadência dos instrumentos. Cada santo é celebrado com versículos, música e gesticulação especial, durante as dansas. Convém observar que o movimento coreográfico das mulheres e dos homens difere extremamente.

CAIR NO SANTO

Para o feiticista, africano, o *cair no santo* é um estado psicológico especial. O espírito, necessitando de um veículo para suas manifestações, apodera-se da mulher para êsse fim. A pessôa atingida mostra-se logo inquieta, abandona suas ocupações, e forçada dirige-se instintivamente ao candomblé mais próximo e aí apresenta-se com alvorôço, a cantar e a dansar, como se entendida fôsse nos mistérios do rito.

Depois, cái exausta e é levantada por pessôas conhecedoras dos preceitos e conduzida á *camarinha*, afim de que os interessados concorram com as despesas indispensáveis ás obrigações que vão ser iniciadas. Tanto quanto nos permite a penetração nesses segredos, essa exaltação de sentidos é o resultado de uma ideia fixa determinada pela conversação sôbre a espécie com pessoas entendidas, ou por ter assistido aos atos feiticistas; tudo isso a in-

fluir no temperamento nervoso, auxiliado pelo histerismo, desde que êsse fenômeno é peculiar ao sexo feminino, sempre impressionável. Ainda assim os exemplos são raríssimos.

A vítima só recupera a integridade de suas faculdades, ao cabo de algumas horas, mostrando-se ignorante de tudo quanto ocorreu durante aquele estado anormal.

Seguem-se os preparativos da iniciação nos preceitos do rito.

DESPACHAR O SANTO

Ao falecer uma mulher feita, na ocasião de sair o cortejo fúnebre, o santo que não póde estar sem *cavalo* (1) toma imediatamente um outro. A mulher preferida pelo *santo* tem, no momento, uma crise nervosa, cai repentinamente e debate-se com furor. Ato contínuo, uma pessôa entendida imerge uma das mãos n'água e asperge os ouvidos da vítima e esta levanta-se: está despachado o santo ou encantado.

Noutros casos, para que o *santo* se retire do corpo em que se encarnou, o processo a seguir é como passamos a descrever. Quem está com o *santo* abraça os assistentes, dá conselhos, improvisa cantigas, previne o mal que está para suceder, aperta as mãos de todos, e corteja-os conforme a hierarquia de cada um. Em seguida deita-se, cobrem-no

(1) A expressão é a técnica entre os africanos.

com um lençól e depois de breve descanso, dá tres gemidos com intervalos. Quem está encarregado do *despacho* molha a mão direita n'água fria e toca-a na testa, nos seios, na nuca e nos pés da vítima. Depois, levantando o lençól sacode-o e chama pelo santo

Nesse momento, o *cavalo do santo* levanta-se estonteado, com indícios de que tem a cabeça atordoada; descansa por alguns instantes, e está despachado o *santo*. Durante os dias em que a mulher está com o santo, não come, não dorme; e se beber água despacha-o forçosamente, o que não é permitido. O ato de *despachar o santo* é um momento melindroso; é mistér muita vigilância para não suceder que pessôas de má índole aproveitem a ocasião para dar comida ou bebida contrária ao *anjo da guarda* da pessôa, sob pena de fazê-la perder a fala por algum tempo, ter a cabeça sem govêrno e dar-se ao abuso de bebidas alcoólicas. A embriaguês, neste caso, é produzida por uma planta medicinal que, propinada em dóse excessiva, ocasiona êsse vício, que o africano tanto condena.

A PEDRA DE SANTA BÁRBARA

A pedra nefrítica ou faca indígena que o índio tem como talismã, e por isso é respeitada pelas virtudes imaginárias de um amulêto, o africano denomina *Pedra de Santa Bárbara,* e acredita que ela se desprende da atmosfera em ocasião de tempestade.

E nessa presunção prepara medicamentos para beneficiar o organismo humano: toma da folha de certos arbustos que só êle conhece, corta-as com a dita pedra, coloca-as em uma vasilha com gema de ovo, e depois envolve nessa mistura aquele instrumento indígena.

Durante essa operação o africano entôa uma oração no dialeto em que se exprime, a qual dá o nome de *Êtú-tú.*

Assim preparada a droga, apresenta esta tôdas as virtudes milagrosas, e a qualquer doente é aplicaca do seguinte modo: o indivíduo despe-se tendo os braços voltados para trás, inclina o tronco para a frente, na atitude de quem vai apanhar o remédio com a boca, e nessa ocasião o operador aproxima a droga dos lábios do enfermo que a ingere. O *malê* também dá o mesmo valor miraculoso á pedra nefrítica, como medicamento, com a diferença de que basta coloca-la sôbre o remedio, por determinado tempo para que a droga participe logo de toda a ação curativa. E' crença entre africanos e indígenas que, por ocasião de tempestade, a pedra de *Santa Bárbara,* caindo das núvens introduz-se no sub-solo até a profundidade de sete braças e só ao cabo de sete anos é que volta á superfície, e nessa ocasião só a pode encontrar pessôa privilegiada.

LAVAGEM DAS CONTAS

Pessôa que se julgue perseguida em seus negócios ou acometida de sonhos máus, ou de constante

enfermidade, consulta, de ordinário a um *olhador*. Êste depois de ouvir ao oráculo, declara que o *encantado* ou o santo da consulente que lhe coube por herança materna ou paterna, razão por que a persegue, exige o cumprimento de certas obrigações. Depois de tudo combinado procede-se desta fórma:

A pessôa encarregada da missão de posse das contas correspondentes ao santo indicado, imerge-as numa bacia nova, com água; em seguida, lança mão de folhas consagradas ao santo e tritura-as entre as mãos; isto feito, procede á lavagem das contas com sabão da Costa. As contas assim purificadas são entregues á possuidora, que as deve conservar numa vasilha de barro, e de vez em quando, trazê-las, ao pescoço. O ato é festejado com cantorias e refeições opíparas. Dessa data em diante a pessôa, cujas contas foram lavadas, está isenta de perseguições, fica bem de saúde, livre de adversidade e de ser arrebatada pela *mãe d'água*.

A lavagem das contas é preceito obrigado para quem não quer *dar comida á cabeça* ou *fazer santo*.

A TROCA DA CABEÇA

Ha diversos processos: um deles é fazer um *despacho* constante de um pedaço de madrasto novo, representando uma mortalha, com o propósito de transmitir a moléstia ou a infelicidade de uma pessôa a outra; e esta será atingida se pisar ou to-

car no *ebó*, atirado em lugar conveniente. Quando, com a troca da cabeça, não se pretende fazer mal a outrem o *ebó* é colocado no cemitério.

Se o portador, por ignorância ou maldade não o deixar no lugar designado, e sim em outro diverso, quem tocá-lo será atingido.

Conhece-se ainda êste outro processo: tomam de um animal, preparam-no com o *ebó* e soltam-no ou o amarram em qualquer parte. Quem apanhá-lo terá que ficar com a moléstia ou com a desventura. Uma mulher estando com o *santo* ou o *encantado* tem atribuições para trocar cabeças. Tomando de um galo, galinha ou pombo fricciona com êle o corpo da pessôa a quem quer beneficiar, e, finda essa operação, a âve estará morta, pois, no ato fôra atingida pelo mal que estava prestes a prejudicar a vítima do malefício.

DESPACHO

E' a designação técnica de um dos atos mais vulgares do feiticismo. Compreende o *Ebó* e o *Feitiço*.

DO EBO'

Despachar *ebó* é dar cumprimento a uma promessa. O *ebó* consiste em um vaso de barro, contendo retalhos de madrasto novo, *pipócas, acarajés, aberens, acassás,* galinha, farinha com *azeite de dendê,*

oubis, ourobôs, dinheiro em prata ou cobre, e algumas vezes, um bóde ou carneiro morto, trapos de fazenda vistosa, fragmentos do vestuário da pessôa beneficiada, depois de passa-los pelo corpo, se trata da retirada de moléstia.

Isto feito, é o *ebó* deixado numa encruzilhada, lugar onde duas ruas fazem ângulo.

Quando se pretende ou se trata de afastar o inimigo, atiram-se pipócas á rua; se porventura se borrifa de água a porta principal de qualquer habitação, cumpre-se uma promessa, impetrando bom êxito em qualquer negócio. Para se desfazer de um máu vizinho ou impelir alguem á desventura é bastante abandonar, em lugar distante, um embrulho com farinha e azeite, e invocar, no momento, o nome da pessoa a quem se quer produzir qualquer dano moral. Igualmente, para êsse efeito costumam enterrar na porta de entrada, no quintal ou mesmo no interior da casa, pequena bolsa de couro, contendo pele de sapo e amuletos.

Êstes *despachos* se fazem ás segundas-feiras, de noite. Os troncos da gameleira ou cajazeira, *Rôco ou Lôco,* depois de batisados, constituem objeto de veneração dos feiticistas. Invariavelmente, o africano, antes de começar qualquer ato de sua seita, cumpre duas obrigações: toma de uma pouca de comida e, evitando olhares profanos, vai deitá-la em lugar deserto, pois constitue a parte destinada ao inimigo, *Exú,* para que não vá êle perturbar a função;

consiste a outra obrigação no despacho do benefício votado ao espírito dos mortos que não podem participar dos folguedos dos vivos.

Esta cerimônia é assim praticada: logo que os tabaques dão sinal da função tomam todos os seus lugares; e no meio do *terreiro* aparece a dona da casa em companhia de diversas pessôas da seita, trazendo nas mãos grande cúia cheia de iguarias e coloca-a no chão. Ao som de cantorias e dansas, em honra da *mãe pequena* — autoridade imediata à *mãe do terreiro,* depõe, em outra cúia menor, fragmentos ou pequena porção de comida retirada da primeira cúia e afasta-se a cantar e a dansar, com grande acompanhamento, e assim vai colocá-la em lugar deserto, não mui distante. Isto posto, tem comêço a função.

FAZER FEITIÇO

E' o processo arruinar a outrem, e diversos são os meios de que se servem os feiticeiros. Ha feitiço direto e feitiço indireto. O primeiro consiste na aplicação de ervas ou substâncias venenosas á comida ou á bebida; o segundo é feito por encantação. Apanha-se o rasto do indivíduo, a roupa, o calçado e os atiram á maré de vasante ou de enchente, e então fazem crer que o organismo da vítima se subordina ao fluxo ou refluxo do mar.

Aplicam ainda ervas venenosas reduzidas a pó e misturam o cabelo da vítima com certas folhas para o efeito desejado. O feitiço tem por fim causar a

morte, aleijar, aborrecer a quem se estima, tirar o uso da razão, entregar a vítima ao vício da embriaguês, etc.

Feiticeiros ha que se servem de reptis e insetos, como sejam a *cobra,* o *lacrau,* o *sapo* e também de vermes asquerosos. Nas práticas de feitiçaria é empregado com sucesso o *sapo* vulgarmente conhecido por *Cururú* ou o sapo-*boi,* cujo poder de atração ocular é atestado pelos sertanejos. Para que uma mulher conservasse sob o jugo de sua vontade ao homem a que se ligara, e êste lhe obedecesse cegamente, bastaria deixar debaixo do leito uma panela virada, contendo um daqueles réptis, alimentado com leite de vaca.

Ao sapo era atribuido êste outro poder magnético: a mulher podia ser infiel ao companheiro, sem que êste nunca suspeitasse. Tomando de uma agulha enfiada em retrós verde, a mulher fazia com ela uma cruz no rosto do indivíduo adormecido e depois cozia os olhos do sapo. Esta última operação ainda era praticada quando se pretendia atirar sôbre alguém toda a sorte de desgraças e desventuras. Em outras ocasiões preferia-se cozer a bôca do sapo depois de enchê-la com os restos de comida deixada pela vítima. Ha folhas, dizem êles, que produzem toda a sorte de infelicidades. Algumas manifestam ação tão violenta que produzem tonturas, apenas trituradas entre as mãos. Rocha Pitta, em sua *História da América Portuguesa,* (1) relatando as espécies

(1) Ed. da Livraria Progresso Editora.

até então conhecidas da flora brasileira, escreveu: «...os *mil homens,* para mil enfermidades e outras para várias queixas ou tomadas em potagens ou postas como remédios tópicos. Ha também *erva de rato* para matar e *tanharom* para atrair; outras libidinosas que provocam a lascívia, das quais é mais conveniente ocultar a notícia e calar os nomes». Daqui se vê que o africano encontrou no Brasil as folhas indispensáveis ás suas feitiçarias. Um carangueijo preparado com três ou sete pimentas da Costa, atirado ao sólo, promove alteração ou desarranjos no lar doméstico.

Qualquer pessôa indiferente aos negócios da seita, pode conduzir o *ebó* ao seu destino. Com o feitiço o caso é diverso: para alguem se incumbir dessa diligência, necessário se faz ser entendido na matéria, afim de que, na ocasião de colocar o feitiço no lugar escolhido, chame pelo nome da pessôa a quem êle deva atingir.

O ÔGAN

E' uma autoridade honorária no candomblé o *ôgan.* Cada santo tem sua representação em diversos indivíduos que, não tomando parte nos preceitos da seita, todavia, têm direito a certas regalias.

Ao penetrar na casa do *candomblé,* os tabaques dão sinal de cortêjo, conforme o santo a que êle é consagrado; as mulheres prestam-lhe reverência,

têm o direito de transpor a porta de chapéu na cabeça, percorrer toda a casa sem autorização especial, e se lhe reservam os melhores lugares, nas ocasiões de festa. As mulheres que têm o mesmo *santo* são chamadas — *suas filhas,* e ao verem o *ôgan* curvam os joelhos e lhe pedem a *bênção,* em qualquer lugar.

Cumpre-lhe retribuir com dinheiro tamanha veneração. O *ôgan* toma duas posses: a de iniciação e a de confirmação. Na primeira, o indivíduo, perante o altar de S. Jorge *(Ochóssi)* rodeado de muita gente, é apresentado pela mãe do terreiro, que profere algumas palavras, em linguagem africana e passa-lhe um pano da Costa pelos ombros. Depois, o iniciado, sob um outro pano da Costa, seguro nas extremidades por quatro mulheres, dá algumas voltas na sala, no que é imitado por todos os presentes. Seis meses depois, realiza-se a confirmação. O *ôgan* oferece um animal de quatro pés, para o sacrifício, concorre com as despêsas de modesto banquete, destina certa quantia para o irmão sacrificador do animal oferecido, dá espórtulas aos músicos ou tocadores de tabaques, e a algumas de suas filhas. Se o *ôgan* dispõe de recursos e pretende dar certo relêvo á sua *confirmação,* a festa toma carater suntuoso, pois se prolonga por muitos dias em que sobressai a matança de um bovino ou caprino.

Morto o animal, a mãe do terreiro leva o *ôgan* ao *Pegi,* e depois de algumas palavras, de recomendação coloca na fronte do indivíduo um pouco de

sangue do boi ou bóde abatido, pouco antes, servindo-se de uma pena de galinha, e assim fica o *ôgan* com aquele distintivo durante o dia.

O *resguardo* consiste em não sair á rua por espaço de dezesete dias, se o animal sacrificado foi um bóde; se foi um boi são o resguardo é de trinta dias. Se o *ôgan* não puder cumprir esta obrigação, compete á mãe do terreiro ou a outra pessôa da seita executá-la.

Algumas pessôas, em cujo número aqui se incluem indivíduos de posição social, tem-se alistado como *ôgans,* nos candomblés. Enquanto o africano dirigiu estas funções, não admitia os nacionais como *ôgans.* Depois, começaram êstes a afluir, e foram aceitos, no intúito de facilitarem as licenças da polícia.

Daí, algumas alterações têm surgido, pelo fato dêsses adventícios não se portarem com o devido respeito ao lugar, onde o africano exercita as suas práticas religiosas. E' verdade que outros procedem com decência e concorrem abundantemente com as despêsas de suas festas, e assim contribuem para o esplendor do culto. Nos candomblés dirigidos por africanos o divertimento terminava invariavelmente ás seis horas da tarde. O nacional, porém, começa á noite.

A *estampa n. 17* representa a Dansa das Quartinhas — (Festa de *Ochóssi)* S. Jorge.

A PROCISSÃO

Na última dominga de Setembro realizam os africanos uma festa, a que denominam — de *Baiáni,* a qual exprime o encerramento das obrigações do ano, conforme o rito feiticista. A's quatro horas da tarde, os tabaques soam e cada qual ocupa o seu lugar, na ordem hierárquica. Repleta a sala de pessôas da seita e de curiosos ou espectadores, a *mãe do terreiro* ou pessôa de imediata confiança faz colocar no centro da sala uma pequena talha com água, uma garrafa com mel de abêlhas,outra com azeite de cheiro, pequena cúia, acassás e um prato. Isto feito, as pessôas filiadas á seita ajoelham-se, tocando a tésta no solo e entoando cânticos em louvor do santo do dia. Acolitada por duas mulheres, a *mãe do terreiro* despacha o *ebó* para *Exú,* afim de que não haja qualquer desarmonia ou perturbação. Depois disto, a um sinal convencionado, os tabaques aceleram os toques e surgem da *camarinha* homens e mulheres a dansar, conduzindo na cabeça os capacetes (filás) símbolos do santo *Baiáni.* Depois de terem dansado suficientemente, retiram-se da sala com grande acompanhamento, em visita a diversos pontos do *terreiro.* Todos cantam com alacridade e satisfação. Recolhidos todos novamente á sala continúa a festividade. Na versão dos africanos esta cerimônia significa que *Baiáni* sái em procissão com o fim de despedir-se dos lugares visitados, e assim dão por findas as funções obrigatórias do ano.

Sem embargo, qualquer pessôa pode, particularmente, cumprir promessas ou outras obrigações.

A PRAGMÁTICA

No trato social, os africanos adotavam certas práticas que convém registrar pela sua originalidade. Ao encontrarem-se duas pessôas da seita, o cumprimento se fazia dêste modo: cada um cruzava as mãos de forma que os dêdos de uma ficassem intercalados nos intervalos da outra, e tocavam-se mutuamente.

Esta saudação indicava que os indivíduos eram de igual categoria.

Os de maior hierarquia, apenas, tocavam a mão direita aberta sôbre as mãos fechadas dos outros, e diziam em ambos casos — *Ochubarê* (Bons dias).

Numa discussão qualquer, havendo opiniões encontradas, as pessôas que pensavam do mesmo modo, em sinal de perfeito acôrdo, levantavam-se, uma em frente da outra, espalmavam as mãos e tocavam se. Quando despediam o *santo*, a saudação consistia em apertarem as mãos esquerdas. No *Pegi* ou junto de altas dignidades, o cumprimento ou saudação, já se fazia diversamente. A mulher, cujo santo tutelar era masculino, deitava-se de bôrco, no sólo, sustentando o corpo, apenas, nas palmas das mãos e nas pontas dos pés. Se o protetor era feminino, a pessôa deitava-se de lado, tendo a cabeça sôbre o braço e

voltava-se para o lado oposto, do mesmo modo. Depois, levantava-se e tocava a cabeça no chão.

A INDÚSTRIA

Os africanos, depois de libertos, não possuindo ofício e não querendo entregar-se aos trabalhos da lavoura, que haviam deixado, faziam-se ganhadores.

Em diversos pontos da cidade reuniam-se á espera de que fossem chamados para a condução de volumes pesados ou leves, como fossem: *cadeirinha de arruar,* pipas de vinho ou aguardente, pianos, etc.

Êsses pontos tinham o nome de *canto* e por isso era comum ouvir a cada momento: "chama, alí, um ganhador no canto". *(Vide estampa n. 18).* Ficavam êles sentados em tripeças a conversar até serem chamados para o desempenho de qualquer daqueles misteres. Aí também incumbiam-se êles de outros trabalhos: preparavam rosários de coquilhos com borla de retrós de côres; pulseiras de couro, enfeitadas de búzios e outras de marroquim oleado; fabricavam correntes de arame para prender papagaios, esteiras e chapeus de palha de *ouricori,* e bem assim vassouras de piassava; lavavam chapéus de Chile e de outra palha qualquer, e, concertavam chapéus de sol.

Uma vez por outra aparecia nos *cantos* o cabeleireiro ambulante que, não só rapava a cabeça, como também escanhoava o rosto dos parceiros.

Nas horas de descanso entretinham-se a jogar o *A-i-ú,* que consistia num pedaço de tábua, com doze partes côncavas, onde colocavam e retiravam os *a-i-ús,* pequenos frutos côr de chumbo, originários da África e de forte consistência. Entretinham-se largo tempo nessa distração.

Os panos da Costa vinham crespos, e êles os estendiam sôbre um tóro de madeira, em forma de cilindro, e com um outro menor, batiam-nos para abrandar a aspereza e dar-lhes lustro. Também renovavam os mesmos panos, tingindo-os.

Mostravam ainda tendências para as artes liberais, esculturando os símbolos feiticistas de sua seita, tão aperfeiçoados quanto possível.

Cada *canto* de africanos era dirigido por um chefe a que apelidavam *capitão,* restringindo-se as funções dêste a contratar e dirigir os serviços e a receber os salários. Quando falecia o *capitão* tratavam de eleger ou aclamar o sucessor, que assumia logo a investidura do cargo.

Nos *cantos* do bairro comercial, êsse ato revestia-se de certa solenidade á moda africana:

Os membros do *canto* tomavam de empréstimo uma pipa vasia em um dos trapiches da rua do Julião ou do Pilar, enchiam-na de água do mar, amarravam-na de cordas e por estas enfiavam grosso e comprido caibro. Oito ou doze etíopes, comumente os de musculatura mais possante, suspendiam a pipa e sôbre ela montava o novo *capitão do canto,* tendo

Estampa XX — Ganhador africano

Estampa XXIII — Crioula em grande gala.
A mãe do terreiro do Gantois. Pulcheria
Maria da Conceição

em uma das mãos um ramo de arbusto e na outra uma garrafa de aguardente.

Todo o *canto* desfilava em direção ao bairro das Pedreiras, entoando os carregadores monótona cantilena, em dialeto ou patuá africano.

Na mesma ordem, tornavam ao ponto de partida. O *capitão* recem-eleito recebia as saudações dos membros de outros *cantos,* e nessa ocasião, fazia uma espécie de exorcismo com a garrafa de aguardente, deixando cair algumas gotas do líquido.

Estava assim confirmada a eleição.

A LENDA

Na intimidade, o africano, sempre alegre, conversador e folgasão costumava dar expansão ás suas máguas contando histórias de macacos, e bruxarias outras que ouvira na terra natal, sendo a que se segue, uma de suas lendas mais divulgadas entre nós.

«O Padre Eterno mandara vir os representantes das diversas raças á sua presença, para distribuir com elas algumas graças. A raça branca, sempre ávida de poderio e grandeza, não se fizera esperar, acudindo logo ao chamamento, com a máxima presteza. A raça preta, porém, deslumbrada pelo convite, demorou-se mais do que era preciso na viagem, a cantar e a dansar. Chegando ao lugar determinado, o Eterno já havia terminado a audiência, e,

não lhe fôra mais possível a outorga de privilégios, pois o branco mostrou-se tão exigente que, não satisfeito com o que lhe fôra reservado, obteve o que devera pertencer aos outros. Assim, á raça preta não aproveitou o brocardo popular: *Antes tarde do que nunca*".

*

* *

O africano costumava enfeitar o corpo das crianças colocando no pescoço e na cintura corais e contas de tamanhos diversos, notadamente o — *Laguidibá*. (1) Os adultos, porém, traziam pendentes do pescoço um patuá ou amulêto, pequena bolsa de couro contendo um objeto pertencente ao anjo da guarda, como fosse: *uma conta de santo*, um búzio, um pedacinho de *mil homens*, ou de *arruda, um dente de alho, raiz de Dandá* (1) como preservativo de olhado ou malefício. Fica subentendido que para isso era mistér invocar os *encantados* para a determinação do preceito.

CARACTERISTICO DAS DIVERSAS TRIBOS

As diferentes tribos africanas aqui domiciliadas apresentavam caracteres especiais: as mais amoro-

---

(1) *Laguidibá* — espécie de contas pretas trabalhadas em chifres de boi.

(1) *Dandá* é a raiz de uma graminea que introduzida na bôca abrandava o mau humôr da pessôa com quem se tratava negócio.

sas, quanto á função da maternidade, foram as mulheres *Gêges Ige-chás e Egbás* que também se distinguiram pela correção escultural; não tinham o rosto recortado de linhas e costumavam pintar a pálpebra inferior, com uma tinta azul, por faceirice ou enfeite. Entre as mais peritas na arte culinária destacavam-se *Angola, Gêge* e *Congo;* as bôas amas de leite foram — *Aussá* e *Ige-chá* consideradas de índole mais branda.

As tribos *Gêge, Congo, Angola* e *Mina* distinguiam-se pela sensualidade, pelo porte senhoril e maneiras delicadas e insinuantes; por isso chegaram a confundir-se com as crioulas elegantes.

Trajavam com apurado gôsto e porfiavam em não se confundirem com as das outras tribos, como se quisessem disfarçar a sua origem africana. As *Gêges* e *Angolas,* especialmente, imolavam o seu amôr aos oriundos do país e despresavam os parceiros; mas, se foram casadas na terra do seu nascimento e aqui encontravam os maridos davam-lhes toda a preferência. A mulher africana, por fôrça da seita, dava o tratamento de — *Senhor* ao marido.

Em geral, as mulheres *Gêges* possuiam nádegas salientes, e talvez houvessem servido de modêlo á *Venus Hottentote.*

Das tribos africanas, as que assimilaram melhor a nossa civilização foram *Angolas, Gêges, Congos* e *Minas.* Destas últimas escreveu, com muita propriedade, um publicista nacional: "... a negra *Mina*

apresentava-se com tôdas as qualidades para ser uma excelente companheira e uma criada útil e fiel.

«Escrava, resistente a todos os trabalhos, sadia, engenhosa, fina, sagaz, cautelosa, ao mesmo tempo que nutria um fogo inextinguível, ela sabia dirigí-lo e aproveita-lo em benefício da própria prole. Com semelhantes predicados e nas condições precárias em que no primeiro e segundo século se achava o Brasil em matéria de belo-sexo, era impossível que a *mina* não dominasse a situação. E, de feito, em toda a parte do país onde houve escravatura ela influiu poderosamente sôbre o galego e vacinou a família brasileira».

«Não possuindo fôrça intelectiva para elevar-se sôbre a fatalidade de sua raça, ela empregava toda a sua sagacidade afetiva em prender o branco e a sua gente na tepidez do colo macio e acariciador». (1)

A mulher africana tinha o hábito de trazer ao pescoço umas contas claras, de forma arredondada, para o efeito de aumentar a produção do leite, costume que também era peculiar ao indígena do Amazonas.

"O leituário de *Traz os Montes,* a conta leiteira da Beira Alta, não são mais do que — *muyrakitãs,* filhos da reminiscência supersticiosa da Ásia e da falta da rocha primitiva. A mesma crença portuguêsa, de que o uso dessas contas, quando uma mulher amamenta, faz o leite aumentar, leva também a ta-

(1) Araripe Junior — *Gregório de Mattos.*

púia a regeitar o *Muyrakitã* verde pelo amarelado porque quanto mais claro fôr mais leite produzirá». (Barbosa Rodrigues — *O Muyrakitã* — p. 106 — 1889).

TIRAR A MÃO DA CABEÇA

Esta expressão é técnica e tem a sua significação no ritual feiticista. Por falecimento da *mãe* ou *pai* de terreiro, uma das primeiras cerimônias em homenagem á memória do extinto consiste em *tirar a mão da cabeça.*

Quem assumiu a direção do candomblé designa um dia, de ordinário depois dos sufrágios pela alma do antecessor, para realização daquele ato. Cada *pessôa feita* contribue com a quantia de cinco mil réis, e mais uma navalha nova, pombos, galinhas, patos, etc. No dia marcado reunem-se todos na casa do candomblé. Aí o indivíduo mais idoso toma da navalha que trás um dos presentes, e com ela procede á depilação da cabeça. A' medida que se vai concluindo essa operação sacrifica-se uma das aves e o sangue é derramado na cabeça depilada, sendo que as mulheres o conservam coagulado até o dia seguinte, quando procedem á lavagem da cabeça.

Êste preceito é de rigor e tem por fim obstar a que seja vítima de algum malefício a pessôa que o deixar de observar.

DO CARNAVAL

O explorador português Serpa Pinto conta que assistiu, em África, a uma festa carnavalesca, e a descreve desta fórma:

«No dia 20, (Junho) de manhã, veio um enviado do *sova* dizer-me que, por ser então a época em festejavam uma espécie de carnaval, o *sova* para me fazer honra, viria no meu campo mascarado e dansaria diante de mim. Pelas oito horas chegaram os batuques, e juntou-se grande concurso de povo. Meia hora depois, apareceu o *sova,* com a cabeça metida em uma cabeça pintada de branco e preto, e o enorme corpo aumentado por uma armação de varas de liconde, igualmente pintado de branco e preto. Um saio de clinas e caudas de animais completavam o trajo».

Na cidade de Lagos, no mês de Janeiro, ha uma diversão pomposa, em que se exibem indivíduos mascarados, diversão que designam pelo vocábulo — *Damurixá* — festa da rainha. Nesta, apenas tomam parte os indivíduos filiados ao clube que se encarrega da festa, não sendo facultativo a quem quisesse mascarar-se.

O Soberano com os seus ministros participam daquele divertimento, recolhendo-se antes de terminar para, com as formalidades régias, agradecer.

Em 1897, fôra aqui realizado o carnaval africano, com exibição do *Clube Pândegos d'África,* que

levou a efeito a reprodução exata do que se observa em Lagos. O préstito fôra assim organizado: na frente iam dois príncipes bem trajados; após êstes, a guarda de honra, uniformizada em estilo mouro. Seguia-se o carro conduzindo o *rei,* ladeado por duas raparigas virgens e duas estatuêtas alegóricas. Logo depois via-se o adivinhador á frente da charanga, composta de todos os instrumentos usados pelo feiticismo; sendo que os tocadores, uniformizados à moda indígena, usavam grande avental sôbre calção curto. O acompanhamento era enorme; as africanas, principalmente tomadas de verdadeiro entusiasmo, cantavam, dansavam e tocavam durante todo o trajeto, numa alegria indescritível. Acerca dessa festa o *Jornal de Notícias,* de 15 de Fevereiro de 1899, assim se externou: «Os clubes vistosamente se apresentaram recolhendo aplausos e saudações dos seus adeptos numerosos. Foram êles: *A Embaixada Africana* e os *Pândegos de África,* já apreciados do nosso público, porquanto desde uns três anos disputaram-se a palma nessas festas, cuja animação é de justiça dizer, muito lhes deve, pelo capricho com que as sustentam; ambos, ontem, percorreram luzidos e bem dispostos um longo itinerário em que receberam, por vezes, ruidosas ovações, sendo grande o acompanhamento de povo que lhes dava guarda de honra.

"O Estandarte da *Embaixada* era empunhado pelo rei *Ptolomeu — Faraó* sôbre um grande elefante; e o dos *Pândegos de África,* pelo rei — *Lobossi* á

sombra de uma enorme concha, cada um deles tendo pagem aos lados e acompanhados de guarda de honra».

«Foram dois carros bonitos, bem preparados. O préstito dos *Pândegos* fechava com um carro representando a tenda de Pai-Ojôu; o da Embaixada, com uma crítica».

DOS FUNERAIS

Pelo falecimento de qualquer membro da seita, os outros tomam luto, especialmente as mulheres. Acreditam que apesar da cessação da vida, o espírito do morto páira ainda entre os vivos, cumprindo, portanto, apartá-lo. De volta da necrópole, no dia do enterramento, reunem-se para cantar e dansar até á véspera da missa do sétimo dia: é o *Achêchê,* cerimônia preliminar dos sufrágios. Acabada a missa, no Convento de S. Francisco, o templo preferido, reuniam-se de novo para repetir as dansas e cânticos ao som dos tabaques, durante o dia, terminando sempre ás seis horas da tarde, quando todos se retiravam.

Esta cerimônia representava preces pelo espírito. Na véspera da missa de ano, á noite, o africano *médium* que não exercia outra função na seita, reunido ás pessôas interessadas, em uma sala, colocava no chão uma bacia com água e a folha correspondente ao santo do morto, pronunciava algumas

Estampa XXIV — Dos instrumentos músicos

palavras cabalísticas que eram repetidas pelas pessôas presentes. Com um pequeno cipó batia três vezes no chão, o que equivale a invocar o espírito do morto. Acudindo ao chamamento, o *médium* perguntava si o espírito fôra chamado por Deus ou enviado por alguém. Depois da resposta, o espírito fazia revelação, dava consultas e conselhos, ditava ordens para serem cumpridas.

DOS INSTRUMENTOS MÚSICOS

N. 1. *Chéré* ou *Chéchéré*. E' uma vasilha de cobre contendo calháus, espécie de chocalho, tido como objeto de mistério. Sacudido que seja as *filhas de santo* ficam alvoroçadas: pertence a *Changô*.

N.ºs 2 e 3. *Adjá*. Campas de metal amarelo: convidam os crentes para assistir á cerimônia e *dar comida ao santo*.

N.º 4. Pequenos *Batás*. Tabaques de Madeira côncava que o africano traz a tiracolo batendo com a mão esquerda no círculo menor; e com a direita segura uma espécie de maceta com que bate no círculo maior do instrumento. São enfeitados de guizos. Os *Batás* são empregados nas cerimônias externas, como seja: festa da Mãe d'Água, etc.

N.º 5. *Ilú*. Tabaque grande. O tocador bate com a mão esquerda de modo a produzir um som surdo, abafado; e com a direita fere o som forte servindo-

se da baqueta N. 11, que é ao mesmo tempo o baixo marcador do compasso na música.

N.º 6. *Afofiê*. Pequena flauta de taquara com bocal de madeira.

N.º 7. Tabaque médio e menor tocados com as baquetas N. 10.

N.º 8. *Agôgô*. Instrumento de ferro, cujo som é produzido por uma das baquetas N. 10.

N.º 9. *Agê*. Piano de cúia.

Cabaça grande, envolta num trançado de algodão, á semelhança de rêde de pescaria, tendo presos pequenos búzios nos pontos de intersecção das linhas. Esta rede fica um pouco folgada em torno da cabaça, de modo que agitada esta produza ruido, que é aumentado pelo rolar de alguns seixos no interior do instrumento. *(Vide estampa N.º 24)*.

Batá-côtô — (tambor de guerra). Era um tabaque usado principalmente pela tribo *Egbá*, por ocasião dos levantes. Consistia numa grande cabaça, coberta na parte superior por um pedaço de couro que produzia um som infernal, diferente de outros.

Depois da insurreição de 1835 fôra proibida na Alfândega o despacho dêsse elemento de desordem. Efetivamente, tinha razão o fisco: quando o africano ouvia o toque do *Batá-côtô* ficava alucinado.

*

* *

Encerramos êste capítulo com algumas sauda-

ções aos diversos «santos» por ocasião dos festejos, anuais, seguidas dos cânticos e respectiva música:

Ia mim ô êjê kolê jô.
Ia mim ô ôpokê la uá ô.

(Nossa mãe é sem igual, entre as mulheres, junto ao Onipotente).

*

* *

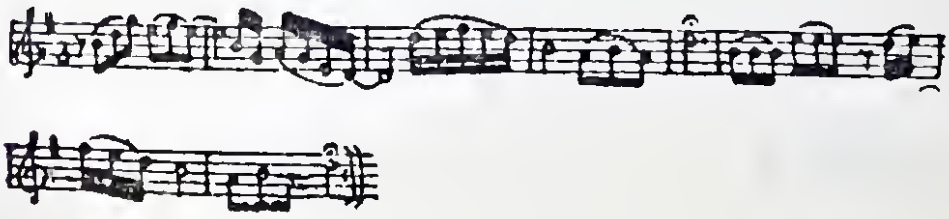
Egbêji mori ô ri, okorim-kam
Orolu mori ô ri okorim-kam.

(Poderoso, eu vos conheço como o primeiro homem).

CÔRO

Ôkum-kum biri-biri
A ja lê mori ô korin-kam.

(Mesmo nas trevas eu vos distingo como poderoso).



A orêrê aiê ourixà loman,
Iá ochê Egbeji orêrê, aiê.

(No mundo, nada está oculto para Deus).

CÔRO

Ô rôlu, ulô mon iá aochê

(Os santos que nos dominam).

*
* *

Mofi la do fê, auá — ô loquê.
Ô dê arolê, mofi dalofe. A uê bô-ô
Um loquê; ê i jô ô um á kiram.

(As nossas orações com as de outros formam um cântico de louvor ao Onipotente).

DOS MALÊS (1)

Foram os árabes que, no continente negro, se incumbiram de transmitir aos naturais as doutrinas do *Alcorão;* sendo que os Filanins, dentre as diversas tribos africanas, tornaram-se os mais fervorosos adeptos da seita, e, por sua vez, se constituiram pregadores, divulgando a religião maometana até onde lhes era possível.

Foram êles que ensinaram essa doutrina no alto Senegal, nas margens do *Falemê* e do *Casamansa.*

No século XVIII houve tentativa até de se estabelecer em toda a África, o islamismo, tão grande era então a propaganda dessa religião.

Os Achantis auxiliaram essa propaganda, fundando povoações onde davam asilo aos escravos fugitivos impondo-lhes, todavia, as doutrinas do *Alcorão.*

Dos africanos importados da costa de *Guiné* sobresairam os *Malinkes,* aqui conhecidos por — *Malês,* sectários do maometismo.

---

(1) Sem embargo das investigações com respeito ao vocabulário africano, não nos foi possivel acertar com a verdadeira estrutura morfológica do têrmo Malê. Pensamos, que é êle derivação um tanto forçada de *Malinke,* nome de tribo; mas, como *Malinke* obedecia á religião maometana, os demais africanos nunca empregaram êste vocábulo sinão o de *Mussurumim* como sinônimo de Mussulmano. O *Malê* evitava os atos do Catolicismo: em se lhe deparando uma procissão, ocultava-se; por isso, o feiticista lhe chamava protestante. (M. Q.).

Só reconheciam duas entidades superiores: *Olorum-u-luá* (Deus criador); *Mariama* (a Mãe de Jesus Cristo). Desprezavam a *Satanás,* que na opinião deles, não tem fôrça no mundo. Evitavam o mais possível as contendas e lutas; e, insultados que fossem, respondiam simplesmente: *Au-su-bilai* (Eu te esconjuro). Tinham como certo que o provocador não rezara naquele dia.

Usavam barba *á Cavaignac* como símbolo característico de sua crença.

Davam grande valor á educação dos filhos e não lhes permitiam que adotassem os seus costumes. Por exceção, alguns mandaram os filhos prepararse para sacerdotes da seita, outros pretenderam casar as filhas com os parceiros. Adotavam a poligamia como medida higiênica e eram metódicos em todos os seus atos. Costumavam escrever sinais cabalísticos sôbre quadros de madeira á imitação das tabuas de Moysés, servindo-se para isso de uma tinta azul, mineral, importada da África; depois lavavam os quadros e davam a beber a água, como indispensável para *fechar o corpo.*

As mulheres com esta tinta pintavam as pálpebras inferiores, como requinte de beleza. Aos domingos reuniam-se em casa do chefe local para ouvirem a pregação do evangelho mussulmano.

Observavam com grande apreço a higiene do corpo; e por isso praticavam a circuncisão aos dez anos de idade.

Recolhiam-se cedo aos seus aposentos de dormir, pois que, em geral ,o africano não se expõe ao sereno; e ás quatro horas da manhã levantavam-se para

FAZER SALA

que é a oração da manhã e da noite. Praticavam esta cerimônia por êste modo: sem trocar palavra com alguém, lavavam o rosto, as mãos, a planta dos pés, sentavam-se n'água, vestiam camisa comprida, calças, enfiavam na cabeça um gorro com borla caída, tudo de algodão, bem alvo, e, munidos de um rosário — *Tècèbá* — de cinquenta centímetros de comprimento, tendo noventa e nove contas grossas de madeira, terminado por uma bola em vez de cruz, davam comêço á oração, de pé, sôbre uma pele de carneiro.

Os homens colocavam-se á frente e as mulheres após. Quando rezavam pelas contas menores de seu rosário, conservavam-se sentados; passando ás maiores, equivalentes aos padre-nossos, levantavam-se. Nessa ocasião, com as mãos abertas e tendo o corpo inclinado, em demonstração de reverência, diziam: *Alláh-u-acubáru* — (Louvores a Deus). Em seguida, levantavam os olhos para o alto e os baixavam, com um gesto de saudação; com as mãos sôbre os joelhos faziam sinal de continência com a cabeça; proferiam algumas palavras e sentavam-se de lado, continuando a rezar pelas contas menores.

Quem podia, efetuava êsse exercício cinco vezes ao dia: primeiro — *Açubá;* segundo — *Ai-lá;* terceiro — *Ay-á-sari;* quarto — *Alimangariba;* quinto — *Adixá.* Finalizavam a oração dizendo: *Ali-ramudo-li-lai* (Louvor ao Senhor do Universo). A qualquer ato que o Malê tinha que praticar, antecedia a expressão: *Bi-si-mi-lai* — (Em nome de Deus clemente e misericordioso) (1). Terminada a oração cortejavam-se uns aos outros, dizendo: *barica-da subá* — (Deus lhe dê bom dia).

O lugar em que se pratica êsse ato chama-se — *Ma-ça-la-si* — (Oratório ou capela).

São estas as dignidades do rito — malê:

Xerife — espécie de profeta, cargo êsse só desempenhado por pessôa idosa, cuja opinião se respeita como um oráculo.

Lemane — uma espécie de bispo.
Ladane — o secretário.
Alufá — o simples sacerdote.

E' esta a oração do — Malê, correspondente ao — *Padre nosso* — do cristão:

Ali-ramudo lilái.
Rabili alamina.
A ramano araini.
Maliqui iáu midina.

---

(1) Esta palavra é assim escrita — *Bismillak*, que êles pronunciam — *Bi-si-mi-lai.* As expressões consignadas nesta monografia, tanto na linguagem árabe como na de outras tribos são escritas conforme a pronúncia.

Iá canan abudo.
Oiá canan cita-ino.
Errê diman cirata.
Ali mucitaquino.
Cirata alazina.
Ani-amutá alê-im.
Gair-le-mangalôbe.
A lei-y-uá-la-lobina.

A tradução é como se segue:

Louvor ao Deus senhor do Universo.
Oh Deus, ente misericordioso.
Soberano no dia da retribuição.
E' a ti a quem adoramos.
E' a ti a quem imploramos auxílio.
Guia-nos pelo bom caminho.
Pelo caminho daqueles que cumulaste de teus benefícios.
Não daqueles que incorrem na tua cólera, nem dos que andam mal encaminhados.

Outra *oração do Malê*:

Cula-ús Bìra binance.
Maliqui nance.
Illa-y-nance.
Mincherili-uá sua cili.
Aman — cilazi.

Iú a suisso.
Fi-sudunance.
Mina alijamante.
Ô-nanei.

EM VERNÁCULO:

Procuro um refúgio ao pé do senhor dos homens. Rei dos homens, Deus dos homens; contra a maldade daquele que sugere os máus pensamentos e se esconde. Que infiltra o mal nos corações dos homens: contra os gênios e contra os homens.

A MISSA DOS MALÊS — (SARA')

E' cerimônia que só se efetua por ocasião de grande regosijo na seita ou para sufragar as almas dos crentes no Alcorão. Pela manhã, era servida uma mesa, em que sobressaia a toalha muito alva, de algodão, ocupando a cabeceira o chefe *Lamane,* como lugar de honra. Após ligeira refeição, cada um, munido de seu rosário, ouvia do chefe estas palavras: *Lá-i-lá-i-la-lau, mama dú araçú-lu-lai. Sa-la-lai-a-lei-i-saláma.* (Deus único e verdadeiro, o seu profeta é quem nos guia). — *Acheádo-ana-lá-i-lá, i-la-lau.* (Vós sois o único Deus verdadeiro). *Acheádo-ana-mamadú ara-su-lulai.* (E teu profeta é o nosso mestre). *Ai-á-lá-li-salá.* (Eis as minhas preces). *Ai-á-la-li-falá.* (Eis o meu coração). *Cadeca-*

ma-i-salá. (No monte Sinai). Durante a celebração do ato religioso, as mulheres, de espaço a espaço, repetiam a frase: *Bi-si-mi-lai.* Em dado momento, o chefe levantava-se, dava as costas ao auditório, soerguia as mãos, descansava-as sôbre o peito, ajoelhava-se, baixava, em sinal de reverência e proferia as mesmas palavras do início: *Lá-i-lá, i-la-lau, ma-madú-araçú-lu-lai. Sa-la-lai-a-lei-i-salama.*

Isto feito, o chefe apertava as mãos de seus imediatos, e êstes das demais pessôas presentes, e estava terminada a missa. Em plena cerimônia, a dona da casa se dirigia ás pessôas presentes, cruzando os braços, e, na atitude de quem dobra os joelhos, proferia a seguinte saudação: *Barica da subá môtumbá* que quer dizer: Meus respeitos.

O CASAMENTO MALÊ — (AMURÊ)

Depois de tudo combinado, os noivos, padrinhos e convidados dirigiam-se, no dia aprazado, á casa do sacerdote. Ali reunidos, após ligeira pausa, o *Lemane* falava aos nubentes, inquirindo si o casamento era de livre vontade dos contraentes, aconselhava-os a que refletissem maduramente para que não houvesse arrependimento futuro. Decorridos alguns instantes cada cônjuge respondia que o casamento era de seu gôsto e de expontânea vontade. Ato contínuo, a noiva, vestida de branco, trazendo o rosto coberto por véu de filó, e o noivo de bombachas, no estilo turco, entregava uma corrente, e aquela colocava

num dos dêdos do noivo um anel, ambos de prata — era a aliança, — dizendo um ao outro: *Sadáca do Alamabi* — que quer dizer — Ofereço-vos em nome de Deus. Ajoelhavam-se e o *Lemane* dava comêço á cerimônia, dizendo os deveres de cada um; depois exortava-os a que procedessem bem, sem discrepância de suas obrigações. Por fim, erguiam-se os nubentes e beijavam a mão do sacerdote. Estava assim o ato concluido, retirando-se todos para a casa do banquete. Alí sentados, a noiva adiantava-se até o meio da sala, batia palmas, recitava uma canção e voltava ao seu lugar. Seguia-se o jantar de bôdas, constante de galinhas, peixes, frutas, etc., com exclusão de bebidas alcoólicas.

A união conjugal entre os Malês era um verdadeiro culto observado com rigor, do mesmo modo que a amisade fraternal. O Malê indigente não estendia a mão á caridade pública; os parceiros cotizavam-se e o amparavam.

De índole bôa, morigerados, não se imiscuiam, talvez por prescrições religiosas, nos levantes e insurreições, aqui tão comuns entre os outros africanos.

Severa e inflexível era sua moral.

A mulher que faltava aos deveres conjugais ficava abandonada de todos, ninguém a cortejava; mas, nem por isso, o marido podia tocá-la.

A' esposa infiel, apenas, se permitia ausentar-

se de casa, á noite, acompanhada por pessôa de confiança do marido.

*

* *

O feitiço do Malê é inteiramente diverso dos demais africanos. Escreviam em tábua negra o que pretendiam contra a pessôa condenada, apagavam depois com água os sinais cabalísticos, e o líquido era atirado no caminho transitado pela vítima.

Para destruir qualquer malefício possuia o Malê pequeno patuá ou bolsa que trazia ao pescoço, contendo uma oração em poucas palavras, a qual era encimada por um polígono estrelado regular de cinco ângulos, vulgarmente conhecido por — sígno de Salomão. E, assim, diziam êles, ficavam imunes de toda a feitiçaria.

O Malê não come toucinho, por gratidão, e em respeito á seguinte lenda:

Percorrendo o deserto, diversos propagandistas sentiram sêde e não encontraram o precioso líquido. Prosseguindo na peregrinação, eis que se lhes depara uma manada de suinos a fossarem em certo lugar. Aí se detiveram e algum tempo depois viram, surpresos, que a água jorrava da terra revolvida pelos porcos.

Os propagandistas afastaram os animais e mataram a sêde na torrente que então se formou.

*
* *

O cão é sagrado para o Malê; pois sendo o animal novo e livre de contacto com outros, a umidade de suas *narinas,* esfregada nas mãos e no rosto, faz que o adivinhador obtenha maravilhosas revelações.

Se o animal já se tiver dado ao vício e á procriação é considerado inservível ou impuro, e nesse caso não o deixam entrar em casa, devido ao hábito de farejar.

*
* *

Por muito tempo acreditou-se que o Malê tinha por hábito quebrar os ossos ou desconjuntar os seus mortos, no ato de colocá-los no caixão. Não é isso exato; apenas os deitam de lado e não de frente, como é costume.

O JEJUM DO MALÊ

Na semana em que a Religião Católica celebra a festa do Espírito Santo, começava o jejum anual do Malê, pela fórma seguinte: levantavam-se de madru-

gada, coziam o inhame e o pisavam para comer com *efó*, bola de arroz machucado ou furá, com leite e mel de abêlhas. As refeições eram feitas ás quatro horas da madrugada e ás oito horas da noite.

Durante êsse intervalo de tempo o Malê nem água bebia, assim como não absorvia a saliva. A's sextas-feiras não trabalhavam, por ser dia consagrado ás orações. O jejum é efetuado no intervalo de uma lunação, isto é, se começava na lua nova, terminava na lua nova seguinte. O cardápio era apenas constituido de inhame com azeite de cheiro e sal moido, bolas de arroz machucado com açucar e água, em grandes cúias. Nesse dia dansavam apenas as mulheres, trazendo em volta do pescoço uma faixa de pano que seguravam pelas extremidades. Quando uma terminava a dansa passava o exercício a outra, retirando o pano e com êle envolvendo o pescoço da parceira. Aquelas que possuiam certa ascendência social, além do pano no pescoço exibiamse nas dansas, com uma cauda de boi á imitação de espanejador.

No último dia do jejum realizavam grande festa em casa do maioral da seita, havendo missa. Nenhuma bebida alcoólica era usada nessa festa.

No ato de sacrificar o carneiro introduziam a ponta da faca na areia e sangravam o animal proferindo a palavra *Bi-si-mi-lai.*

Corresponde esta cerimônia ao sacrifício de Isaac.

A REVOLTA DE 1835

Não ha razão ou fundamento de verdade no fato de atribuir aos africanos Malês, o levante de 1835, nesta Capital.

De longa data, desde o domínio colonial, vinham os escravizados reagindo, por meio de insurreições, contra as barbaridades dos senhorios. Em todos êsses movimentos, figuravam como elemento de destaque, os *Nagôs* e os *Aussàs,* os quais, exerciam notória preponderância sôbre as outras tribos, notadamente, os *Nagôs,* por serem mais inteligentes; tanto assim que eram preferidos para determinadas profissões, como por exemplo: mestres de obras, carreiros, feitores de engenho e encarregados do fabrico do açucar.

O dr. Francisco Gonçalves Martins, chefe de polícia da época, em seu relatório, manifestou-se do seguinte modo: «Em geral, vão quase todos sabendo lêr e escrever em caracteres desconhecidos, que se assemelham ao *Árabe,* usado entre os *Aussás* que figuram terem hoje combinado com os *Nagôs*". O fato da proclamação dos insurretos ter sido escrita em grafia desconhecida semelhante á arábica, não quer dizer que sòmente os Malês podiam redigí-la, visto que africanos de tribos diferentes imiscuiam-se na seita maometana, sem contudo observar-lhe os preceitos, mas, por simples distração, como acontecia.

No Arquivo Público existem 234 processos de

revoltosos africanos, sendo: 165 *Nagôs*, 21 *Aussás*, 6 *Tapas*, 5 *Bornos*, 4 *Congos*, 3 *Cambidas*, 3 *Minas*, 2 *Calabares*, 1 *Ige-bu*, 1 *Benin* e 1 *Mendobi*, não se encontrando, porém, um só de *Malê*.

Pela tradução que então fez o Padre Etienne de um boletim dos revoltosos, verifica-se que entraram em combate mil e quinhentos (1500) africanos; pois bem: não se apurou nêsse número um só representante da seita maometana. Comparado o número de insurretos, conforme a indicação acima, vê-se que a maioria é de *Nagôs*, e imediatamente seguem, em número, os *Aussás*. Do exposto, torna-se evidente que, absolutamente, os Malês não tomaram parte no levante de 1835, que fôra, sem dúvida, o mais perigoso de quantos aqui se verificaram.

Propalou-se o boato de que os inglêses domiciliados na Bahia, a colônia estrangeira então mais numerosa, naquela época, foram os instigadores do movimento e fornecedores de armas: facas, espadas, chuços e pistolas.

O chefe de polícia em seu citado relatório, observa: «Também se notou que uma quantidade grande de insurretos eram escravos dos inglêses, e estavam melhor armados, devendo-se atribuir esta circunstância á menor coação em que são tidos por êstes estrangeiros, habituados a viver com homens livres».

Constou, na época, que o govêrno colheu provas materiais do crime, mas, prudentemente as desprezou, para evitar conflito com uma nação poderosa.

«Não se pode negar que havia um fim político nesses levantes; pois não cometiam roubos nem matavam seus senhores ocultamente».

Êsse levante tomou proporções tais que necessário foi, por lei n. 1 da Assembléia Provincial, de 28 de Março de 1835, suspender, por trinta dias, as garantias constitucionais para o efeito de se darem buscas em tôdas as casas e prevenir nova conflagração por parte dos africanos.

CANDOMBLÉ DE CABÔCLO

Os nossos indígenas, na simplicidade da sua existência errante, admitiam grande número de superstições, que eram os seus feitiços: uma aranha dissecada, fragmentos de sapo, produtos minerais trazidos ao pescoço, como amuletos, ou pendurados á entrada da taba, para desfazer ou destruir a surpreza do inimigo.

A catequese dos missionários proporcionou-lhes orientação diferente, baseada nos fastos do Catolicismo. De fato, o selvícola aceitou com agrado manifesto a nova doutrina, principalmente pelo efeito ou sedução da música.

Da convivência íntima com o africano, nas aldeias, ou nos engenhos, originou-se, por assim dizer, a celebração de um novo rito intermediário, incutindo-lhes no espírito idéas novas. Da fusão dos elementos supersticiosos do europeu, do africano e do selvícola originou-se o feiticismo conhecido pelo nome de *"Candomblé de Cabôclo"*, bastante arraigado entre as classes inferiores desta capital.

E' crença entre os sacerdotes e praticantes da seita, que são dirigidos por três entidades: — Jesus Cristo, S. João Evangelista e S. João Batista, tendo Jesus Cristo o nome particular de *Cabôclo Bom.*

Adoram com grande respeito o símbolo da Cruz; ao mesmo tempo que acreditam nas revelações dos ciganos quanto ao presente e ao futuro. A iniciação dos postulantes para a seita é efetuada numa choupana, na mata virgem, por espaço de trinta dias. Os encantos chegam á cabeça das mulheres, conforme o rito africano, notando-se que o preparo das ervas difere na quantidade e na qualidade, pois são empregadas, apenas, duas e entre estas distingue-se o arbusto silvestre denominado — Juréma. O cabôclo tem quizila como o africano, mas os castigos divergem para pior. Quem está com o *santo* corteja ás pessoas presentes segurando-lhes as mãos, dá dois saltos perpendiculares, abraça-as de um lado e do outro, faz-lhes algumas determinações, dá-lhes conselhos e retira-se.

Na época precisa é necessário festejar o santo, mandando celebrar uma missa. De volta do templo rezam o ofício de Nossa Senhora; isto feito, iniciam a função. As dansas são executadas num rítmo um pouco diferente do africano.

Os instrumentos são os mesmos, divergindo, porém, os toques de tabaques e os movimentos de braços e cabeças. Ha, no entanto, tribos africanas, em que os cânticos e movimentos coreográficos são inferiores aos dos cabôclos.

Nas festas, as refeições constam de peixe ou de aves e animais de caça: as ervas são de estimável valor.

As abóboras cosidas com a casca, de mistura com feijão e mel de abelhas constituem os manjares preferidos.

A's bebidas alcoólicas costumam adicionar certa quantidade do mesmo mel, assim como entrecasca de jurêma.

O azeite de dendê ou de cheiro não é admitido no condimento das iguarias.

O AFRICANO COMO COLONISADOR

CAPÍTULO I

PORTUGAL NO MEIADO DO SÉCULO XVI

Perdidas as pretenções de domínio, por infrutíferas que foram as resoluções audaciosas de altos cometimentos, no Oriente, as vistas da metrópole se voltaram, esperançosas, para a América Portuguêsa. Escreveu eminente publicista lusitano ,tratando da colonização do Brasil: «Legislamos, como se foram os portuguêses de além-mar os párias da metrópole. Governamos, como se o Brasil fôsse apenas uma herdade, onde trouxéssemos agages obscuros e opressos jornaleiros. Defendemos-lhe a comunicação e o trato de gentes peregrinas. Reduzimos a estanco e monopólio grande parte das suas mais valiosas produções.

«Proibimos-lhes que erigisse um tear, uma forja, uma oficina».

«Declaramos por atentado que um só prelo difundisse timidamente a sua luz naquelas regiões escurecidas. Condenamos, por subversivas, as sociedades literárias».

«Receiamos que a mínima ilustração do pensamento nos roubasse a colônia emancipada».

E ajuntava o mesmo escritor:

«O que nos sobra em glória de ousados e venturosos navegadores, mingua-nos em fama de enérgicos e previdentes colonizadores. Conquistamos a Índia para que extranhos a lograssem.

«Devassamos a China, para que utilizassem depois os seus comércios.

«Levamos ao Japão o nosso nome para que outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da Civilização Ocidental. Lustramos a África para que alheios povos, tachando-nos de inertes e remissos, nos disputassem o que não soubemos aproveitar.

«Dos infindos territórios que a nosso poderio avassalamos, resta-nos apenas no Oriente quanto de terra era sobeja para cravar como histórica tradição, a bandeira nacional». (1)

A respeito da ação civilizadora dos portuguêses no Oriente escreveu ainda notável historiador pátrício:

«Os portuguêses foram, sem dúvida, bons soldados e bons marinheiros, empreendedores, valentes e denodados, porém nunca foram conhecidos senão como conquistadores. Conquistaram grande parte

---

(1) Latino Coelho — *Elogio Histórico de José Bonifácio* — Lisbôa, 1877.

da África e da Ásia, e de suas conquistas só sabemos, que tantos mil Mouros ou Índios se tinham deixado degolar impunemente por tantos centos de portuguêses, em tal ou qual parte.

«Das regiões mais distantes apenas conhecíamos as riquezas que serviam de estímulo à cobiça dos novos argonautas; nada sabíamos, que pudesse interessar às ciências e às artes até que outros povos participassem igualmente de seus despojos: foi então, que pudemos conhecer as produções da natureza naqueles variados climas.

«Leiam-se as crônicas daqueles tempos, consultem-se os historiadores mais fiéis e se verá a longa série de façanhas ao lado de uma descrição pomposa de um rei prisioneiro ou convertido á fé pela espada de um aventureiro. Ruinas e sepulcros foram os monumentos que deixaram na Índia os portuguêses: muita glória, se queremos, e nada mais». (1)

Decidiu-se, pois, a metrópole portuguêsa a recuperar no Brasil o que perdera no Levante, e aqui os recursos de toda a ordem poderiam satisfazer às necessidades do momento, e, bem assim, assegurar-lhe próspero futuro.

Nessa faina, porém, de dobrar cabos e desbravar territórios infindos, em proveito alheio, esterilizou-se toda a febre de grandezas e poderio da nação portuguêsa, muito embora nas signas das suas caravelas

---

(1) General Abreu e Lima — *Esbôço Histórico, Político e Literário do Brasil.*

se envolvessem a «cupidez, ganância, fome de oiro, sêde de conquista». (1)

Iniciada a colonização com os piores elementos da metrópole, o índio insubmisso revoltou-se contra a tirania e injustiça de que fôra vítima, com a exploração da sua atividade nos trabalhos da lavoura.

Começaram então as lutas para a submissão dos selvícolas, as quais nem os próprios jesuítas conseguiram obstar ou atenuar.

O que a Companhia de Jesús conseguia com brandura persistente, com sua palavra repassada de carinho e de meiguice, o colonizador português ia destruindo pelo terror e pelo domínio da fôrça. De um lado, o afago e o desejo de uma aliança fraternal e durável; do outro, o castigo, as torturas, as sevícias, os tormentos inconcebíveis. O regimento dado a Tomé de Souza, primeiro governador, determinava: «Mais entretanto que negociar as pazes, faça o governador por colher às mãos alguns dos principais que tiverem sido cabeças dos levantamentos, e os mande enforcar por justiça nas suas próprias aldeias».

Com semelhante modo de colonizar, preferiram, pois, os pobres íncolas americanos refugiar-se entre os animais bravios, onde a liberdade fosse o mais valioso apanágio da sua vida errante. O parasitismo alçou o colo, deu combate em campo raso

(1) *Guerra Junqueiro — Discurso Republicano.*

com o apôio do govêrno, que participava dos lucros auferidos.

Por isso, o colono branco vinha com o espírito atormentado pela ganância, repetindo o estribilho da mãe pátria:

«Toda a prata que fascina
Todo o marfim africano
Tôdas as sêdas da China».

Com ansiedade devastadora atirou-se á emprêsa, confiante no resultado imediato. «Em tôdas as colônias espanholas e portuguêsas, um subsolo riquíssimo em minerais movia as ambições do imigrante.

«Só vinha para a América o homem tangido de esperanças e preocupações de fortuna rápida e fácil. Nenhum sentimento superior o animava: nem mesmo o sentimento da liberdade.

«O próprio despotismo era aceitável si se conciliava com o interêsse do momento». (1)

Mal sucedido com o indígena que abandonara o litoral para embrenhar-se na floresta vírgem, a metrópole mudou de rumo, e, a exemplo de outras nações da Europa, e, de parceria com o Árabe, firmou o seu detestável predomínio no celeiro inexgotável,

(1) Rocha Pombo - *História do Brasil.*

que fôra o continente negro, arrancou dali o braço possante do africano para impulsionar e intensificar a produção de cereais e da cana de açúcar e desentranhar do seio da terra o diamante e metais preciosos.

CAPÍTULO II

CHEGADA DO AFRICANO NO BRASIL — SUAS HABILITAÇÕES

A história nos afirma que, muito antes da era cristã, os árabes se haviam introduzido nos sertões do continente negro, e com maior atividade no século VII.

Missionários mussulmanos internaram-se em alguns pontos da África semeando os germens da civilização, abolindo a antropofagia e a abominável prática dos sacrifícios humanos.

Levando-se em conta o gráu de cultura atingido por êsses invasores, com tais predicados, não resta a menor dúvida de que foram êles os introdutores dos conhecimentos indispensáveis ao modo de viver do africano nas florestas, nas planícies, nas matas, nas montanhas, vigiando os rebanhos, cultivando os campos, satisfazendo assim ás necessidades mais rudimentares da vida. Acrescente-se a essa circunstância, a fundação de feitorias portuguêsas em diversos pontos do continente, e, chegar-se-á á conclu-

são de que o colono preto, ao ser transportado para a América, estava já aparelhado para o trabalho que o esperava aqui, como bom caçador, marinheiro, criador, extrator do sal abundante em algumas regiões, minerador de ferro, pastor, agricultor, mercador de marfim, etc. Ao tempo do tráfico já o africano conhecia o trabalho da mineração, pois lá abundava o ouro, a prata, o chumbo, o diamante e o ferro.

E como prova de que êle de longa data conhecia diversas aplicações materiais do trabalho veja-se o que diversos exploradores do continente negro dizem de referência ao que sôbre o objeto encontraram.

«Em Vuane Kirumbe vimos uma forja indígena, onde trabalhavam cêrca de uma duzia de homens. O ferro que se empregava era muito puro e com êle fabricavam os grandes ferros para as lanças de Uregga meridional, facas de uma polegada e meio de extensão, até ao pesado cutelo em forma de gládio romano.

«A arte de ferreiro é muito apreciada nestas florestas onde, em consequência do seu isolamento, as aldeias são obrigadas a fazerem tudo. Cada geração aprende por sua vez os processos tradicionais, que são numerosos, e mostram que o próprio homem das solidões é um animal progressivo e perfectível». (1)

---

(1) Stanley — *Através do Continente Negro* — Vol. 2.º pág. 362.

«Conhecem também os processos necessários para o fabrico de aço, pela combinação do ferro com o carbono e a têmpera». (1)

Para a exploração das minas na África precedia consulta aos deuses do feiticismo. Satisfeita esta pela afirmativa, iniciavam as *obrigações*, com dansas, fatura de *ebós*, matança de aves e animais para o melhor êxito da emprêsa. A's vezes não faltavam também os sacrifícios humanos.

Em meio do seu regosijo exclamavam: *"Devemos cavar a terra para enriquecer"*.

Não contentes com escravizar o índio brasileiro, destruindo-lhe tribos e nações inteiras, como se deu no Maranhão e no Pará, como se fez no Guairá, na zona do sul, no século XVII, e porque o escravo indígena era mui inconstante e menos seguro, sôbre ser uma propriedade muito controvertida entre os colonos e as autoridades, voltaram os colonizadores do Brasil vistas cobiçosas para as terras da África e daí retiraram a mais rica mercadoria que lhes não forneciam os selvícolas americanos. Os portuguêses saídos de uma zona temperada para se estabelecerem em um clima ardente, diverso do da metrópole, seriam incapazes de resistir ao rigor dos trópicos, de desbravar florestas e arrotear as terras sem o concurso de um braço mais afeito à luta nessas regiões

---

(1) Capello e Ivens — *De Benguella ás Terras de Yacca* — Vol. 1.º pág. 105.

esbrasiadas e combatidas pelo impaludismo devastador.

Ao reinol, pois, que trazia o propósito de enriquecer com menos trabalho, fácil lhe foi encontrar nisto razão e justificativa para se utilizar do colono negro, adquirido na África.

Sem isso, difícil senão impossível era pegar no país a colonização com elemento europeu, tanto mais quanto ao iniciar-se esta, afóra os serventuários da alta administração, as primeiras levas eram de degradados, de indivíduos viciosos e soldados de presídio.

Foi, portanto, mistér importar desde cêdo, o africano, e dentro em pouco tempo os navios negreiros despejavam na metrópole da América Portuguêsa e em outros pontos centenas e centenas de africanos, destinados aos trabalhos da agricultura e a todos os outros misteres. As próprias *expedições bandeirantes* não lhe dispensavam o concurso, pois que, de quanto podia servir o negro nada se perdia.

A primeira folheta de ouro encontrada na margem do Rio Funil, em Ouro Preto, coube a um preto bandeirante; bem como a descoberta do diamante «Estrêla do Sul». Laborioso como era, muito embora com o corpo seviciado pelos açoites do feitor, estava sempre o escravo negro, obediente às suas determinações, com verdadeiro estoicismo.

No fim do século XVIII começaram a exploração das minas. O tráfico africano aumentou de in-

tensidade, e as entradas do colono preto, no país, foram muitos maiores. Cresceu, portanto, a cobiça e o parasitismo tomou o aspecto de uma instituição social, com todo o cortejo de vícios e maldades.

No domínio espanhol, a plebe que na terra natal «grunhia na mais negra miséria, buscando no furto e na mendicidade diversão e remédio às torturas da fome, mas, julgando sempre o trabalho abaixo da sua dignidade», igualmente assumia proporções arrogantes de nobreza e valimento.

A idéia de riqueza fácil banira da mente do aventureiro faminto o amôr do trabalho, que era considerado uma função degradante. Por mais respeitável que fôsse a ocupação era ela desprezada pelos reinóis de pretensões afidalgadas. Esta circunstância, porém, favoreceu aos homens de côr nas aplicações mecânicas, e mesmo algumas liberais, cuja aprendizagem valia como um castigo infligido aos humildes, como se fôra ocupação infamante. Só a êstes era dado trabalhar. «Foi sôbre o negro, importado em escala prodigiosa, que o colono especialmente se apoiou para o arrotear dos vastos territórios conquistados no continente sul-americano. Robusto, obediente, devotado ao serviço, o africano tornou-se um colaborador precioso do português nos engenhos do norte, nas fazendas do sul e nas minas do interior» (1)

Com êsse elemento, o reinol ambicioso e trafi-

---

(1) Oliveira Lima — *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira.*

cante viu crescer a febre da descoberta dos diamantes e do ouro.

«Luxava-se por ingênua vaidade, por exagerada ostentação, por vanglória de enricados, por tédio sobretudo».

Uma testemunha da época, escreveu:

«Vestem-se as mulheres e filhos, de tôda a sorte de veludos, damascos e outras sêdas; e nisto teem grandes excessos.

«São sobretudo dados a banquetes, e bebem cada ano dez mil cruzados de vinho de Portugal e alguns anos houve que beberam oitenta mil cruzados dados em rol. Banquetes de extraordinárias iguarias... e agasalham em leitos de damasco carmezim, franjado de ouro e ricas colchas da Índia».

Sem esquecimento, já se vê, dos serviços de prata, palanquins, cavalos de preço com os respectivos guiões e selas de ouro, tudo adquirido pelo esfôrço do herói do trabalho que era o africano, escravo dócil e laborioso; pois o reinol acostumara-se a gosar o fruto do trabalho sem sentir-lhe o pêso.

CAPÍTULO III

PRIMEIRAS IDÉIAS DE LIBERDADE, O SUICÍDIO E A ELIMINAÇÃO VIOLENTA DOS SENHORIOS

O castigo nos engenhos e fazendas, se não requintava, em geral, em malvadêz e perversidade, era não raro severo, e por vezes cruel. Mas, apontavam-se com repulsa social, os senhores que disso abusavam. Ora era o escravizado prêso, conduzido pelo capitão do mato, que o obrigava a acompanhar os passos da cavalgadura; ora eram dois possantes escravizados de azorrague em punho a açoitarem a um parceiro, cortando-lhe as carnes, até expirar, na presença do algoz que assistia, satisfeito, àquela cena de canibalismo, vaidoso da sua incontida prepotência.

Ali, um escravizado prêso ao tronco e às vezes pelo pescoço, sob a ação do suplício da fome e da sêde, sem conseguir alcançar o alimento ou o vaso de água colocados propositadamente fóra do alcan-

ce das mãos, enquanto os roedores mordiam-lhe os pés.

Depois, é uma vítima que esteve no *vira-mundo,* amarrada ao costado de um animal e mandada atirar longe do povoado, para sucumbir à mingua de qualquer recurso.

A nostalgia apoderou-se dos infelizes; e o filho do deserto adusto, recordando a impetuosidade do vento, o murmurio brando da cascata, o éco adormecido das florestas do torrão natal, angustiado pelo rigor da escravidão cruel, mortificado de pesares, uma única idéia lhe perpassava na mente, um pensamento único lhe assaltava o espírito: a idéia sacrossanta da liberdade que êle tinha gravada no íntimo de sua alma.

E houve quem se apiedasse do seu infortúnio consagrando-lhe êstes consoladores versos:

Nas minhas carnes rasgadas,
Nas faces ensanguentadas
Sinto as torturas de cá;
Dêste corpo desgraçado
Meu espírito soltado
Não partiu — ficou-me lá!

Naquelas quentes areias,
Naquela terra de fogo,
Onde livre de cadeias
Eu corria em desafogo...

Lá nos confins do horizonte...
Lá nas planícies... no monte...
Lá nas alturas do Céu...
De sôbre a mata florida
Esta minha alma perdida
Não veiu — só parti eu.

A liberdade que eu tive
Por escravo não perdi-a;
Minh'alma que lá só vive
Tornou-me a face sombria.
O zunir do fero açoite
Por estas sombras da noite
Não chega, não, aos palmares
Lá tenho terra e flores...
Minha mãe... os meus amores...
Núvens e céus... os meus lares (1)

E como conquistar a liberdade?

Como adquirí-la ou reavê-la?

Os mais impacientes atiravam-se á correnteza dos rios ou ás águas revoltas do mar, atanazados por desespêro sem nome, na incerteza de obter o bem perdido, sem a mais tênue miragem da esperança, sob a esmagadora persuasão de ressuscitarem na terra amada.

«Seis escravos cantavam, como se nunca tives-

(1) José Bonifácio, o moço, *Saudades do Escravo.*

sem sentido a sua abjeção, nem o pêso do forcado que tinham no pescoço.

«Perguntei-lhes a causa da sua alegria: êles responderam-me que se regosijavam de vir depois da morte, atormentar e matar aqueles que os tinham vendido». (1)

Os estrangulamentos voluntários, as bebidas toxicas e suplícios outros foram os mais prontos recursos de que lançaram mão para extinguir uma existência tão penosa. Depois, entenderam os escravizados que o senhorio era quem devera padecer morte violenta, a que se entregavam os infortunados cativos.

Não vacilaram um instante e puseram em prática os envenenamentos, as trucidações bárbaras do senhorio, dos feitores e suas famílias. Era a vingança a rugir-lhes n'alma; era a repulsa provocada pelos desespêros que lhes inspirava o horror da escravidão. A perversidade de trato contra os escravizados torturava o paciente, e ao espírito acudia a represália mais extravagante.

Recorreram então à fuga e à ressistência coletiva, escondidos nas brenhas, onde organizaram verdadeiros núcleos de trabalho.

---

(1) David Livingstone — *Explorações africanas.*

CAPÍTULO IV

RESISTÊNCIA COLETIVA, PALMARES, LEVANTE PARCIAL

De quantos martírios aqui acabrunharam o coração da raça africana, teve esta, no entanto, um momento de expansivo desafôgo, quando desertando os engenhos e fazendas os escravos constituiram a confederação de Palmares, em defêsa de sua liberdade.

A Roma antiga, que tantos povos escravizou, viu um dia, estupefata e aterrada, um Spartaco à testa de um exército de escravos.

No Brasil a escravidão também impeliu o africano a suas revoltas, e ao seu desfôrço. Lá foi a guerra servil com todos os seus horrores; em Palmares os elementos aí congregados não tiveram por alvo a vingança: bem ao contrário o seu objetivo foi escapar à tirania e viver em liberdade, nas mais legítimas aspirações do homem.

Os escravos gregos eram instruidos tanto nos jogos públicos, como na literatura, vantagens que o

africano escravizado na América não logrou possuir, pois o rigor do cativeiro que não consentia o menor preparo mental, embotava-lhe a inteligência. Sem embargo, mostrou-se superior às angústias do sofrimento, e teve gestos memoráveis de revolta buscando organizar uma sociedade com govêrno independente. Conhecia as organizações guerreiras e se predispôs para a defêsa de sua cidadela de Palmares, e para as incursões oportunas no território vizinho e inimigo.

Não desprezava as melodias selvagens adaptádas aos seus cantos de guerra.

O escravo grego ou romano abandonando o senhorio não cogitava de se organizar em sociedade regular, em território de que por ventura se apoderava; vivia errante ou em bandos entregues à pilhagem.

A devastação, de que se fizeram pioneiros os escravos romanos inspirava terror a todos os que tinham notícias de sua aproximação. Os fundadores de Palmares não procederam de igual modo; procuraram refúgio no seio da natureza vírgem e aí assentaram as bases de uma sociedade, à imitação das que dominavam na África, sua terra de origem, sociedade aliás mais adiantada do que as organizações indígenas. Não era uma conquista movida pelo ódio, mas uma afirmação legítima do desejo de viver livre, e assim possuiam os refugiados dos Palmares as suas leis severas contra o roubo, o homicídio, o

adultério, as quais, na sua vida interna, observavam com rigor.

Não os dominava o ódio contra o branco; perdoaram e esqueceram mágoas, pondo-se a salvo, pelo amôr da liberdade, pois que toda a sua aspiração cifrava-se na alegria de viver livre.

Na sociedade de Palmares não medravam os vagabundos e malfeitores; a vida de torturas das senzalas substituira-se pelo conforto natural e aparelhado.

Quando o civilizado chegava até a entrar em dúvida, se o africano ou o indio tinha alma, e os mais tolerantes mal a concediam sòmente depois de batisado, o filho do continente negro dava provas de que a possuía, revoltando-se com indignação contra a iníqua opressão de que era vítima, e impondo à fôrça a sua liberdade e independência. «De todos os protestos históricos do escravo, Palmares é o mais belo, o mais heróico. E' uma Troia negra, e a sua história uma ilíada» (1)

«Palmares formam a página mais bela do heroismo africano e do grande amôr da independência que a raça deixou na América». (2)

A derrota de Palmares estimulou o senhorio no jugo ferrenho em que trazia o escravizado; era a reação requintada pela previsão do perigo. O escravo do recôncavo da Bahia, principalmente, era, no

---

(1) Oliveira Martins — *Portugal e as Colonias.*

(2) Rocha Pombo — *H. do Brasil* — vol. 2.º.

geral, mal-alimentado e não raro, por vestuário, possuía apenas a tanga de tênue pano de aniagem.

Mas o africano escravo não descansava, mantinha firme a idéia de conquistar a liberdade perdida, por qualquer meio. O Governador Conde da Ponte, em 1807, ordenara medidas severas contra os quilombos, que se multiplicavam em desmedida. Tornaram-se os senhores ainda mais cruéis, ao mesmo passo que aumentava o rancor e despertava a sêde de vingança, nos infelizes. Prova-o a série crescente de levantes, em toda a parte, qual mais, qual menos importante, seguidos de morticínios. A coragem dos revoltados a serviço da liberdade própria, não media sacrifícios, não se conformava com o injusto sofrimento. Era preciso lutar, e lutar muito, atendendo à desigualdade de condições.

«Incendido o ódio implacável no peito dêsses míseros humanos, pelos bárbaros castigos e máus tratos que lhes infligiam os senhores, era natural que explodisse uma conspiração infernal. Em 28 de Fevereiro de 1814, na Bahia, flagelados pela fome e desesperados pelo excesso de trabalho e pela habitual crueldade dos feitores, rebelaram-se, e armados assaltaram as casas e senzalas das armações, em Itapoã.

As tropas da Legião da Tôrre tiveram no mesmo dia vários encontros com os rebeldes junto de Santo Amaro de Ipitanga.

Os pretos investiam contra elas tão desespera-

dos e embravecidos que só cediam na luta quando as balas os prostavam em terra». (1)

A tropa, como de costume, procurava agir sem fazer mortandade, no intúito de poupar aos senhores a perda dos seus escravos rebelados. Mas êstes preferiam perder a vida lutando pela sua liberdade, e batendo-se com denôdo, desesperadamente. Não foram poucos os Spartacus africanos que no Brasil preferiram a morte ao cativeiro.

(1) *Dr. Carlos Brito* — Levante de Pretos na Bahia.

CAPÍTULO V

AS JUNTAS PARA AS ALFORRIAS

Extenuado por uma série de lutas constantes, cerceado por todos os meios, em suas aspirações, mas, firme, resoluto, confiante em seu ideal, o africano escravo não se desiludiu, não desesperou; tentou outro recurso na verdade mais conforme com o espírito de conservação — *a confiança no trabalho próprio.*

Conta-nos o infortunado escritor Afonso Arinos, no excelente artigo *Atalaia Bandeirante* — que a igreja de Santa Ifigênia, no Alto da Cruz, em Minas, guarda a lenda de um rei negro e toda a sua tribo, transportada para aquêle Estado como escravos, e «nivelados pelo mesmo infortúnio soberano e vassalos, êstes guardaram sempre ao rei a antiga fé, o mesmo amôr e obediência».

E acrescenta o mesmo escritor:

«A' custa de um trabalho insano, feito nas curtas horas reservadas ao descanso, o escravo-rei pagou a sua alforria.

«Fôrro, reservou o fruto do seu trabalho para comprar a liberdade de um dos da tribo; os dois trabalharam juntos para o terceiro; outros para o quarto, e assim, sucessivamente, libertou-se a tribo inteira. Então, erigiram a capela de Santa Ifigênia, princesa da Núbia.

«Ali, ao lado do culto à padroeira, continuou o culto ao rei negro, que, pelos seus, foi honrado como soberano e legou às gerações de agora a lenda suave do Chico-Rei».

Praticavam aqui na Bahia, quase o mesmo, os africanos. Ainda não existiam as caixas econômicas, pois que a primeira fundada na Bahia data de 1834, não se cogitava ainda das caixas de emancipação e das sociedades abolicionistas, antes mesmo de se tornar tão larga como depois se tornou a generosidade dos senhorios, concedendo cartas de alforria ao festejarem datas íntimas, e já havia as *caixas de empréstimo*, destinadas pelos africanos à conquista de sua liberdade e de seus descendentes, caixas a que se denominavam — «Juntas».

Com êsse nobilíssimo intúito reuniam-se sob a chefia de um deles, o de mais respeito e confiança, e, constituiam a caixa de empréstimos. Tinha o encarregado da guarda dos dinheiros um modo particular de notações das quantias recebidas por amortisação e prêmios.

Não havia escrituração alguma; mas, à proporção que os tomadores realizavam as suas entradas, o prestamista ia assinalando o recebimento das quan-

tias ou quotas combinadas, por meio de incisões feitas num bastonete de madeira para cada um.

Outro africano se encarregava da coleta das quantias para fazer entrega ao chefe, quando o devedor não ia levar, espontaneamente, ao prestamista a quota ajustada.

De ordinário, reuniam-se aos domingos para o recebimento e contagem das quantias arrecadadas, comumente em cobre, e tratarem de assuntos relativos aos empréstimos realizados.

Si o associado precisava de qualquer importância, assistia-lhe o direito de retirá-la, descontando-se-lhe, todavia, os juros correspondentes ao tempo. Se a retirada do capital era integral, nêste caso, o gerente era logo embolsado de certa percentagem que lhe era devida, pela guarda dos dinheiros depositados. Como era natural, a falta de escrituração proporcionava enganos prejudiciais às partes.

A's vezes, o mutuário retirava o dinheiro preciso para sua alforria, e, diante os cálculos do gerente o tomador pagava pelo dôbro a quantia emprestada.

No fim de cada ano, como acontece nas sociedades anônimas ou de capital limitado, era certa a distribuição de dividendos. Discussões acaloradas surgiam nessas ocasiões, sem que todavia os associados chegassem às vias de fato, tornando-se desnecessária e imprópria a intervenção policial.

E assim auxiliavam-se mutuamente, no interêsse principal de obterem suas cartas de alforria, e delas usarem como se se encontrassem ainda nos sertões africanos. Resgatavam-se, pelo auxílio mútuo do esfôrço paciente, êsses heróis do trabalho.

CAPÍTULO VI

O AFRICANO NA FAMÍLIA, SEUS DESCENDENTES NOTÁVEIS

> Percorrendo a história, deixando iluminar-nos a fronte a luz amarelenta das crônicas, não sabemos ao certo quem maior influência exerceu na formação nacional desta terra, se o português ou o negro. Chamado para juiz nesta causa, necessariamente o nosso voto não pertence ao primeiro. (Mello Moraes Filho).

A agricultura foi a fonte inicial e perene da riqueza do país.

Orientada por processos acanhados, rotineiros e superficiais, nem por isso deixou de medrar e desenvolver-se sob a atividade e influxo do trabalho escravo. Tôdo o esfôrço físico do africano caracterizava-se na idéia de se aproveitar a maior soma de produção agrícola, donde os colonizadores pudessem colher farta mésse de proventos, e só depois de delida a resistência muscular do escravizado pelos rigores do eito e da canícula e, sobretudo, pela idade, é que se

lhe permitia, em paga de tantas fadigas, entregar-se a outros misteres no interior dos lares, e isso quando a morte o não surpreendia em meio dos rudes labores dos campos.

Uma vez removido para o lar doméstico, o escravo negro, de natureza afetiva, e, no geral, de bôa índole e com a sua fidelidade a toda a prova, a sua inteligência, embora inculta, conquistava a estima dos seus senhores pelo seu sincero devotamento, e sua dedicação muitas vezes até ao sacrifício. Foi no lar do senhorio que o negro expandiu os mais nobres sentimentos de sua alma, colaborando, com o amor dos pais, na criação da tenra descendência dos seus amos e senhores, com o cultivo da obediência, do acatamento, do respeito à velhice, e inspirando simpatia, e mesmo amor, a todas as pessôas da família.

As mães negras eram tesouro de ternura para os senhores moços no florescimento da família dos seus senhores.

Dêsse convívio no lar, resultaram as diversas modalidades do serviço mais íntimo; surgiram então a mucama de confiança, o lacaio confidente, a ama de leite carinhosa, os pagens, os guarda-costas e criados de estima.

Trabalhador, econômico e previdente, como era, o africano escravo, qualidades que o descendente nem sempre conservou, não admitia a prole sem ocupação lícita, e, sempre que lhe foi permitido, não deixou jamais de dar a filhos e netos uma profissão

qualquer. Foi o trabalho do negro que aqui sustentou por séculos e sem desfalecimento, a nobreza e a prosperidade do Brasil; foi com o produto do seu trabalho que tivemos as instituições científicas, letras, artes, comércio, indústria, etc., competindo-lhe portanto, um lugar de destaque, como fator da civilização brasileira.

Quem quer que compulse a nossa história certificar-se-á do valor e da contribuição do negro na defêsa do território nacional, na agricultura, na mineração, como bandeirante, no movimento da independência, com as armas na mão, como elemento apreciável na família, e como o herói do trabalho em tôdas as aplicações úteis e proveitosas. Fôra o braço propulsor do desenvolvimento manifestado no estado social do país, na cultura intelectual e nas grandes obras materiais, pois que, sem o dinheiro que tudo move, não haveria educadores nem educandos: feneceriam as aspirações mais brilhantes, dissipar-se-iam as tentativas mais valiosas. Foi com o produto do seu labôr que os ricos senhores puderam manter os filhos nas Universidades européas, e depois nas faculdades de ensino do país, instruindo-os, educando-os, donde saíram veneráveis sacerdotes, consumados políticos, notáveis cientistas, eméritos literatos, valorosos militares, e todos quantos, ao depois fizeram do Brasil-colônia, o Brasil independênte, nação culta, poderosa entre os povos civilizados.

Do convívio e colaboração das raças na feitura dêste país procede êsse elemento mestiço de todos os

matizes, donde essa plêiade ilustre de homens de talento que, no geral, representaram o que ha de mais seleto nas afirmações do saber, verdadeiras glórias da nação. Sem nenhum esfôrço podemos aqui citar o Visconde de Jequitinhonha, Caetano Lopes de Moura, Eunapio Deiró, a privilegiada família dos Rêbouças, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Cruz e Souza, José Agostinho, Visconde de Inhomirím, Saldanha Marinho, Padre José Maurício, Tobias Barreto, Lino Coutinho, Francisco Glicério, Natividade Saldanha, José do Patrocínio, José Theófilo de Jesus, Damião Barbosa, Chagas — *o Cabra,* João da Veiga Muricí e muitos outros, só para falar dos mortos. Circunstância essa que nos permite asseverar que o Brasil possúi duas grandezas reais: a uberdade do solo e o talento do mestiço.

Tratando-se da riqueza econômica, fonte da organização nacional, ainda é o colono preto a principal figura, o fator máximo.

São êsses os florões que cingem a fronte da raça perseguida e sofredora que, a extinguir-se deixará imorredoiras provas do seu valor incontestável que a justiça da história ha de respeitar e bem dizer, pelos inestimáveis serviços que nos prestou, no período de mais de três séculos.

Com justa razão disse um patriota:

«Quem quer que releia a história
Verá como se formou
A nação, que só tem glória
No africano que importou».

OS HOMENS DE CÔR PRETA NA HISTÓRIA

DR. CAETANO LOPES DE MOURA

Contava dezoito anos de idade, quando se achou envolvido no movimento sedicioso de 1798. Era, então, professor de latim e conhecedor de outras disciplinas.

Por fugir à devassa que fôra logo aberta, emigrou para o estrangeiro, e conseguiu diplomar-se em medicina na Universidade de Coimbra. Entrando para o Corpo de Saúde do Exercito, militou na guerra da Península, como cirurgião-mór da Legião Portuguêsa. Depois dirigiu-se à França, que lhe oferecia mais vasto campo ás suas cogitações literárias e científicas, aí fixou residência e, finalmente, doutorou-se em medicina. Assim aparelhado para maiores empreendimentos, consagrou-se à clínica e dedicou os momentos de descanso ao estudo e aos trabalhos de gabinete. Nesse afã, compôs e traduziu do francês, do inglês e do alemão, obras de valor sôbre história, ciência e literatura. Serviu na Armada francêsa e fôra médico particular de Napoleão Bonáparte, de quem escreveu importante biografia. Gosou de grande reputação como homem de letras.

O ilustre helenista Odorico Mendes, disse a seu respeito: «O nosso ilustre compatriota é riquíssimo na linguagem». Velho, alquebrado e sem recursos fôra amparado pela munificência de D. Pedro II, que lhe concedeu modesta pensão que lhe proporcionou existência menos atribulada. Foi um baiano que exaltou a terra natal, principalmente, no estrangeiro, onde se impôs á admiração dos espíritos mais eminentes do Velho Mundo, pelos seus conhecimentos literários e profunda ilustração. Essa circunstância ainda mais realçava o seu valor intelectual porquanto se tratava de um homem de côr, originário de um país ainda hoje mal julgado por povos que se dizem propugnadores do progresso, da ciência, da arte e da literatura.

Eis a relação de trabalhos que deu à estampa, em original ou em versão:

1 — Os Incas ou a destruição do Império do Perú 1837
2 — D. Inês de Castro 1837
3 — O Talismã 1837
4 — Os Puritanos na Escócia 1837
5 — Os Natchez 1837
6 — Contos a meus filhos 1838
7 — O Derradeiro Moícano 1838
8 — O Pilôto 1838
9 — O Escossês na Côrte de Luiz XI 1838
10 — Arte de curar a si mesmo 1839

11 — Máximas e sentenças morais 1840
12 — Waverley ou ha dezoito anos 1844
13 — História dos cães célebres 1845
14 — Deus é todo puro amôr 1849
15 — História da guerra entre o Brasil e a Holanda de 1624 a 1654 1844
16 — Livro indispensável (coleção de receitas concernentes ás artes, ofícios e economia doméstica e rural) 1845
17 — Harmonias da Criação. Considerações sôbre as maravilhas da natureza 1846
18 — História de Napoleão Bonaparte, desde o seu nascimento até à sua morte 1846
19 — Dicionário Histórico, Descritivo e Geográfico do Império do Brasil.
20 — A Prisão de Edimburgo.
21 — Ivanhoé ou o Regresso do Cruzado.
22 — O Misântropo ou o anão das pedras negras.
23 — Misantropia e arrependimento.
24 — Arthur ou dezesseis anos depois
25 — Cartas de Heloisa a Abeilard
26 — Cancioneiro Alegre de El-rei D. Diniz
27 — Guia da conversação moderna (em francês e português)
28 — Auto-biografia do Dr. Caetano Lopes de Moura
29 — Estudo sôbre o direito do Brasil á Ilha da Trindade

30 — Tratado de Geografia Universal, física, política e histórica.
31 — Geografia elementar do Império do Brasil.
32 — Prefação e notas sôbre os Lusiadas de Camões.
33 — Epítome Cronológico da História do Brasil, para uso da mocidade.
34 — Mitologia da Mocidade.
35 — Jesús Cristo perante o século.
36 — Mês de Maria ou nova imitação da Santíssima Virgem.

PADRE EUTICHIO PEREIRA DA ROCHA

Ordenado sacerdote, dedicou-se ao ensino da mocidade, para o que fundou um colégio de instrução secundária, no qual lecionou filosofia. Anos depois, retirou-se para o Estado do Pará, onde exerceu o cargo de presidente do Convento dos Carmelitas e distinguiu-se no jornalismo político como valente polemista. Escreveu: CURSO RACIONAL E MORAL, em dois volumes; PSICOLOGIA, SENSIBILIDADE E ATIVIDADE DA ALMA; A CONSCIÊNCIA MORAL, e outros trabalhos que foram publicados no periódico CREPÚSCULO, na Bahia. Na qualidade de Cônego da Catedral do Pará e membro da Maçonaria sustentou forte discussão na imprensa com o Bispo D. Antonio de Macêdo Costa, a propósito da questão religiosa.

JOAQUIM MANUEL DE SANT'ANNA

Farmacêutico laureado pela Faculdade de Medicina, orador fluente, poeta, cidadão de merecimento elevado, versado de ciências naturais e cavalheiro da Ordem da Rosa.

Escreveu um compêndio de FILOSOFIA DA FAMÍLIA, que não deu á publicidade. Por muito tempo foi estabelecido com farmácia e laboratório químico, na cidade de Cachoeira, e por alguns anos, exerceu o cargo de secretário do Ginásio da Bahia. Faleceu como primeiro oficial da Biblioteca Pública.

EMILIO DE SANT'ANNA PINTO

Foi preferido no concurso para vigário colocado da freguesia de Abrantes, tendo como competidor o Dr. Antonio de Macêdo Costa, depois bispo do Pará e Arcebispo da Bahia.

Era Cônego honorário da Sé Metropolitana.

PEDRO VIEIRA DOS SANTOS

Cônego e Vigário da freguezia da cidade de Itaparica, cavalheiro da Ordem de Cristo.

DR. SYMPHRONIO OLYMPIO DOS SANTOS LIMA

Faleceu capitão médico do Corpo de Saúde do Exercito, na guarnição de Mato Grosso.

DR. SYMPHRONIO OLYMPIO DOS SANTOS PITTA

Diplomado pela Faculdade de Medicina, Faleceu capitão-tenente do Corpo de Saúde da Armada.

DR. JOSE' PAULO ANTUNES

Formado em medicina, em cuja Faculdade deixou o traço indelével de sua passagem como estudante distinto. Retirou-se para o Estado do Rio Grande do Norte, aí exerceu a clínica, e nessa profissão fez fortuna. Exerceu também o cargo de médico da Saúde do Pôrto.

DR. TIBURCIO SUZANO DE ARAUJO

Aluno-mestre pela Escola Normal, farmacêutico e doutor em medicina, e clínico conceituado. Era comendador pela Santa-Sé.

EMIGDIO AUGUSTO DE MATTOS

Aprendiz de pedreiro, logo que deixou a escola primária, abandonou pouco depois aquela arte pela de cabelereiro. Certa feita, resolvera um problema de aritimética que encontrara num compêndio dessa disciplina, originando-se o gôsto do estudo das matemáticas que cursou com o engenheiro Maia Bitten-

court, com tanto proveito, que ainda o tinha como discípulo amado.

Aconselhado pelo mestre, atirou-se resolutamente ao ensino, donde tirava os meios de subsistência para estudar as cultas matérias exigidas para a carreira de engenharia.

Em 1882, seguiu para o Rio de Janeiro e aí matriculou-se na Escola Politécnica, onde obteve aprovação distinta no primeiro e segundo anos do curso de engenharia civil, vindo a falecer no terceiro ano. Foi explicador de um dos netos do Sr. Pedro II, seu companheiro de turma, pois Emigdio Mattos não só estudava como explicava aos colegas as lições que deviam ser expostas em aula. Foi um triunfo a primeira vez em que o aluno baiano foi chamado á sabatina. Em meio á brilhante exposição, no quadro-negro, derivou a questão para matéria do segundo ano, dissertou e demonstrou a tése com tanta segurança, que o lente da cadeira lhe indagou do mestre que lhe ensinara matemática.

PROFESSORES

No último período do regimen monárquico a maior parte dos professores públicos primários desta capital e seus subúrbios, foram homens pretos. Os contemporâneos recordam-se com saudade, dêsses amigos da infância.

MANOEL FLORENCIO DO ESPÍRITO SANTO

O mais acatado dentre êles e uma das inteligências mais brilhantes do professorado. Escreveu RUDIMENTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, que teve muito aceitação, e um compêndio de sistema métrico decimal e Aritmética Elementar. Por ocasião de ser aposentado, um de seus pares, que se lhe concedia a aposentação, lamentava que o ensino primário ficasse privado das luzes de um eminentenente educador. Por muito tempo, ainda, dirigiu o «Colégio Florêncio», no prédio em que hoje funciona o Ginásio Ipiranga, ao Sodré.

MIGUEL MOREIRA DE CARVALHO

Obteve por concurso a cadeira de latim da cidade de Maragogipe. Depois por supressão dessa cadeira, exerceu o magistério primário, com proficiência, na freguezia da Vitória.

Com muito brilho, tomou parte nas conferência pedagógicas, nas quais discutiu questões de ensino com erudição.

MALAQUIAS PERMINIO LEITE

Fôra aluno laureado do acreditado «Colégio Sete de Setembro», estabelecimento de instruções secundárias, dirigido pelo ilustrado Luiz da França Pinto de Carvalho.

Perminio Leite, fôra mestre-escola de alto valor e excelente desenhista, premiado na Expedição de 1875.

SAMUEL FLORENCIO DE PASSOS

Fôra muito dedicado ao magistério primário e isto lhe valeu o justo conceito em que era tido. Escreveu um compêndio de aritmética elementar e um paleógrafo, para escola primária. Foi lente substituto de Metodologia da Escola Normal.

ELIAS DE FIGUEREDO NAZARETH

Começou a sua carreira no ensino primário, como professor d'aula prática de pedagogia da Escola Normal, e mais tarde foi promovido na cadeira de Geografia e História Universal e, finalmente, ocupou o cargo de diretor do mesmo estabelecimento.

Publicou um compêndio de DESENHO LINEAR, interessantes notas sôbre o antigo Liceu Provincial, hoje Ginásio da Bahia, de 1890, e bem assim, uma notícia histórica sôbre a fundação da Escola Normal. Foi comissionado pelo ministério do império para estudar os progressos do ensino primário nas repúblicas do Prata. Representou o govêrno do Estado e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, no Congresso de Geografia reunido em S. Paulo. Pertenceu a diversas associações literárias.

JOÃO PEREIRA DA CONCEIÇÃO

Escritor modesto, dedicado a estudos filosóficos.

André Gomes de Brito, Maximiano Soares Lopes, Manoel Luiz Gomes Vinhas, André Avelino de Souza, Francisco de Assis Trinchão, foram outros tantos professores primários que muito elevaram a causa do ensino.

Em outros tempos julgava-se o preparado de um moço pelo mestre com que cursou as primeiras letras.

*

* *

DR. PORFIRIO VELLOSO

Bacharel em direito, residiu na comarca de Inhambupe; fôra cidadão ilustrado, de muito prestígio e influência política.

DR. ELPIDIO JOAQUIM BARAUNA

Ainda estudante do quarto ano, seguiu para a campanha do Paraguai, como segundo cirurgião do Corpo de Saúde do Exercito.

DR. RUFINO JOSE' MUTAMBA

Foi estudante distinto desde o curso de preparatórios. Interno de clínica, por concurso, no Hospital da Misericórdia, faleceu primeiro tenente-médico do Corpo de Saúde do Exército.

DR. LEANDRO PAULO ANTIGONO

Bacharel em direito, faleceu juiz de direito, no Estado do Amazonas.

DR. JOSE' BONIFACIO DO PATROCINIO

Fez brilhante curso na Faculdade de Medicina, obtendo aprovações distintas até na sustentação da Tése de Doutoramento.

DR. ANSELMO PEREIRA LACERDA

Fez o curso primário e de preparatórios no «Colégio Florêncio». O seu tirocínio na Faculdade de Direito dêste Estado fôra galardoado com aprovações distintas. Retirou-se para o Estado do Amazonas e lá exerceu a magistratura como juiz de Direito.

JOÃO BAPTISTA HENRIQUE DE PAIVA

Distinguiu-se como abalizado organista da Catedral Metropolitana, professor de piano, versado na língua latina e funcionário da Secretaria Eclesiástica.

JOÃO BISPO DA IGREJA

Distinto professor de piano e concernista de mérito. Exibiu-se em diversas capitais do país, no-

tadamente no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, em presença de S. S. M. M. I. I., circunstância que lhe valeu a nomeação de mestre de capela da Sé Metropolitana e as honras de músico da Câmara Imperial. A Exma. Condessa de Barral e Pedra Branca ofereceu-lhe um piston de prata, instrumento em que era inimitável.

MANUEL ALVES

Exerceu as funções de embaixador de D. João VI, mais tarde também de D. Pedro I. Tomou parte ativa na revolução da SABINADA, em 1837. Sendo preso pela tropa do govêrno, foi recolhido ás galés do Arsenal de Marinha, onde morreu. Era cavalheiro da Ordem de Cristo.

Na mesma revolução, conquistou grande nomeada o famoso — SANTA EUFRÁSIA, que, vendo posta a prêmio sua prisão, com a condição de ser apresentado vivo, corajosamente suicidou-se ao ser capturado.

MANUEL GONÇALVES DA SILVA

Como tenente-coronel da LEGIÃO DOS HENRIQUES, comandou o 3.º batalhão de caçadores, notabilizou-se na guerra da Independência, em que, a seu pedido ocupou as posições mais arriscadas, saindo-se delas sempre vitorioso. Em 1824, por ocasião do assassinio do coronel Felisberto Gomes Caldeira,

Manuel Gonçalves, como oficial mais graduado da guarnição, assumiu o comando das armas e governou como presidente a provincia, até que serenasse os tumultos. Em 1826, foi elogiado por D. Pedro I, pela correção com que se apresentou no cortejo, com o seu batalhão luzido e bem disciplinado, excedendo a todos os outros nas manobras. E' um dos signatários da ata do juramento da Constituição Política do Brasil, nesta cidade, juntamente com as demais autoridades, em 3 de Maio de 1824.

FRANCISCO XAVIER BIGODE

Fazia o curso do seminário menor, quando abandonou a carreira eclesiática para seguir à das armas. Tenente-Coronel comandante do batalhão 92 de caçadores, depois de haver prestado reais serviços na guerra da Independência, e bem assim por ocasião do levante de africanos em 1835, foi assassinado pelas tropas pernambucanas, em 1837, como revoltoso, no quartel da Palma, onde se achava recolhido.

LUIZ GONZAGA PAU-BRASIL

Em 1834, foi eleito presidente da Câmara Municipal da capital. Tomou parte ativa na revolução de 1837. Estudou direito na Faculdade de Recife, mas não concluiu o curso.

FRANCISCO QUIRINO DO ESPIRITO SANTO

Veterano da Independência, organizou a primeira companhia de «Zuavos Baianos» e marchou para a campanha do Paraguai, no posto de capitão.

JOAQUIM DE SANT'ANNA GOMES

Exerceu o cargo de capitão ajudante de ordens do general Labatut, na guerra da Independência, e fôra organista da Ordem 3.ª de S. Francisco.

MANUEL FERNANDES DO O'

Capitão reformado de milícias e arquiteto.

NICOLAU TOLENTINO CANNAMIRIM

Fôra, em seu tempo, solicitador do Fôro, tendo grande clientela, vereador da Câmara Municipal e capitão do Exército revoltoso em 1837.

JOSE' SOARES CUPIM

Seguiu para a campanha de Paraguai, cómo segundo cadete-sargento, na primeira companhia de «Zuavos Baianos». Ali se portou com patriotismo e valor nunca desmentidos pelo povo baiano, em defêsa dos brios nacionais. Era sempre preferido para

comissões de reconhecimento, nas avançadas do corpo do Exército em que servia.

Certa ocasião, exasperou-se com a incumbência e bradou: «Porventura sou eu a féra do Exército destinada ás posições mais arriscadas»? «Não», respondeu-lhe o ajudante do Quartel-General, que lhe transmitira a ordem «Vossa senhoria é um oficial de valor provado no campo de batalha. Daí, a confiança de seus superiores».

Foi elogiado diversas vezes em ordem do dia, pela correção com que se portava nos ataques. Obteve a patente de capitão conquistada por acessos, as medalhas do Exército brasileiro e argentino e o diploma de cavalheiro da Ordem de Cristo.

Faleceu, terminada a campanha, já de volta á terra natal.

MARCOLINO JOSE' DIAS

Declarada a guerra do Paraguai, tinha o posto de sargento num dos batalhões da Guarda Nacional. Organizou a segunda companhia de «Zuavos Baianos» e seguiu para a campanha como tenente comandante da dita companhia.

Foi sempre elogiado por seus superiores pelo sangue frio e bravura com que se portava nos combates. Nestas condições, coube-lhe a glória de fincar o pavilhão brasileiro na tomada do forte de Curuzú, em 3 de Setembro de 1866, bradando com entusiasmo: «ESTA' AQUI O NEGRO ZUAVO BAIANO».

Obteve por essa ocasião a patente de capitão e o título de cavalheiro da Ordem do Cruzeiro, a mais nobre do império.

FELICIANO CANDIDO PIMENTEL

Abandonando o emprêgo que exercia no antigo Arsenal de Marinha, alistou-se no batalhão de Voluntários da Pátria, denominado PRINCESA LEOPOLDINA, e seguiu para a campanha do Paraguai, no pôsto de tenente. Terminada a campanha, voltou á terra natal como capitão e desempenhou as seguintes comissões do Ministério da Guerra: ajudante de ordens do general Deodoro da Fonseca, quando inspetor dos corpos de primeira linha e estabelecimentos militares, na Província da Bahia; ajudante do comando da fortaleza da Lage, por ocasião da revolta da Armada, em 1893, e faleceu tenente-coronel honorário do Exército, administrador do Depósito da Pólvora, na Bahia. Cavalheiro da Ordem da Rosa, possuia medalhas de campanha, inclusive á de MERITO MILITAR, com o passador número cinco.

CONSTANCIO LUIZ XAVIER BIGODE

Filho do tenente-coronel Francisco Xavier Bigode, já mencionado nesta notícia. Sentindo palpitar o amôr da Pátria, Constancio Bigode licenciou a ferramenta de operário e marchou para a campanha do

Paraguai, como primeiro cadete, na primeira companhia de «Zuavos Baianos». No Rio de Janeiro, foi promovido a segundo sargento e seguiu o seu destino.

Na batalha de Curupaiti, em 22 de Setembro de 1866, Bigode já cadete e sargento-ajudante do 47 corpo de Voluntários da Pátria, recebeu três ferimentos e ficou prisioneiro do ditador do Paraguai, onde permaneceu por espaço de dois anos e sete meses entre torturas sem nome. Exercia o cargo de contra-mestre de carapinas no Arsenal da guerra da cidade de IBICUÍ, quando foi restituido á liberdade pelo Exercito brasileiro, e mandado servir no 3.º batalhão de infantaria.

Tomou parte, ainda, nos combates de PERIBEBUÍ, CAMPO GRANDE e RECONHECIMENTO, portando-se de modo tal, que, pelo general em chefe do Exército, Conde D'Eu, foi promovido a alferes por atos de bravura depois a tenente e condecorado com o hábito da Ordem da Rosa.

CEZARIO ALVARO DA COSTA

Marchou para a campanha do Paraguai como cabo do 7.º batalhão de infantaria do Exército. Distinguindo-se sucessivamente nos combates, chegou á graduação de capitão da mesma arma, por atos de bravura.

Além das medalhas da campanha, possuia a de

MÉRITO MILITAR e o hábito de cavalheiro da Imperial Ordem do Cruzeiro.

FRANCISCO BARBOSA D'OLIVEIRA

Organizou a terceira companhia de «Zuavos Baianos», faleceu no Paraguai, no pôsto de capitão. Costumava encorajar os comandados, em combate, dizendo: «Avança, avança que a vitória é nossa».

Ainda se distinguiram os Tenentes: Nicolau da Silveira, cavalheiro da Ordem da Rosa, Firmino José das Dores, Bernardino de Sena Cajá, Eugenio Moniz e os Alferes: Emiliano José Miguel, José Quirino Catuladeira, André Fernandes Galiza.

ÍNDICE

MANUEL QUERINO E A SUA OBRA 5
BIBLIOGRAFIA DE MANUEL QUERINO. 13
A RAÇA AFRICANA E SEUS COSTUMES
NA BAHIA 17
Nos Sertões Africanos 23
Na América Portuguêsa 33
CULTO FETICISTA 45
Os Ourixas 45
Gunoco 45
O Pegi 51
O Inhame Novo 52
O Ifá 55
Olhar ou Adivinhar 55
A Festa da Mãe d'Água 56
Dar Comida à Cabeça 60
Fazer Santo 63
Quizila 71
Cair no Santo 73
Despachar o Santo 74
A Pedra de Santa Barbara 75
Lavagem das Contas 76
A Troca da Cabeça 77

Despacho 78
Do Ebó 78
Fazer Feitiço 80
O Ôgan 82
A Procissão 85
A Pragmatica 86
A Indústria 87
A Lenda 89
Caracteristico dos Diversos Tribos 90
Tirar a Mão da Cabeça 93
Do Carnaval 94
Dos Funerais 96
Dos Instrumentos Musicais 97
Dos Malês 101
Fazer sala 103
A Missa dos Malês 105
O Casamento Malê 107
O Jejum do Malê 111
A Revolta de 1835 112

CANDOMBLÉ DO CABOCLO 115

O AFRICANO COMO COLONISADOR 121

Portugal no Meiado do Século XVI 123
Chegada do Africano no Brasil 129
Primeiras Idéias de Liberdade 135
Resistência Coletiva 139
As Juntas para Alforria 145
O Africano na Família 149

OS HOMENS DE CÔR PRETA NA HISTÓRIA 153

Edições da

Livraria PROGRESSO Editora

OS GRANDES ROMANCES DO POVO

NOVENTA E TRÊS	Victor Hugo
O HOMEM QUE RI (2 volumes)	Victor Hugo
BUG JARGAL	Victor Hugo
O ÚLTIMO DIA DE UM CONDENADO	Victor Hugo
OS MISERAVEIS (5 volumes)	Victor Hugo
NOSSA SENHORA DE PARIS (2 volumes)	Victor Hugo
YAN D'ISLANDIA	Victor Hugo
OS TRABALHADORES DO MAR	Victor Hugo
O CONDE DE MONTE CRISTO	Alexandre Dumas
CLEOPATRA	Ridder Hagard

No Prelo:

ASCANIO	Alexandre Dumas
O FERREIRO DA ABADIA (2 volumes)	Ponson Du Terrail
OS MISTÉRIOS DE PARIS	Eugenio Sue

ESTANTE DE SOCIOLOGIA E DE POLITICA

OLHANDO PARA O FUTURO	Franklin D. Roosevelt
O INDIVIDUO E O ESTADO	Herbert Spencer
PROBLEMAS DE GOVÊRNO SOCIALISTA	Straford Cripps
LIÇÕES DE RUY	Heitor Dias
AS ORIGENS DO SOCIALISMO CONTEMPORANEO	Paul Janet
O SOCIALISMO	J. Ramsay MacDonald
UM GOVERNO MUNDIAL	R. Gadelha de Melo
O ANARQUISMO	Peter Kropotkine
A SUPERSTIÇÃO SOCIALISTA	R. Garofalo

No Prelo:

A LIBERDADE	Harold Laski
A REBELIÃO DAS MASSAS	J. Ortega Y Gasset
OS TEMPOS NOVOS	José Ingenieros
A FORMAÇÃO DO SOCIALISMO	Felicien Challaye
A GRANDE PROVA DAS DEMOCRACIAS	Julien Benda

OBRAS COMPLETAS DE CASTRO ALVES

ESPUMAS FLUTUANTES	Castro Alves
HINOS DO EQUADOR	Castro Alves
OS ESCRAVOS	Castro Alves
GONZAGA	Castro Alves
CORRESPONDENCIA E DISPERSOS	Castro Alves

COLEÇÃO DE ESTUDOS BRASILEIROS

PAGINAS DE HIST. DO BRASIL	Afonso Rui de Souza
A BAHIA DE OUTRORA (Edição ilustrada por Caribé e Ligia)	Manuel Querino
A ECONOMIA BRASILEIRA	R. Brito e G. Calmon
CORRESPONDÊNCIA DE RUY	Alonso Ruy de Souza
CULTURA E OPULÊNCIA DO BRASIL	André João Antonil
HISTÓRIA DO BRASIL (6 volumes)	Robert Southey
HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUÊSA	S. da Rocha Pitta

O ESTUDANTE NA HISTÓRIA NACIONAL	Renato Bahia
HISTÓRIA DE RUY BARBOSA	Rubem Nogueira
CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL	Luís da C. Cascudo
FRONTEIRAS DO BRASIL	João Ribeiro
O RIO S. FRANCISCO	Teodoro Sampaio
ARQUITETURA COLONIAL	Robert Smith
O BRASIL (Edição ilustrada)	Ferdinand Dénis
ANCHIETA	Pe. Pedro Rodrigues
OS HOLANDEZES NO BRASIL	A. Varnhagen
OS NATURALISTAS VIAJANTES	Theodoro Sampaio
A RAÇA AFRICANA	Manuel Querino

No Prelo:

DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL	
HISTÓRIA DO BRASIL (5 volumes)	Pe. Raphael Gallanti
A BAHIA DO SÉCULO XVIII (Edição ilustrada)	L. Santos Vilhena
UM NATURALISTA INGLÊS NO BRASIL	C. J. Fox Bunbury
DIARIO DA ESQUADRA DE LORD COCHRANE	Fr. M. M. P. Dores
O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL	Theodoro Sampaio
CORRESPONDÊNCIA DE JOAQUIM MARROCOS	Notas de A. Rui
MISSÃO NO BRASIL	Martin de Nantes
ASPECTOS DA ECONÔMIA COLONIAL	Anonimo
AMÉRICA MERIDIONAL	La Condamine

BIBLIOTECA MÉDICA

DETERMINAÇÕES CARDIACAS	José Silveira
INVESTIGAÇÕES PROPEDEUTICAS NA CIRROSE	
A ESCOLA TROPICALISTA BAHIANA	Renato Lobo
TUBERCULOSE E DOENÇAS DO APARÉLHO RESPIRATORIO (I e II) vols.	Renato Lobo A. Caldas Coni

OBRAS COMPLETAS DE EMILE ZOLA

No Prelo:

EMILE ZOLA (Estudo Crítico)	Hector Agosti
NANA	Emile Zola
POESIAS	Gonçalves Dias

ENSAIOS

A ARTE CULINARIA NA BAHIA	Manuel Querino
MARIA ANTONIETA E MARIA STUART	Saint Beuve
A ATLANTIDA	Pierre Termier
A LENDA DAS AMAZONAS	Gonçalves Dias
MODERNISTAS E ULTRAMODERNISTAS	Carlos Chiacchio
BIOGRAFIA DE MARIA QUITERIA	Fernando Alves
CIVILIZAÇÃO E MESTIÇAGEM	Thales de Azevedo
A DESUMANIZAÇÃO DA POLÍTICA	Nelson Sampaio
VISITA A TERRA NATAL	Ruy Barbosa
A LINGUA DO BRASIL	Luiz Viana Filho
A MOCIDADE E A POLITICA	Aliomar Baleeiro
A VIDA URBANA NA ROMA IMPERIAL	L. Friedlaender
RUY, UM ESTADISTA NO MINISTÉRIO DA FAZENDA	Aliomar Baleeiro
BOÊMIOS E SERESTEIROS BAHIANOS	Alfonso Ruy
A PSICOPATOLOGIA NA ARTE	José Ingenieros
O AFRICANO COMO COLONISADOR	Manuel Querino
DUAS PÁGINAS DA NOSSA HISTÓRIA (A carta de Caminha e os Regimentos do Govêrno Geral)	
A TROIA NEGRA	Nina Rodrigues
ENTRE OS INDIOS DO ARAGUAYA	Pe. E. M. Galais

O SEGREDO PROFISSIONAL DO ADVOGADO	E. C. de Menezes
PELAS VELHAS ESTRADAS DOS INCAS	Alex-Von Humboldt
EXISTIRÃO OUTROS PLANETAS HABITADOS?	Ettore Cezári
OS TIPOS CRIMINOSOS DE ZOLA	Scipio Sighle
O ROMANCE POLICIAL E A PSICOLOGIA DO CRIMINOSO	Scipio Sighle
ESTUDOS SÔBRE O AMOR	José Ingenieros
O CASO DREYFUS	Ruy Barbosa
TRES ESTUDOS DE HISTÓRIA	Alberto Silva
CONTRÔLE DAS FINANÇAS PÚBLICAS	Silvio Farias
A INVASÃO HOLANDESA DA BAHIA	Antonio Vieira
TRES ESTUDOS DE HISTÓRIA	Alberto Silva
RELAÇÃO DE TRABALHO RURAL	José Catharino

No Prelo:

A LITERATURA JUDICIÁRIA	Scipio Sighle
A LIBERDADE DE AMAR	Jimenez de Asua
O FUTURO DA CULTURA OCIDENTAL	Emmanuel Berl
A SOCIEDADE BURGUEZA E O AMOR	Emmanuel Berl
PROBLEMAS DE AMOR E CASAMENTO	Paul Haberlin
O CRISTIANISMO E A LUTA DE CLASSES	Nicolas Berdiaell
DEMOCRACIA E ANTI-DEMOCRACIA	José Maria Bello
WELLS, O PROFETA	Pinto de Aguiar
O PROBLEMA DA HABITAÇÃO	Pinto de Aguiar
A CIVILIZAÇÃO MEDITERRANEA	Oliveira Martins
O CRIME E A SUGESTÃO LITERÁRIA	Scipio Sighle
O NÊGRO E OS SEÚS COSTUMES	Manuel Querino
O RENASCIMENTO DO AMOR	José Ingenieros
A IMORALIDADE SOCIAL DE AMAR	José Ingenieros
WERTHER E D. JUAN	José Ingenieros
MULTIDÕES MISTICAS E DELINQUENTES	José Ingenieros
A VAIDADE CRIMINAL E A PIEDADE HOMICIDA	José Ingenieros
ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA	Teodoro Sampaio
DOIS ESTUDOS DE CRITICA LITERARIA	Saint Beuve
FUNÇÃO DINAMICA DAS BIBLIOTECAS	Pinto de Aguiar

METAPSIQUICA E OCULTISMO

NOS TEMPLOS DO HIMALAYA	A. Van Der Naillen
NO SANTUÁRIO	A. Van Der Naillen

OBRAS PRIMAS DA LITERATURA UNIVERSAL

O JOGADOR	Fedor Dostoiewsky
O ESPIÃO	Maximo Gorgi
O CRIMINOSO	François Copée

OBRAS PRIMAS DO ROMANCE UNIVERSAL

No Prelo:

CRIME E CASTIGO	Fedor Dostoiewsky
DEPOIS	Enrique M. Remarque
CONFISSÕES DE UM FILHO DO SÉCULO	Alfred Musset
O INTRUSO	Gabriel D'Anunzio
TARTARIN DE TARASCON	Alphonse Daudet
MARE NOSTRUM	Blasco Ibañez
RAPHAEL	A. Lamartine
ESPLENDORES E MISERIAS DAS CORTEZAS	Honoré de Balzac
MADAME BOWARY	Gustave Flaubert
JUDEUS SEM DINHEIRO	Michael Gold

OBRAS COMPLETAS DE JOSE' DE ALENCAR

JOSE' DE ALENCAR (Estudo Crítico)	Lafayete F. Spinola
O GUARANI (2 volumes) Pref. de Ronald de Carvalho	José de Alencar
O LICENCIADO (Continuação de "O Guarani")	Pompilio C. de Moura
SENHORA (Pref. de Lafaiete Spinola)	José de Alencar
IRACEMA - UBIRAJARA (Pref. de Machado de Assis)	José de Alencar

No Prelo:

AS MINAS DE PRATA (3 volumes)	José de Alencar
GUERRA DOS MASCATES	José de Alencar
O GARATUJA	José de Alencar
ALMA DE LAZARO — O ERMITAO DA GLÓRIA	José de Alencar
O TRONCO DO IPÊ	José de Alencar
O GAÚCHO (2 volumes)	José de Alencar
TIL	José de Alencar
O SERTANEJO (2 volumes)	José de Alencar
CINCO MINUTOS—A VIÚVINHA — ENCARNAÇÃO	José de Alencar
DIVA — LUCIOLA	José de Alencar
A PATA DA GAZELA	José de Alencar
SONHOS D'OIRO (2 volumes)	José de Alencar

POESIA

PRIMEIROS CANTOS	Gonçalves Dias
SEGUNDOS CANTOS	Gonçalves Dias
SELEÇÃO DE POEMAS	Carvalho Filho

No Prelo:

CANCIONEIRO BARROCO	Helio Simões
OS TIMBIRAS E VERSOS POSTUMOS	Gonçalves Dias
ÚLTIMOS CANTOS	Gonçalves Dias

BIBLIOTECA JURIDICA

O PODER DE REFORMA CONSTITUCIONAL	Nelson Sampaio
CRITICA DO TESTEMUNHO	C. Ayarragaray
A EVOLUÇÃO DO DIREITO	R. von Ihering
O DIREITO PURO	E. Picard
IDEOLOGIA E CIÊNCIA POLITICA	Nelson Sampaio
ESTUDOS DE DIREITO	Tobias Barreto
DO PECULATO	Demetrio Tourinho
CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA	C/Indice remissivo
MANUAL DE POLICIA	Antonio Matos
QUESTÕES DE DIREITO	R. von Ihering
ESTUDOS DE DIREITO DO TRABALHO	Orlando Gomes

No Prelo:

CÓDIGO FISCAL E EXECUÇÃO DE DIVIDA ATIVA	C/formularios
CÓDIGO DE MINAS	
CÓDIGO DE AGUAS E FLORESTAL	
CÓDIGO DE MENORES	
LEI DE FALÊNCIAS — NOTAS — FORMULARIO E INDICE DO	Prof. Gilberto Valente

COLEÇÃO DE CLASSICOS

OS 3 GRANDES ORADORES DA ANTIGUIDADE	Cezar Zama
PEQUENA HIST. DA LIT. GREGA	Julmar Cardoso
PROSADORES E POETAS LATINOS	Cezar Zama
ORAÇÃO DA CORÓA (com um estudo sôbre a civilização grega)	Demostenes - Latino Coelho

A DIVINA COMÉDIA (Trad. Barão da Vila da Barra - Notas de Xavier Pinheiro)	Dante

No Prelo:

ODISSÉIA (Trad. de Odorico Mendes)	Homero
ILIADA (Trad. de Odorico Mendes)	Homero
O AVARENTO	Moliere
FAUSTO (Trad. de Antonio F. Castilho)	Goethe

BIBLIOTECA DO PENSAMENTO CRISTÃO

FLOS SANCTORUM	F. I. J. Sarmento
IMITAÇÃO DE CRISTO — Trad. e Reflexões de	Roquete
CONFISSÕES	Santo Agostinho
HISTÓRIA SAGRADA	Roquete

No Prelo:

O GÊNIO DO CRISTIANISMO	Chateaubriand
OS MARTIRES	Chateaubriand
PERFIS DE SANTOS	Ernest Hello
O HOMEM E O MUNDO	Abbé Moreux

TEMAS DE NOSSO SÉCULO

A HUMANIDADE IMPOTENTE	Charles Richet
PARADOXOS	Max Nordau
O HOMEM MEDIOCRE	José Ingenieros
PARA UMA MORAL SEM DOGMAS	José Ingenieros
AS FORÇAS MORAIS	José Ingenieros
AS MENTIRAS CONVENCIONAIS	Max Nordau
O SÉCULO TARTUFO	Paulo de Montegazza

No Prelo:

OS CRIMINOSOS NA ARTE E NA LITERATURA	Enrico Ferri

ESTANTE DE PSICOLOGIA SOCIAL

A SIMULAÇÃO NA LUTA PELA VIDA	José Ingenieros

No Prelo:

AS LEIS DA IMITAÇÃO	Gabriel Tarde

LIVROS DE ARTE

CIDADE DO SALVADOR	Weldon Americano
AZULEJOS DE S. FRANCISCO	Silvanizio Pinheiro
BRASIL DE ANTANHO	Album de Gravuras
COLEÇÃO RECONCAVO	Carybé
QUADROS E MURAIS	Genaro Carvalho
ARTE BRASILEIRA	José Valadares
ARQUITETURA COLONIAL	Roberto Smith

ESTANTE DE ECONOMIA E FINANÇAS

AS ETAPAS DO CAPITALISMO	Laffon Montels
ASPECTOS DA PARAFISCALIDADE	Sylvio Farias

No Prelo:

O CAPITAL	Karl Marx
CRITICA A "O CAPITAL"	Wilfredo Pareto
A NATUREZA DO CAPITALISMO	Anna Rochester

ENCOMENDA N.º 26579
COMPOSTA E IMPRESSA NA
Tipografia Naval
RUA DR. SEABRA N.º 66
SALVADOR — BAHIA — BRASIL

UM LIVRO CLASSICO

HISTÓRIA DO BRASIL — ROBERT SOUTHEY

"A história não passa de uma frágil muleta no conjunto dos conhecimentos humanos, dizem os seus mais acérrimos inimigos. Um mesmo fato merece as mais diversas interpretações. Os mesmos documentos recebem aplausos e desconfianças, chegando-se a afirmativas sôbre dados falsos e a negações sôbre informações verídicas. Seja como fôr, a História, com tôdas as suas lacunas e mal-entendidos, ainda é o melhor madeirame para se fazer os andaimes que ajudam a levantar o roteiro da vida humana sôbre a terra. Por isso mesmo a História deve conter além de documentação, do relato pormenorizado ou não dos acontecimentos, aquela dose de arte e de beleza que emolduram as melhores realizações intelectuais do homem. A sociedade, os fatos, o tumulto dos políticos, a tragédia das guerras, o desprendimento dos heróis, a bravura dos mártires, a futilidade das reuniões sociais, todo o conjunto dos acontecimentos humanos para perdurar num livro de História exige mais que o relato simples e sêco, um leve frêmito artístico, capaz de lhe marcar a presença através do tempo, mesmo quando com a chegada das novas gerações, novas interpretações se fazem, apreciações mais rigorosas são aceitas e novas pesquisas modificam os sentimentos e as verdades até então estabelecidas. Em tôdas elas, porém, uma fôrça e um cimento deve prevalecer, sem o qual tudo desmoronará: a honesta verdade. Nesse sentido há uma História do Brasil que merece ser lembrada de quando em vez: a HISTÓRIA DO BRASIL, de Robert Southey, o inglês que dedicou o melhor de sua capacidade de trabalho e de sua inteligência para escrever em seis volumes uma grande história do Brasil, desde os primeiros dias até o Império. A tradução brasileira de Luís Joaquim de Oliveira e Castro e as anotações do Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro incorporaram definitivamente ao patrimônio cultural do Brasil êsse livro clássico de um autor estrangeiro sôbre o Brasil. Como todo historiador de sua época, Southey não escapou ao entusiasmo ou ao pessimismo, colocando em cada capítulo de sua monumental História a marca de seu espírito atilado, de suas observações, de suas críticas e de seus elogios ao novo mundo que surgia na América. Como êle abrangeu em seu livro também a presença dos espanhois no novo continente, sua História possui ainda a vantagem de englobar muitos elementos valiosos para os pesquisadores atuais, uma vez que Southey não desprezou o exaustivo estudo das fontes conhecidas e inéditas, procurando documentar-se o mais possível. Através de sua História do Brasil estendemos as raízes de nossos conhecimentos até os primórdios da nacionalidade e aprendemos como nossos antepassados lutaram e sofreram para nos legar um tão rico patrimônio, que nós devemos defender com amor e energia, para deixar a nossos filhos, não uma terra devastada e despojada, mas um país rico, próspero e pacífico".

Geraldo de Freitas